

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Aloisio de Melo Sousa

A CONSCIÊNCIA E SUA FORMAÇÃO NO VATICANO II.

**Bernhard Häring, *Optatam Totius* e suas consequências no processo de
discernimento na formação presbiteral**

MESTRADO EM TEOLOGIA

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Aloisio de Melo Sousa

A CONSCIÊNCIA E SUA FORMAÇÃO NO VATICANO II.

**Bernhard Häring, *Optatam Totius* e suas consequências no processo de
discernimento na formação presbiteral**

Dissertação apresentada a
banca examinadora como
requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre
em Teologia na PUC-SP, sob
a orientação do Prof. Dr. Fr.
André Luiz Boccato de
Almeida, OP.

São Paulo

2024

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – 88887.701962/2022-00. "

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – 88887.701962/2022-00."

Expresso aqui profundo agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPESPROSUC) pelo apoio com a concessão de uma bolsa modalidade II. De igual modo, agradeço à FUNDASP, pela concessão de desconto para a realização do curso de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Esse apoio financeiro foi fundamental para possibilitar a conclusão desta etapa de estudos e formação acadêmica.

À minha família, que sempre me apoiou em minha decisão por dedicar mais algum tempo de minha vida à pesquisa teológica, me deu forças para não desistir nas adversidades.

Aos meus superiores, Bispos, reitores, que me ajudaram e incentivaram a seguir para esse desafio no meio acadêmico, mostrando-me caminhos que eu não seria capaz de descobrir sozinho.

Aos meus amigos (as) e paroquianos (as), que pude conhecer e partilhar em diversas situações ao longo dessa jornada.

À todas as comunidades que passei, onde tive experiências profundas de fé, as quais sempre serei devedor,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da Vida, e pela oportunidade de através dos escritos de Bernhard Häring crescer na consciência de sua presença e amor revelado em Jesus Cristo.

À minha família, por sempre estar comigo e ser a base mais segura nessa jornada, sendo suporte e refúgio nos momentos desafiadores que a pesquisa implica.

Ao meu Bispo Emérito Dom Luiz Antonio Guedes, que apoiou e incentivou esse passo na formação acadêmica, ao Pe. Lidionor Sampaio Lisboa, por ter sido compreensivo e aberto a colaborar nos passos necessários para o ingresso no Mestrado.

Ao meu bispo Diocesano Dom Valdir José de Castro, que deu todo suporte necessário para a continuidade na pesquisa acadêmica.

Ao meu orientador, Professor Dr. Frei André Luiz Boccato de Almeida, que foi o primeiro e grande motivador para essa pesquisa. Agradeço pela dedicação a vida acadêmica, pelo incentivo desde a graduação, pela paciência e dedicação em todo processo de orientação e correção da presente dissertação.

À Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com seu corpo docente e os demais funcionários, pela oportunidade de beber dessa fonte da teologia.

“A sensibilidade e a veracidade de nossa consciência
crescem à luz do divino Mestre
que nos ensina não só exteriormente,
mas também dentro de nós,
enviando-nos o Espírito da verdade”.

(PADRE BERNHARD HÄRING)

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar a formação da consciência no Concílio Vaticano II, à luz da teologia de Bernhard Häring, sobretudo no que diz respeito à sua abordagem acerca da consciência. Além de identificar no decreto *Optatam Totius*, a sua influência e contribuição para a perspectiva da formação sacerdotal. A renovação do método teológico-moral leva a reflexão sobre a consciência para novas perspectivas, já indicadas pelo movimento de renovação que despontava no século XX, e que tinha Häring como destaque, sobretudo a partir de seu manual de teologia moral *A Lei de Cristo*, publicado uma década antes do Vaticano II. Desde o Concílio de Trento não ocorria tal renovação na moral católica. Herdeiro do método da casuística, o teólogo alemão foi influenciado pela Escola de Tubinga, contribuindo para novas perspectivas da moral católica, que refletirão nas discussões do Vaticano II. *A Gaudium et Spes* n. 16 aparece como a nova definição de consciência, valorizando os aspectos da liberdade e dignidade da pessoa, e apresentando o modo realista e personalista do Concílio. *A Optatam Totius* n. 16 pede maior atenção ao estudo da teologia moral dentro do processo formativo, e propõe um cristocentrismo, a luz da Sagrada Escritura, como caminho para preencher essa lacuna deixada na formação presbiteral. O período pós-conciliar é marcado pelas tentativas de implementar seus ensinamentos, Häring escreve a continuação de seu manual de teologia, *Livres e fiéis em Cristo*, reafirmando o valor de uma formação da consciência livre e para a responsabilidade. O discernimento aparece como fundamental para uma vocação madura, e encontra-se na teologia de Häring aspectos que ajudam a alcançar tal maturidade. As perspectivas atuais e futuras para a formação sacerdotal, apontam para a formação da consciência como caminho mais seguro, em vista de uma nova cultura formativa, que tenha o objetivo de ter o discernimento maduro como lugar de transformação.

PALAVRAS-CHAVES: Concílio Vaticano II; Formação; Consciência; moral; discernimento.

ABSTRACT

This research aims to analyze the formation of conscience in the Second Vatican Council, in light of Bernhard Häring's theology, particularly regarding his approach to conscience. It also seeks to identify in the decree *Optatam Totius* his influence and contribution to the perspective of priestly formation. The renewal of the theological-moral method leads to a reflection on conscience towards new perspectives, already indicated by the renewal movement emerging in the 20th century, with Häring as a prominent figure, especially following his moral theology manual *The Law of Christ*, published a decade before Vatican II. Since the Council of Trent, there had been no such renewal in Catholic morals. As a successor of the casuistic method, the German theologian was influenced by the School of Tübingen, contributing to new perspectives of Catholic morality, which would be reflected in the discussions of Vatican II. *Gaudium et Spes* n. 16 emerges as the new definition of conscience, valuing aspects of freedom and human dignity, and presenting the realistic and personalist mode of the Council. *Optatam Totius* n. 16 calls for greater attention to the study of moral theology within the formative process and proposes a Christocentrism, in the light of Sacred Scripture, to fill this gap in priestly formation. The post-conciliar period is marked by attempts to implement its teachings; Häring writes the continuation of his theology manual, *Free and Faithful in Christ*, reaffirming the value of a free and responsible conscience. Discernment appears fundamental for a mature vocation, and Häring's theology provides aspects that help achieve such maturity. Current and future perspectives for priestly formation point to the formation of conscience as a safer path, towards a new formative culture aimed at mature discernment as a place of transformation.

KEY-WORDS: Second Vatican Council; Formation; Conscience; Morality; Discernment.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AL – *Amoris Laetitia*

GS – *Gaudium et Spes*

OT – *Optatam Totius*

RFIS – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*

LG – *Lumen Gentium*

PO – *Presbyterorum Ordinis*

SC - *Sacrosanctum Concilium*

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	12
<u>I CAPÍTULO</u>	14
<u>A CONSCIÊNCIA APLICADA NA FORMAÇÃO DOS NOVOS PRESBÍTEROS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA TEOLOGIA DE HÄRING NO VATICANO II</u>	14
1.1. <u>Aspectos relevantes do período da casuística</u>	15
1.2. <u>Häring e a Escola de Tubinga</u>	17
1.3. <u>Renovação do método teológico-moral na obra “A Lei de Cristo”</u>	23
1.4. <u>A consciência na obra “A Lei de Cristo”</u>	27
1.5. <u>Häring no Concílio Vaticano II</u>	30
1.6. <u>A consciência na <i>Gaudium et Spes</i></u>	34
1.7. <u>Häring e a <i>Optatam Totius</i></u>	39
1.8. <u>Considerações finais</u>	42
<u>II CAPÍTULO</u>	45
<u>TEOLOGIA DE HÄRING NA FASE PÓS-CONCILIAR. A CONSCIÊNCIA E O DISCERNIMENTO COMO LUGAR EFETIVO DE TRANSFORMAÇÃO</u>	45
2.1. <u>Renovação da teologia moral</u>	45
2.2. <u>Formação da consciência para Häring</u>	50
2.3. <u>Reflexos do Concílio Vaticano II na formação sacerdotal</u>	54
2.4. <u>A renovação da formação sacerdotal na <i>Optatam Totius</i></u>	59
2.5. <u>O discernimento como elemento fundamental da vocação madura</u>	63
2.6. <u>Atuação de Häring no itinerário da formação da consciência</u>	67
2.7. <u>Considerações Finais</u>	69
<u>III CAPÍTULO</u>	71
<u>PERSPECTIVAS ATUAIS E FUTURAS: FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PARA O DISCERNIMENTO NO SEMINÁRIO</u>	71
3.1. <u>Implementação da teologia de Häring no processo formativo</u>	71

<u>3.2.</u>	<u>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis – O dom da vocação presbiteral</u>	76
<u>3.3.</u>	<u>O magistério entre o real e o ideal</u>	80
<u>3.4.</u>	<u>Passos necessários para uma formação integral</u>	83
<u>3.5.</u>	<u>Perspectivas atuais e futuras</u>	88
<u>3.6.</u>	<u>Considerações Finais</u>	93
<u>CONCLUSÃO</u>		95
<u>REFERÊNCIAS</u>		98

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa retoma o evento mais importante ocorrido pela Igreja no século XX, o Concílio Vaticano II. Utiliza-se da teologia de Bernhard Häring para adentrar nas temáticas da consciência e da formação presbiteral. Ao longo de três capítulos, pretende-se abordar os desafios na formação da consciência cristã, que impactam diretamente no processo de discernimento vocacional.

No período anterior ao Concílio, surge um movimento que propõe uma mudança no método teológico-moral. Essa renovação visava a uma transição dos manuais legalistas casuístas, em prol de uma formação da consciência pautada sobre a perspectiva bíblica, teológica, personalista e centrada na liberdade que provém do Evangelho. Entre os principais teólogos desse processo, aparece Bernhard Häring, que embora herdeiro dos manuais da casuística, procurava uma noção de verdade moral que pudesse ser percebida por meio da profundidade das pessoas. Eis por que ele é reconhecido como um teólogo moralista personalista.

O contexto de renovação traz o tema da consciência para o centro da abordagem de Häring, e o coloca como um dos mentores do que o Vaticano II define sobre ela, além de contribuir de modo direto no decreto *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal. A pesquisa refletirá esse processo de renovação na teologia moral, apontando o discernimento como exercício da consciência no processo vocacional.

O primeiro capítulo “a consciência aplicada na formação dos novos presbíteros: uma análise histórica da teologia de Häring no Vaticano II”, apresentará um contexto histórico com os aspectos que marcaram o movimento de saída da casuística, perpassando a Escola de Tubinga e chegando na efetiva renovação do método teológico moral. Além de pontuar a ação de Häring no Vaticano II, principalmente na *Gaudium et Spes* e *Optatam Totius*.

O segundo capítulo “teologia moral na fase pós-conciliar: a consciência e o discernimento como lugar efetivo de transformação”, desenvolverá as principais mudanças na teologia moral, explicitando a preocupação com a formação da consciência para a moral daquele período. Buscar-se-á os reflexos do Vaticano II na formação sacerdotal, com enfoque nos conceitos de renovação trazidos pela *Optatam Totius*. Será aprofundado ainda, o tema do

discernimento, como elemento fundamental da vocação madura, e finalizar-se-á com os aspectos que indicam a atuação de Häring no itinerário da formação da consciência.

O terceiro capítulo “perspectivas atuais e futuro no processo de formação da consciência para o discernimento no seminário”, apontará para as contribuições da teologia de Häring no processo formativo. Examinará o documento mais recente da Igreja que traz as orientações para a formação, a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Bem como, pontuar-se-á a recepção deste documento na Igreja do Brasil, expressa nas Diretrizes para a formação dos presbíteros no Brasil, para assim refletir o que está entre o real e o ideal no magistério. Com base na teologia de Häring, serão apresentados ainda, passos necessários para uma formação integral no caminho de discernimento vocacional, assim como, será pontuado as perspectivas atuais e futuras das casas formativas.

A unidade dos três capítulos, coloca a formação da consciência e o discernimento como protagonistas da formação presbiteral. Leva a entender que a infantilização nesse percurso, bem como uma perspectiva legalista e autoritária, deixa lacunas no caminho. A luz da teologia de Häring, propõe-se um caminho possível para superar tais desafios, em vistas de uma nova cultura formativa.

CAPÍTULO I

A CONSCIÊNCIA APLICADA NA FORMAÇÃO DOS NOVOS PRESBÍTEROS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA TEOLOGIA DE HÄRING NO VATICANO II

O primeiro capítulo abordará questões do período entre o final da chamada moral casuística, em meados do final do século XIX e os principais eventos que culminaram na grande virada do século XX, que é marcada por uma nova forma de refletir a teologia moral. O enfoque se dará no desenvolvimento reflexivo de Bernhard Häring que traz consigo grande influência nesse movimento de renovação da moral católica, sobretudo no que se refere a consciência.

No primeiro momento, será contextualizado a casuística que antecede a renovação da teologia moral, e que é o lugar histórico de reflexão de Bernhard Häring. Em seguida, será apresentado a Escola de Tubinga com suas principais contribuições na história da teologia, sobretudo a teologia moral, bem como sua influência na formação acadêmica de Häring. Destaca-se a obra “A lei de Cristo”, publicada como um dos principais manuais de teologia moral dentro dessa nova perspectiva da teologia moral.

Entre os diversos temas da obra que foi um dos motores da renovação moral, será aprofundado o tratado sobre a consciência que Häring desenvolve nesta obra na terceira seção. Este desenvolvimento será de suma importância para o Concílio Vaticano II, sendo assim, serão pontuados ainda neste capítulo a presença de Häring e sua contribuição especialmente em relação aos documentos *Gaudium et Spes*¹ e *Optatam Totius*².

A atuação de Häring nesses dois documentos conciliares trazem as marcas das mudanças que foram geradas entre os séculos XIX e XX, e ajudam na compreensão e contextualização da influência causada pelo teólogo alemão e que ocasionaram uma nova perspectiva na teologia moral, de modo mais direto no tema da consciência e levaram a um olhar mais apurado no processo de formação dos novos presbíteros da Igreja.

¹A partir daqui será utilizado a abreviação GS nas citações deste documento conciliar.

²A partir daqui será utilizado a abreviação OT nas citações deste documento conciliar.

1.1. Aspectos relevantes do período da casuística

A teologia moral durante muitos séculos esteve em uma fase chamada de “casuística”. Somente após quatro séculos ocorreram, de modo progressivo, mudanças que trouxeram uma virada na reflexão da moral católica. Para bem compreender a importância dessa nova etapa, vale ressaltar os aspectos relevantes do período da casuística para assim imergir na nova moral católica, ou como ficou conhecida, na moral renovada.

A etapa da teologia moral denominada como “moral casuística” é considerada como a reflexão produzida em consequência do Concílio de Trento até o Concílio Vaticano II, tendo seu início no século XVI e perdurando até meados do século XX. Esse desdobramento teológico estava fundamentado nas leis positivas civis e eclesiásticas. Seu maior objetivo era determinar se aquela ação específica é contra ou não uma determinada lei. Isso acabou tornando essa moral de certa forma minimalista, na qual o objeto de busca se resumia numa moral lícita ou ilícita³.

A indicação casuísmo deve-se ao contexto jurídico ao qual ela estava vinculada. Conforme Vidal, essa transferência do campo jurídico ao campo da teologia moral foi atribuída a Raimundo de Peñafort⁴. A teologia moral surge com raízes nos livros penitenciais e nas sumas dos confessores. Entre os fatores que influenciaram esse surgimento do que foi chamado de instituições morais ou moral casuística, pode-se destacar: uma evolução moral ao longo dos séculos, sendo Santo Tomás de Aquino um grande contribuidor de uma autonomia da teologia moral; a influência do nominalismo da gênese da moral casuística; o renascimento do tomismo; a reforma tridentina; e a organização dos estudos da escola na Companhia de Jesus⁵.

O gênero das instituições morais adquire novas características com Santo Afonso Maria de Ligório, tido como uma das referências mais seguras da moral casuística. Suas soluções práticas são seguidas pela maioria dos moralistas da época. Após a passagem de Santo Afonso, a teologia moral encaminha-se cada vez mais para o casuísmo, ocasionando que as soluções práticas se tornam cada vez mais únicas, sem muitas novidades. Nesses séculos, as questões principais eram a disputa entre laxismo e o rigorismo, entre o probabilismo e o probabílorismo, e a casuística se ocupa de procurar solucionar o problema do probabilismo⁶.

³Cf. VEREECKE, L. *História da Teologia Moral*. In: COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 574.

⁴Cf. VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, p. 396.

⁵Cf. Ibid., p. 395.

⁶Cf. VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: 2003, 418.

O probabilismo consistia em mostrar que, em caso de dúvida, pode-se seguir uma opinião provável, embora exista outra mais provável. Por outro lado, o probabilismo exagerado gerava o laxismo que é outro sistema moral condenado pelo magistério de Inocêncio XI. Conforme nos afirma Vidal, “no fundo, o probabilismo valoriza a liberdade humana, na qual, além disso, confia”⁷. Santo Afonso é quem vai conseguir, com sua proposta de teologia moral, apresentar um equilíbrio entre essas fortes correntes de seu tempo, criando um termo a ser denominado de “equiprobabilismo”⁸.

A teologia moral casuística permaneceu nessa perspectiva até o século XX, quando passou a ser alvo de duras críticas, sobretudo por parte da área linguística alemã e o movimento de novas perspectivas da moral que surgia provinda da Escola de Tubinga. As falhas que foram apontadas, como principais, dos manuais da moral casuística são: desvinculação da síntese teológica; legalismo exagerado; positivismo teológico e pragmatismo moral; desvinculação da filosofia e vinculação exagerada com a práxis penitencial⁹.

Assim, entende-se a etapa casuística como um período da teologia moral em que as forças das leis ganharam visibilidade de tal forma, que deixava a impressão de que o cristão deveria viver em função de realizar o cumprimento de leis e preceitos. Por consequência, ocasionava uma repressão da consciência, tirava a possibilidade de uma ação que leva em conta a liberdade do indivíduo e afastava-se completamente de uma dimensão de espiritualidade no seguimento de Cristo, sendo que os manuais davam mais valor aos pecados que as virtudes.

A mudança de perspectiva da casuística iniciou a partir do desdobramento teológico da Escola de Tubinga, na qual Häring sofre influência direta. Desse modo, pode-se dizer que Häring foi herdeiro desse modelo de método teológico. Posteriormente, em suas obras, será, de certo modo, um crítico que inaugurará um caminho alternativo no contexto das aberturas proporcionadas pelo Vaticano II.

⁷Cf. Ibid., p. 407

⁸HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960, p. 68.

⁹Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p. 400.

1.2. Häring e a Escola de Tubinga

O século XX foi marcado por diversas personalidades e muitos acontecimentos que se tornaram essenciais para esse período na história. Häring viveu do início ao fim deste século¹⁰, sendo fundamental na participação do Concílio Vaticano II e na renovação da moral católica. O alemão Bernhard Häring carrega consigo influências de sua relação com a família, sendo a relação de amor dentro da família a primeira referência por uma busca pela liberdade, como ele mesmo afirma:

A influência dos meus pais e dos meus irmãos sobre mim poderia ser resumida da seguinte maneira: é a experiência de amor que me libertou. Sou livre, porque amado. Não falo só o amor de Deus, porque no começo há experiência humana de um amor familiar. Exatamente desse relacionamento afetivo é que nasceu a imagem comovente de um Deus que não ameaça, pois ele é ternura e amor¹¹.

A forma de Häring pensar a teologia moral já era conhecida há algum tempo. Um dos seus professores o envia para Escola de Tubinga em 1945. Embora apresentasse uma certa intolerância para algumas linhas da teologia moral, o moralista alemão era visto como um pensador que poderia desenvolver uma mudança a acontecer, ou seja, “a sua posição crítica diante dessa disciplina conseguiria mudar a sua orientação: da lei ao espírito; da casuística à vida nova em Cristo”¹².

Sabe-se que inicialmente, Häring não tinha muito interesse pelo estudo da teologia moral, sobretudo pela forma casuística, que era ensinada no período de seus estudos teológicos. Seus superiores o enviaram para estudar a moral com o objetivo de que pudesse iniciar o novo modo segundo o qual essa disciplina era ensinada. Por parte do renovador da moral, essa seria uma grande missão para ele, a qual, chamada “missão histórica”, começou em 1937 e perdurou até sua morte em 1998¹³.

A escola teológica de Tubinga possuía grande tradição constituída sobre as relações Deus-homem, fé-história. Essa tradição fez com que ela se tornasse um centro de estudos comprometido e sincero, do qual a teologia romana estava distante¹⁴. Dessa escola, há alguns nomes que são decisivos na vida acadêmica de Häring, no âmbito da reflexão humano-

¹⁰Cf. Ibid., p. 137.

¹¹SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 19.

¹²Cf. Ibid., p. 41.

¹³Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 15.

¹⁴Cf. Ibid., p. 18.

teológica. Os três principais nomes são: Karl Adam, Romano Guardini e Theodor Steinbüchel. Todos eles tiveram papel importante na vida e desenvolvimento intelectual de Häring, destacando Steinbüchel, que se esforça para que a teologia moral não se apoie na preocupação puramente jurídica.

Outros nomes ainda, que marcaram com profundidade a Escola de Tubinga, foram Tillmann, Möhler, Hirscher, Sailer. Todos eles buscavam uma nova perspectiva da teologia, pois desejavam aprofundar uma teologia moral fundamentada na lei da graça, do amor e, não, no rigorismo¹⁵, trazendo, como característica comum, uma nova dimensão acerca do olhar para ação moral. Pode-se colocar esses nomes como os que de forma mais direta influenciam a linha teológica de Tubinga. Nesses autores, encontram-se as sementes de uma renovação da moral, que pudesse expor o ideal da vida cristã em sua totalidade¹⁶.

Sendo Hirscher e Sailer os pioneiros dessa linha de reflexão teológica, ambos vindos do final do século XVIII e início do século XIX, pode-se dizer que, em Tubinga, desenvolve-se um modo de reflexão alternativo ao sistema romano. A essa moral, que tem suas bases no Evangelho, é compreensível que não seria possível agradar os métodos e a linguagem da jurisprudência¹⁷.

Nasce na Escola teológica de Tubinga uma nova teologia moral, propondo uma renovação do método do qual não mais estaria ligado ao direito canônico, mas colocaria como base temas muito próprios do Novo Testamento, como: reino, amor, a vida da graça e a filiação divina¹⁸. Esse caminho de renovação que é gerado em Tubinga, alcançará mais à frente o centro das discussões que o Vaticano II implicará.

A teologia em Tubinga utilizava como parte de sua metodologia a aplicação dos estudos filosóficos, sobretudo as referências ao pensamento Kantiano, contribuindo assim para alcançar um de seus propósitos, que era estimular um profundo repensar em relação à moral casuística. Além disso, em Tubinga os teólogos tinham como suporte em suas pesquisas as novas e significantes contribuições das ciências humanas e os estudos bíblicos que estavam em profuso desenvolvimento¹⁹.

¹⁵Cf. HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960, p. 72-85.

¹⁶Cf. Ibid., p. 72.

¹⁷Cf. Ibid., p. 72.

¹⁸Cf. ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e moral: história, interpretação e perspectivas*. São Paulo: Ave-Maria, 2007, p. 54.

¹⁹Cf. PIGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã: manual de ética teológica*. São Paulo: Ave-Maria, 2005, p. 75.

Esse modo de fazer teologia em Tubinga enfrenta grandes dificuldades em seu tempo, pois buscavam dialogar com a história e as questões daquela época. Neste sentido, ocorre uma falta de recepção desses novos métodos de pensamento teológico, principalmente dentro da própria Igreja, que não aceitava uma reflexão propositiva com as novas compreensões modernas de mundo e de ser humano.

Segundo Zuccaro:

O sinal mais evidente da dificuldade de acolher a tradição da Escola de Tubinga, tão atenta à história, à Escritura e ao seguimento de Cristo, parece-me que tenha sido a apresentação do esquema *De ordine morali*, que deveria ser discutido pelos padres conciliares no Vaticano II e que representava uma *summa* da doutrina moral católica, concebida de maneira tradicionalista²⁰.

O desenvolvimento dessa escola teológica traz a renovada forma de pensar a teologia moral de tal maneira, que seja capaz de passar por um abandono da moral casuística, substituindo-a por um tratado do ideal de vida para o cristão, cujo centro é colocado na caridade²¹. Esse ambicioso projeto impulsionou a Escola de Tubinga de tal modo, que surgiu uma forte corrente teológica que redimensionou a teologia moral na passagem do século XIX para o século XX.

As marcas da Escola de Tubinga aparecem com maiores evidências no período pré-conciliar, quando um movimento de renovação também é visto em diversas disciplinas, como a exegese bíblica, a eclesiologia e a liturgia. Esse aprimoramento no âmbito da teologia em geral, serviram como estímulos para colocar a revelação e a fé no centro da moral cristã. Será Häring um dos responsáveis em fazer uma tentativa de elaborar uma síntese dessas novas contribuições para a moral²².

A partir dessa perspectiva, deve-se admitir que “é necessário reconhecer que Häring se sente interpelado e influenciado antes de tudo pelos moralistas da Escola teológica de Tubinga do século XIX”²³, sobretudo por seu caráter de buscar horizontes teológicos da moral católica que indicam caminhos para uma moral da caridade, da qual apresentam fontes evangélicas comuns e necessárias a todos os cristãos. Segundo Vidal,

²⁰Cf. ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e moral: história, interpretação e perspectivas*. São Paulo: Ave-Maria, 2007, p. 61.

²¹Cf. PIGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã: manual de ética teológica*. São Paulo: Ave-Maria, 2005, p. 76.

²²Cf. Ibid., p. 78.

²³VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 37.

Em J. Sailer e J. B. Hirscher são identificados por Häring novas direções para a perspectiva da teologia moral. O maior objetivo deles, tornou-se demonstrar que para a moral cristã o mais importante seria ter raízes na vida da graça, que se direciona ao chamado pessoal a vida superior. Isso consiste em um abandono de uma teologia moral casuística, que considerava mais importante o acentuamento dos limites do pecado com extensos parágrafos de leis positivas mutáveis, enquanto são deixados de lado as leis eternas do ser e da vida cristã²⁴.

Assim, o conceito da nova moral é que:

A moral não é algo estático, uma simples atitude de conformidade com algumas normas gerais e abstratas: é pelo contrário, algo dinâmico, o combate da graça que empurra para cima e reprime as forças obscuras e degradantes do pecado. A liberdade – que em seu conceito é sempre liberdade dos verdadeiros filhos de Deus – não é uma força estática, dada uma vez para sempre, mas um dom continuamente renovado, que impõe sempre alguns deveres²⁵.

A característica dessa nova moral, sintetizada principalmente por Häring, é originária do modo de fazer teologia em Tubinga e pode-se identificar esse traço na sua obra, quando utiliza como destinatário da teologia moral não somente os sacerdotes e teólogos, mas todos os fiéis leigos. Dessa forma, é proposta uma teologia moral não somente aos confessores, mas a todos os fiéis. Pode-se, assim, afirmar que Häring lentamente iniciou um processo de desclericalização da teologia moral²⁶.

Inspirado na teologia de Tubinga, Häring esforçou-se em articular a moral com a dogmática, a espiritualidade e a pastoral, buscando melhor vincular a teologia moral com as grandes questões do seu tempo e, de certo modo, afastando-se do direito canônico. Essa aproximação da teologia moral a uma visão da lei do Espírito e da vida em Cristo Jesus, mais que ao jurisdicismo²⁷ do seu tempo, levaria o pensamento teológico-moral à futura moral renovada.

Ainda em Häring, pode-se encontrar uma influência de Tubinga no que tange ao cristocentrismo presente em sua obra, propondo uma vida cristã a partir de Cristo Jesus. Essa perspectiva é um dos méritos reconhecidos de Häring, pois lentamente se iniciaria um movimento de renovação que pode ser observada em sua obra “A Lei de Cristo”²⁸.

²⁴Cf. Ibid., p. 39.

²⁵Cf. Ibid., p. 40.

²⁶Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 42.

²⁷Cf. Ibid., p. 43.

²⁸Cf. HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960, p. 1-5.

O ambiente do qual Häring provém, carrega consigo aspectos favoráveis para que seu conteúdo seja difundido e explorado nos trilhos que já passava a teologia moral pelo desenvolvimento teológico de Tubinga. A teologia do século XX, teve que se confrontar com os problemas novos, provindos do fenômeno da secularização e sobretudo do desenvolvimento das novas ciências humanas, como: antropologia, psicologia, sociologia etc. Essas ciências colocaram em debate uma discussão acerca do modo tradicional de fazer teologia moral, e é nesse contexto que surge a ética da situação²⁹.

Em sua autobiografia, Häring manifesta de maneira clara seu objetivo e sua visão no que se refere ao papel de Cristo, na centralidade da Sagrada Escritura e da vida cristã. Ele diz,

Ao apresentar Cristo como lei da vida baseei-me na convicção que no centro da Sagrada Escritura não estão as normas, mas Cristo, Filho Unigênito do Pai, que se fez homem para ser um de nós! Nele temos a vida. É o seu espírito que nos dá alegria, tornando-nos livres. A nossa relação com Cristo não é algo exterior, baseado na simples imitação; aquilo que muda a nossa vida é o fato de que Jesus nos dá o seu Espírito, porque quer continuar a sua vida conosco, ou melhor, em nós³⁰.

O trabalho que é direcionado pela Escola de Tubinga, e posteriormente recebe o impulso de Bernhard Häring com seu manual de teologia moral para sacerdotes e leigos, é responsável por trazer considerável contribuição para essa reforma, e leva de modo direto ao percurso conciliar, do qual poucos anos depois, ratificaria a necessidade dessa mudança de panoramas.

A tese de doutorado de Bernhard Häring sobre “O sagrado e o bem: relação entre ética e religião”³¹ foi realizada sob a orientação de Theodor Steinbücher. Nesse estudo, foram apresentadas aproximações importantes entre a fenomenologia da religião e a moral religiosa, em cuja relação se busca refletir se é possível uma moral que não tenha características ou sinais da religião. Houve uma aproximação dos três momentos decisivos da filosofia alemã: o racionalismo crítico de Kant, o romanticismo de Schleiermacher e o eticismo de N. Hartmann³². Em sua tese, já se torna possível perceber a interdisciplinaridade de Häring, ou seja, a forma como ele liga as fases da filosofia alemã, a cultura e as ciências ao discurso teológico.

Percebe-se ainda que desenvolve conceitos que serão de grande valor na decorrência de sua vida acadêmica, parte deles derivados da abertura da Escola de Tubinga, e outros

²⁹Cf. PIGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã: manual de ética teológica*. São Paulo: Ave-Maria, 2005, p. 79.

³⁰SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 42.

³¹VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 23.

³²Cf. Ibid., p. 24.

introduzidos por ele mesmo. O conceito principal da sua tese doutoral está no caráter pessoal da moral baseada no amor e no seguimento. De certo modo, queria tocar no ponto crucial da formulação da moral cristã que por definição, é religiosa³³.

A investigação proposta por Häring sobre o sagrado e o bem orientará decisivamente sua obra e projeto da teologia moral apresentada em “A Lei de Cristo”, bem como em seus escritos posteriores. Nesse trabalho, o autor demonstra suas principais linhas teológicas, e aquilo que mais adiante, será seu principal objeto de pesquisa, o que para nós hoje está entre as principais fontes da moral renovada católica³⁴.

Ao analisar a relação entre moral e religião, chegou às seguintes afirmações: a religião não se reduz à moral, com base nas possíveis interpretações da filosofia Kantiana; a religião tolera uma moral diante de certas interpretações do romantismo filosófico e religioso; a moral não postula a religião, mas não se opõe a ela. Outra influência se dá na distinção entendida por Rudolf Otto entre *ethos* sacral e *ethos* sancionado, sendo o primeiro a fonte ética da experiência religiosa, e o segundo o que alude às motivações religiosas dos comportamentos morais. Portanto, a experiência religiosa assume um papel central no âmbito da moral. Desse modo, leva-se em consideração que toda moral fica abrigada sob o amparo religioso e a experiência moral culmina no religioso³⁵.

Sendo assim, a tese de Häring propõe a reflexão do diálogo entre a moral e a religião, no qual o papel central é encontrado no agir religioso, embora não se reduza a isso. Os aspectos do amor e seguimento são manifestados e se apresentam como centro do pensamento de Häring. Em sua tese, encontram-se ainda as principais bases para o manual de teologia “A Lei de Cristo”, que indica, a partir da relação entre a ética e a religião, o processo de renovação do método teológico-moral.

Portanto, as principais características da Escola de Tubinga, influenciadoras do pensamento de Häring, fazem dela uma inovadora no pensar teológico em sua época e escola de inúmeros teólogos. Assim, encontram-se as raízes da inicial renovação moral proposta na relação entre seus propósitos, inerentes a um pensador crítico que encontra na escola alemã,

³³Cf. SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 37.

³⁴Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 28.

³⁵Cf. *Ibid.*, p. 25.

sobretudo em busca de uma visão mais positiva da moral cristã e ligada as virtudes e valores evangélicos.

1.3. Renovação do método teológico-moral na obra “A Lei de Cristo”

A renovação da teologia moral ganhava corpo na primeira metade do século XX e atingia diretamente o conceito de consciência estreitamente ligado a Bernhard Häring. A principal e primeira obra do renovador da moral católica, em vista de uma nova visão da moral, foi o manual de teologia moral “A Lei de Cristo, para sacerdotes e leigos”³⁶, considerado um dos principais manuais da época por seu caráter renovador.

O título apresenta uma nova característica para a teologia moral, quando direciona o título para um público mais amplo do que era convencional para o seu tempo. Este manual é publicado em 1954, momento no qual estava em vigor e com grande força a moral da casuística e quando os manuais eram escritos para os sacerdotes, confessores e teólogos. Essa atribuição dada por Häring manifesta sua intenção de levar a teologia moral para todos os fiéis (leigos) e abandonar o conceito de que uma moral deve ser vista somente pela hierarquia da Igreja.

A obra de Häring proporcionou muitos frutos dentro da teologia moral e dentro da Igreja. Verdades, valores, autocompreensão e até mesmo novas normas e aplicações delas foram efeitos do desenvolvimento dessa obra. Valores importantes como a santidade de vida³⁷, a ética da vida consistente, a opção preferencial pelos pobres e a solidariedade, surgiram somente após a publicação de “A Lei de Cristo”.

Häring sempre teve como ponto de partida a teologia e, a partir dela, buscou diálogo com outras ciências, para que de forma interdisciplinar, alcançasse uma maior compreensão ética do ser humano. Segundo Keenan, quatro experiências marcaram a obra central de Bernhard Häring: ter estudado os manuais morais; ter vivido em meio à guerra; ter sido formado na tradição redentorista; e ter aprendido a partir de seus predecessores reformistas³⁸.

³⁶HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960.

³⁷Destacamos este verbete “santidade de vida”, que, por incrível que pareça, antes de 1978 não existia nos dicionários católicos. Cf. KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 109.

³⁸Cf. KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 116.

Como ideia central da moral cristã, Häring apresenta a “responsabilidade”. Esse é um dos conceitos basilares desenvolvido pelo autor em “A Lei de Cristo”. Teólogos moralistas, como Vidal, afirmam que “partindo dessa ideia central da responsabilidade se ramifica a teologia moral de Häring em torno de dois grandes núcleos: o chamamento de Cristo e a resposta do homem”³⁹.

O conceito de responsabilidade, traz a principal base e referência em toda reflexão teológica desenvolvida nesse manual alternativo de moral. Compreendida por Häring como a base fundamental, com capacidade de alcançar a concretude do agir humano, sobretudo no que se refere ao aspecto religioso, e mais especificamente em suas ações morais, como afirma:

Supomos já esteja claro que, se entendemos deixar em seu pleno valor os conceitos devidamente compreendidos de “salvação”, “mandamento” e “lei”, em nenhum deles encontramos o conceito central da moral católica. A chave desta moral parece-nos ser a “responsabilidade” entendida em sentido religioso. Suposto que a moral deva esposar a forma da religião e que essa tem como caráter essencial o fato de ser “dialogal” e “responsorial” criando entre o homem e Deus uma relação pessoal de apelo e resposta, compreende-se que, para nós, a responsabilidade, fundamento da moral, é a conta que o homem tem que prestar a Deus do seu agir. Ele é responsável perante Deus. Entretanto devemos fazer distinção entre a relação propriamente religiosa e a relação moral do homem com Deus (religiosa), a fim de encarmos a moralidade como “responsabilidade”, seu traço específico⁴⁰.

A obra “A Lei de Cristo” é considerada por alguns autores (Josef Fuchs, Charles Curran, Marciano Vidal, James F. Keenan) como a principal fonte de transformação de consciência da Igreja católica do século XX. Em sua origem, ela carrega traços da experiência de Häring em missões, sobretudo em missões paroquiais, nas quais ele sentia a necessidade de um novo texto de moral. Por isso, percebe-se a função prática e pastoral do texto, essa que era a especialidade de Häring. Ainda em suas aulas, quando já eram manifestadas prévias desse manual, a difusão era tamanha, que já prefigurava o alcance que mais adiante se daria⁴¹.

Dentro da moral apresentada em “A Lei de Cristo”, a perspectiva do Reino de Deus que chega até nós por meio de Jesus Cristo é fortemente acentuada. O mistério pascal é essencial para compreensão dessa nova teologia moral. Surge a lei da graça que é transmitida pela lei de Cristo e que ativa no ser humano a liberdade de filhos de Deus. Dentro desta liberdade, a virtude condiciona nosso agir, tornando nossas ações reflexos de nossa experiência de amor com Deus.

³⁹VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 66.

⁴⁰HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960, p. 27.

⁴¹Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 54.

Através de uma visão personalista, Häring traz um olhar inovador sobre a vida sacramental, cuja função primária não é a moral do homem e salvar sua alma, mas estar a serviço da glória de Deus. Em Häring, encontram-se traços surpreendentes (para seu tempo) de um ecumenismo e abertura capaz de enxergar a ação de Deus não somente dentro das estruturas eclesiais; ao revés, a graça acontece também fora do culto⁴².

A pessoa, a responsabilidade e a liberdade, são os fundamentos que nos levam a centralidade do tema: a consciência. “De liberdade passamos para consciência como disposição espiritual e como fenômeno moral e religioso. Em suma a consciência é a voz de Deus, à qual devemos obedecer em liberdade”⁴³. A pessoa e responsabilidade fundamentam-se na consciência, sendo que a lei interior da consciência não é impessoal, mas leva à manifestação do supremo Tu (personalismo)⁴⁴.

O caminho realizado por Häring neste primeiro volume de “A Lei de Cristo” chega ao conceito da consciência como o núcleo das principais problemáticas abordadas. Enquanto na casuística o papel da consciência era aplicar a lei imposta, Häring propõe as categorias da consciência tendo como fator fundamental a liberdade. A doutrina da consciência resulta na expressão emblemática da esperançosa expectativa suscitada por Häring, e a formação da consciência configura-se como o grande desafio para a teologia moral.

A moral católica no século XIX passa por um acúmulo de fatores que são determinantes as propostas de reforma que surgiria. Os autores de língua alemã, pioneiros dessa reforma, escrevem influenciados pelo iluminismo e o josefinismo⁴⁵. A consequência disso se dá em uma

⁴²Cf. Ibid., p. 63.

⁴³KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 123.

⁴⁴Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 69.

⁴⁵O movimento da moral iluminista do século XVIII, dentre as diversas influências na teologia, sobretudo nos teólogos alemães desse período, faz com que a moral passe a ser laica (não-religiosa). Nesse contexto, a moral não estaria mais pautada em Deus, mas fundamentalmente na razão do próprio homem. O iluminismo pretendeu, entre outros objetivos, partir do universal para unir os homens além das particularidades confessionais que dividem e geram enfrentamentos. Entendia que somente assim seria possível de recuperar o que de válido se encontra nos componentes positivos do cristianismo que é reconhecido como instituição moral, fundada sob os princípios da lei natural e com função pedagógica na educação dos homens, na tolerância e na fraternidade. (citar artigo: a eclesiologia do Vaticano II). A influência Josefinista surge a partir da reforma que houve nos estudos teológicos, e consequentemente, um novo direcionamento da disciplina da teologia moral. Essas mudanças partiram do reinado de José II, imperador da Áustria, que buscava em suas relações políticas estabelecer o poder temporal e espiritual a partir do Estado. Por trás dessas expressões e de seus protagonistas residem antigas e novas questões eclesiológicas como a relação entre a Igreja universal e particular, a articulação entre carismas e ministérios e o desafio de se configurar em uma história de mudanças. Cf. DEGISLANO, de Lima Nóbrega; SILVA, Pedro. *A eclesiologia do Vaticano II: antecedentes e deslocamentos histórico-teológicos*. Revista Fronteiras, Recife, v. 4, n. 1, p. 235, JAN/JUN 2021. Disponível em <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1915>> Acesso em 28 de ago. de 2022.

teologia moral de caráter iluminista tardio e posteriormente uma reforma do josefinismo, que trazia os manuais de W. Schanza, Anton Luby e Joseph Lauber como fruto desse novo espírito teológico⁴⁶.

A obra de Henry Davis no início do século XIX, apresenta características novas das anteriormente publicadas, uma perspectiva muito mais abrangente do que era apresentado por Thomas Slater⁴⁷. Davis no seu tratado coloca maior ênfase nas virtudes do que no pecado, transformando assim, o ponto central da abordagem de sua reflexão, consequentemente afastando-se de uma visão pessimista da teologia moral, para uma dimensão mais positiva⁴⁸.

Essa visão da teologia moral que perdurava no decorrer dos séculos anteriores, era transportada de modo direto para as lideranças religiosas, sobretudo o clero, que era moldado a partir uma teologia manualista operada a partir de um mundo legalista. A moral da época era dogmática, universal, ahistórica e distante, como afirma Keenan⁴⁹, fazendo assim nascer um movimento teológico com um olhar mais atento as realidades do mundo atual.

O distanciamento entre a realidade e as teorias e obrigações que eram propostas neste período delicado da moral católica, fazia com que “à medida que o tempo passava, os manualistas católicos preocupavam-se cada vez menos em enfrentar os desafios do mundo, conformando-se aos rigores da Igreja”⁵⁰. Nesta dimensão, a reforma que ocorre paralelamente a esse período, busca respostas e novos horizontes para serem explanados, de modo que os sinais dos tempos sejam contemplados e tornem-se concretos na reflexão moral.

O discernimento aparece como aspecto fundamental na vida dos seguidores de Jesus, tendo em vista que é ele próprio fundamental para essa caminhada que transporta um processo que vai muito além do evitar o mal e fazer o bem, e mergulha em um enfoque fundamental do agir cristão. Leva-se em consideração, que o próprio Jesus de Nazaré, recebeu a possibilidade de discernir seus caminhos e escolhas⁵¹.

A obra de Häring prepara um solo fértil para que o caminho do discernimento esteja vinculado diretamente a consciência da pessoa. Portanto, esta base apresentada no manual de

⁴⁶VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: 2003, p. 424.

⁴⁷Autor do final do século XIX e início do século XX (1855-1928), que defendia a teologia moral como uma busca simplesmente de evitar o mal ou o pecado. Sua obra mais conhecida é: *A manual of moral theology*, 1925.

⁴⁸KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 36.

⁴⁹Cf. Ibid., p. 49.

⁵⁰Cf. Ibid., p. 50.

⁵¹SOBRINO, Jon. *O seguimento de Jesus como discernimento cristão*. In: SOBRINO, Jon CONGAR, Yves. *A consciência crítica na Igreja: o discernimento Cristão*. Petrópoles: Vozes, 1979, pg. 17.

moral do teólogo alemão, além de sintetizar o processo de renovação da moral que ocorria, abria portas para de modo mais direto alcançar os espaços necessários de debates e reflexões.

1.4. A consciência na obra “A Lei de Cristo”

A consciência ocupa um lugar central no pensamento de Häring. Nela está a fonte essencial do bem moral. Pode-se dizer que é por meio dela que Deus fala ao homem, já que é impulsionada pela graça. O autor afirma, na terceira seção da sua obra, que “ela é o órgão receptor do apelo de Deus para os homens”⁵². Reconhece-se, então, a necessidade de se compreender bem as categorias utilizadas em vistas a conceituar a consciência nesse manual de teologia moral.

O início da terceira seção de “A Lei de Cristo” desenvolve a noção fundamental de consciência cristã. Toma-se como ponto de partida a visão de consciência na sabedoria dos povos, na qual ela se manifesta como uma noção inerente a todos: existe no interior de toda pessoa uma voz misteriosa que nos vincula sempre a Deus e ao bem. A consciência é a expressão de toda pessoa, que garante a exigência do dever com o valor moral. Dessa forma, impulsiona a buscar a salvação ou a condenação, de acordo com a forma que assume o agir moral em favor do bem ou do mal⁵³.

Entre as teorias da consciência, Häring assume a teoria intelectualista, voluntarista e a teoria da totalidade. A teoria intelectualista afirma que a consciência age segundo as categorias do silogismo, sendo, assim, entendida como condicionante do intelecto prático. A teoria voluntarista carrega, como base fundamental, a vontade; não uma vontade cega, mas uma vontade que se entrega e que reconhece o bem em suas ações. A natureza da vontade explica a ação da consciência, segundo essa teoria voluntarista. Já a teoria da totalidade une, com devido equilíbrio, as teorias do intelectualismo e da vontade; a união de ambas é o que dita a decisão da consciência. A vontade é fundamental para a escolha do bem, mas é imprescindível o conhecimento do verdadeiro bem, pois ele que impulsiona a alma para amar o valor verdadeiro⁵⁴.

⁵²HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960, p. 197.

⁵³Cf. Ibid., p. 203.

⁵⁴Cf. Ibid., p. 204.

Na análise fenomenológica da consciência religiosa, Häring aponta Deus como o único capaz de ter autoridade suficiente para dirigir os caminhos da consciência do homem. Isso se dá por meio do imperativo que vincula a pessoa ao bem. Tal forma é manifestada no interior do homem, que o faz ouvir constantemente a voz do Deus vivo que o encaminha para o bem.

A consciência adquire características religiosas, construídas não por revelações imediatas, mas através do percurso histórico da pessoa, guiada pelos dons do Espírito Santo, que conduz para um caminho de escolhas assertivas. Nota-se o valor do discernimento que identifique o que está vinculado à escuta da consciência, com base numa voz divina que fala ao interior, e o que está sujeito a formar juízos desacertados que partem da própria inteligência. Häring identifica esse momento da consciência como uma atenção necessária que deve ser obtida no percurso, com um detalhado exame de uma verdadeira e exata consciência no universo moral⁵⁵.

Surge uma relação que traz os debates acerca da conflitualidade existente entre a consciência moral e a autoridade, tanto a religiosa como a civil. Embora a autoridade eclesiástica tenha autonomia e maiores condições de direcionar o sujeito para decisões acertadas, não deve ser encarada como única verdade, pois embora seja uma autoridade segura, não é infalível⁵⁶.

Todos devem ter liberdade para agir conforme os desígnios de sua própria consciência. Contudo, esta autonomia precisa ser conduzida de modo que a pessoa não ultrapasse um limite que invade a liberdade do outro, pois, ninguém deve receber autonomia para agir, com base em sua consciência, em direção à realização do mal. O Estado civil assume este papel fundamental de dar a liberdade às consciências, mas não pode dar licença à consciência má⁵⁷, pois causaria uma inevitável dependência dos bons em vista da violência dos maus.

O modo de determinar se a consciência está agindo de acordo com o verdadeiro bem ou se está passando por uma deformação e agindo de má forma, será constatado pelo modo como ocorreu a formação da consciência do indivíduo, tema esse que é central no estudo de Häring.

A formação da consciência carrega em si o zelo pela verdade. O maior desafio é fazer com que aquilo que é considerado o bem ideal torne-se prático na vida, afastando-se daquele tipo de personalidade que embora tenha belas teorias, não seja capaz de colocá-las em prática. O distanciamento deste processo, leva a uma deformação na consciência, causando, portanto,

⁵⁵Cf. Ibid., p. 207.

⁵⁶Cf. Ibid., p. 203.

⁵⁷Cf. Ibid., p. 215.

uma alteração no agir moral, sem ter um compromisso com a verdade. Neste caso, é quando a pessoa já não se deixa persuadir, e nem ao menos atingir qualquer grau de contrição para a realização de ações claramente contrárias ao bem.

Häring apresenta dois tipos de personalidades, ao falar de formação e deformação da consciência: fraca e naturalmente saudáveis (ricamente dotadas e chamadas por Deus a uma vocação mais nobre). A primeira se verifica quando ocorre o desligamento com o verdadeiro bem, que é base para a formação da consciência e sofre com esse rompimento, impedindo o amor de iluminar a inteligência. A segunda é a que, embora passe pelo rompimento com a sua voz interior, logo volta-se a esse supremo guia e reveste-se de zelo e fervor. Porém, as que vivem o exterior, ilusoriamente como uma personalidade saudável, quando erram não são capazes de retomar, e mergulham no mais baixo, isolado do mundo dos verdadeiros valores e separados da fonte divina⁵⁸.

Este segundo aspecto da personalidade ganha destaque nesta pesquisa, pois podem ser encontradas, no atual contexto eclesial, pessoas que buscam manter uma falsa imagem externa e, assim, não se deixam formar⁵⁹. Como remédio para esses males, o moralista alemão apresenta a humildade como uma categoria essencial para uma boa formação da consciência. A humildade é atribuída aqui como uma categoria do amor e uma fonte segura que nutre de confiança na graça divina⁶⁰.

O ambiente eclesial, sobretudo de formação dos novos presbíteros, será mais tarde diretamente impactado por essa preocupação com o processo de condução para os homens que entram para a preparação de tal ministério. A Igreja reconhecerá a teologia moral como centro no ambiente formativo, e Häring carrega um papel fundamental nessa conquista que foi germinada já na obra “A lei de Cristo”.

Esse manual indica passos determinantes para o futuro da teologia moral, e sobretudo, para o desdobramento da teologia moral que será desenvolvida no Concílio Vaticano II. A característica personalista, centrada na liberdade que provém do Evangelho, está presente nessa proposta da moral e pode ser verificado no conceito de consciência apresentado em “A Lei de Cristo”.

⁵⁸Cf. Ibid., p. 216.

⁵⁹Abordaremos este tema de modo mais aprofundado no segunda capítulo, ao tratar da formação como lugar de transformação.

⁶⁰Cf. Ibid., p. 220.

O conceito de consciência é aproximado do aspecto religioso, cuja base é fundamentada na interioridade de cada pessoa, que escuta a voz de Deus e assume a responsabilidade de seguir o verdadeiro bem movido pelo Espírito. Para isso, aparece um caminho de formação de consciência que traz autonomia ao indivíduo e condições de realizar seu agir moral com discernimento.

1.5. Häring no Concílio Vaticano II

A participação de Häring no Concílio Vaticano II é considerado como o momento ápice de sua vida, sendo a década de 1960 a mais produtiva e de maior visibilidade do pensamento que era desenvolvido por ele desde o manual de teologia moral “A Lei de Cristo”. Na relação entre o manual e o Vaticano II se encontram muitos fatos curiosos, como: o reconhecimento de seu manual por bispos, que utilizavam na formação dos seminaristas em suas dioceses; a fundamentação bíblica da moral cristã, que é expressa no manual e mais tarde aparece como exigência conciliar; os conteúdos morais presentes em “A Lei de Cristo” não recebem um tratamento contrário ao espírito do Vaticano II⁶¹. Através destes fatos, pode-se compreender o quanto Häring foi decisivo no desenvolvimento, principalmente no que diz respeito à renovação da Igreja, que era esperado pelo Papa João XXIII ao convocar o Concílio.

Entre os desafios que surgem em torno do contexto conciliar, o centro das discussões era o reflexo da atualização que o Concílio queria realizar. Dentro de um contexto de mudanças, fazia-se indispensável estar atento para realizar o que o Papa pedia, quando dizia que era necessário conciliar fidelidade e renovação⁶². Encontrava-se naquele tempo uma grande barreira para a dimensão da renovação, das atualizações e das mudanças necessárias que a Igreja e a sociedade precisavam, pois, no interior das discussões conciliares, transitavam pessoas que não enxergavam como positivo esse aspecto da renovação e prendiam-se aos antigos modelos de ação da Igreja.

A cúria romana se apresentava resistente à reflexão de temas considerados avançados para a época. Enquanto Häring procurava introduzir o amor redimido e redentor de Cristo, encontrava pessoas no interior do Concílio que tentavam o bloquear, entre as quais se destacam

⁶¹Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 87.

⁶²Cf. SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 89.

D. Alfredo Ottaviani, D. Antonio Piolanti e seus amigos, que abertamente discordavam das propostas inovadoras que surgiam de sua reflexão⁶³.

Häring fazia parte do grupo de teólogos que aderiu ao aspecto de renovação, atualização e adequação da linguagem na evangelização e no modo de ser Igreja no mundo. Existia grupos, formados por homens da Cúria do Vaticano, que tinham mais influência, gerando, assim, uma rejeição a Häring no primeiro momento do Concílio. Häring foi rejeitado pela primeira comissão preparatória dos peritos conciliares; ele não participa de algumas sessões preparatórias. Inicia seus trabalhos depois da exigência do Papa João XXIII para acrescentá-lo às comissões designadas pelo sumo pontífice⁶⁴.

Diversos foram os trabalhos internos desempenhados por Häring, com o objetivo de expandir, no interior do Concílio, o amor redentor e redimido de Cristo, delineados nos seus textos. Ele tinha como prioridade levar suas experiências pastorais como contribuição para o processo de renovação, que tentava dar passos. Para isto, Häring afirmava ter lutado com todas as suas forças contra teses que transmitiam uma imagem de Deus que privava as pessoas da salvação⁶⁵.

Nota-se o empenho de Häring em dialogar com outros peritos conciliares para alterações em textos que eram apresentados, sendo considerados por ele como atrasados para os tempos propostos⁶⁶. Sabe-se também das diversas aulas dadas para colégios episcopais (brasileiro, francês, alemão, africano, polonês)⁶⁷ durante o Concílio, quando Häring evidenciava o valor das renovações necessárias por meio do resgate da prática da lei de Cristo, contida nos Evangelhos. Deve-se ainda levar em consideração o esforço em praticamente reescrever, por completo, textos a serem apresentados nos debates conciliares. Sua atuação prática, além de incluir ideias novas, mostrava como ser inseridas nos respectivos textos, assim ocorreu com as cinquenta e duas emendas que foram apresentadas por Häring para GS⁶⁸.

Dentre as frustrações enfrentadas por Häring, chama atenção a seguinte declaração: “Com grande tristeza devo dizer que vi aí não a verdadeira face da Igreja, mas tão só uma imagem de seu poder centralizador”⁶⁹. Essa afirmação surge após uma total rejeição dos padres

⁶³Cf. Ibid., p. 90.

⁶⁴Cf. Ibid., p. 91.

⁶⁵Cf. HÄRING, Bernhard. *Fé-História-Moral*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 52.

⁶⁶Cf. Ibid., p. 53.

⁶⁷Cf. Ibid., p. 58.

⁶⁸Cf. SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 98.

⁶⁹Cf. Ibid., p. 95.

conciliares a respeito de uma reflexão em favor da colegialidade. Nesse relato, é possível observar que Häring enxergava o afastamento que os membros da Igreja enfrentavam ao bloquear a comunhão e o amor libertador de Cristo.

Häring enfrentava rejeições da cúria romana no contexto conciliar, sobretudo por sua abordagem que buscava uma linguagem descentralizadora do poder. Ele fugia da típica moral tradicional a-histórica (atemporal), de um abstratismo indelével. Enquanto Häring trazia textos à luz do amor redimido e redentor, a cúria romana apresentava propostas inaceitáveis para o contexto conciliar, como a “*casti connubii*”⁷⁰.

Dentro da dinâmica conciliar, a visão manchada da Igreja que Häring declarou ter encontrado nas primeiras sessões, não foi a que permaneceu em seu pensamento durante o Concílio. A convivência que ele desfrutou com alguns teólogos renomados, o fez transformar aquela experiência inicial negativa. Como se pode observar no seguinte relato de Häring:

Desde o início, fui nomeado como consultor junto à Comissão doutrinal, juntamente com Henri De Lubac, Yves Congar e, felizmente, também Karl Rahner. Aprendi muito nessas assembleias e comissões. É aí que vi a verdadeira face da Igreja, e nada pôde depois ofuscar essa face atraente de uma Igreja que humilde e corajosamente busca o aprofundamento da fé, com atenção vigilante aos sinais dos tempos⁷¹.

Destaca-se o olhar atento que Häring manifestou durante a preparação da GS, um dos principais documentos conciliares, pelo qual ele enxerga a necessidade da presença de um olhar feminino naquele que seria o documento que cuidaria da relação da Igreja com o mundo. Deve-se levar em conta que naquela época, a mulher fazia parte de 55% dos católicos praticantes. Häring indica, assim, a presença de mulheres para participar de grupos como colaboradoras de algumas sessões⁷².

A atuação ativa que Häring desenvolvia no Concílio, com caráter de renovação e busca por uma visão mais completa do ser humano e de sua relação com Deus, causava muitas rejeições internas e externas na Igreja⁷³. As convicções de Häring ajudavam a transformar a difícil linguagem eclesialística em uma mensagem popular. Temas que ele dominava, como a liberdade, gozavam de grande respeito. Vale ressaltar sua ampla abordagem no manual de

⁷⁰Cf. Ibid., p. 96.

⁷¹Cf. Ibid., p. 99.

⁷²Cf. Ibid., pp. 105-106.

⁷³Identificar-se-á uma avançada reflexão de Häring em pontos fundamentais que trouxeram contribuições para o Concílio, as quais não ficaram restritas a um ou outro documento, mas se estenderam a todo o espírito do Concílio, sendo difundido amplamente a necessidade que a Igreja tinha de aproximar-se com a realidade das pessoas. Cf. HÄRING, Bernhard. *Fé-História-Moral*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 63.

teologia “A Lei de Cristo”, que até então, era referência para muitos bispos na formação dos seminaristas⁷⁴.

Na relação de Häring com o Concílio Vaticano II, Marciano Vidal destaca a relevância que ele adquiriu em todas as fases das quais participou. O manual de teologia “A Lei de Cristo”, citado e analisado no início deste trabalho, foi uma das principais bases para a reflexão da teologia moral no Concílio. Marcava uma passagem do revisionismo para a contemporaneidade, “não havia mais necessidade de fazer defesa do revisionismo: agora, tratava-se de teologia moral contemporânea”⁷⁵.

A forma como Vidal se refere a Häring demonstra o reconhecimento mundial em relação a sua importância no Concílio. Aqui destaca-se o que disse sobre sua morte: “De fato, naquela tarde caiu um tormento sobre o lugar. Aquilo tinha algo simbólico: a terra entristecia, até cheguei a pensar que estávamos enterrando o Concílio”⁷⁶.

Na obra “Pecado e secularização”⁷⁷, Häring aponta uma lista em que apresenta as principais exigências de mudanças na renovação da teologia moral no Concílio Vaticano II. Segundo Häring, as principais mudanças consistem num deslocamento de ênfase e de perspectivas. São apresentadas as seguintes:

Da casuística do confessionalismo para a moral da vida; da visão estática da vida para a moral dinâmica; da ordem moral baseada na natureza para a moral enraizada na história humana; das perspectivas clericais às perspectivas proféticas; da moral fechada na autoridade para a moral da responsabilidade pessoal; da moral monolítica ao pluralismo dos sistemas de valores; da moral do ato para a moral de atitudes; da ênfase sobre normas proibitivas à ênfase sobre normas-metas; do essencialismo-objetivismo ao conhecimento histórico da pessoa; da avaliação moral individualista às perspectivas da solidariedade histórica da salvação; da moral-sansão para a moral pedagógica e pastoral; (em síntese): da lei para o Evangelho⁷⁸.

Por meio dessa lista que Häring apresenta, consegue-se identificar os principais pontos de mudança na teologia moral, que já demonstram sua função prática nas discussões e, principalmente, nas decisões conciliares. Esses temas propostos por Häring como mudanças para a teologia moral, perpassam todo o contexto que envolve o Concílio em suas estruturas e

⁷⁴Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 94.

⁷⁵KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 125.

⁷⁶VIDAL, Marciano. *Conversa com Marciano Vidal: as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de um teólogo de fronteira*. Aparecida: Santuário, 2019, p. 94.

⁷⁷Retirado da edição original espanhola. Cf. HÄRING, Bernhard. *Pecado y secularización*. Madri: Perpetuo Socorro, 1974, pp. 13-34.

⁷⁸Cf. Ibid., p. 34.

conceitos que já eram difundidos, direto ou indiretamente, na prática de ensino da teologia moral. Nessa lista, o último item (da lei para o Evangelho), apresentado como síntese de todas as outras anteriores, faz refletir e enxergar como a Igreja estava trilhando caminhos que necessitavam ser atualizados. À luz do Espírito Santo, as sementes foram lançadas e, ainda em nossos dias, pode-se colher os frutos desse evento⁷⁹.

Nas sessões conciliares, Häring usava do diálogo com teólogos como D. Guano, Schillebeeckx, Henri De Lubac e Yves Congar, para colocar suas ideias e reforçar temas importantes para o Concílio. Esses peritos conciliares, que também foram escolhidos diretamente pelo Papa João XXIII, carregavam em si abertura para a renovação, formando, assim, um grupo que se tornou importante para que o Vaticano II alcançasse seus objetivos⁸⁰.

Em determinado momento, Häring percebeu que seria melhor “um mau documento preparatório do que um documento remendado”⁸¹, pois dessa forma ele compreendia que a renovação que se daria em meio a tanta oposição viria de modo contínuo, através de um caminho de diálogo. Por esse viés, Häring deixou de assinar em determinados momentos, as mudanças que ele indicava, pois poderiam ser rejeitadas simplesmente por ter sua assinatura.

1.6. A consciência na *Gaudium et Spes*

A GS desenvolve em suas temáticas de modo transversal e sobre diversos aspectos, a questão da formação da consciência. Identifica-se nela um dos pontos essenciais para o processo de renovação do método teológico-moral que ocorre no Concílio. O tema da liberdade aparece com relevância nessa renovação, trazendo uma convergência com as perspectivas do agir moral segundo uma consciência que recebe autonomia. Vale ressaltar que nessa constituição, percebe-se a construção do conceito de consciência sempre a partir de uma dimensão personalista e da dignidade da pessoa humana⁸².

⁷⁹Cf. ANJOS, Márcio Fabri dos. *A teologia moral subjacente ao Concílio e seu impulso para a América Latina*. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 389.

⁸⁰Cf. ANJOS, Márcio Fabri dos. Bernhard Häring. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 425.

⁸¹Cf. Ibid., p. 425.

⁸²Cf. ARAÚJO, José William Corrêa de. *A noção de consciência em Bernhard Häring e sua contribuição a atual crise de valores*. Orientador Nilo Agostini. 2007. 365 f. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação, Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 140. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039415.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2020.

Por uma questão metodológica, será descrito a seguir o número 16 da GS e, consecutivamente, o trecho introdutório da obra de Häring “A Lei de Cristo”. Dessa forma, buscar-se-á entender os conceitos da reflexão de Häring sobre a consciência que se destacaram no Concílio. A contribuição do Padre Domenico Capone⁸³, colaborador nessa etapa da GS, surge para enfatizar o percurso da consciência no Concílio.

Vale ressaltar que a publicação de Häring (“A Lei de Cristo”) ocorre em meados dos anos de 1954. No período do Concílio (1962-1965), essa obra já possuía reconhecimento mundial, como um dos principais manuais de teologia moral. Parte da cúria romana não concordava com a abordagem de alguns temas que o moralista alemão desenvolvia, sobretudo nos que trazem uma reflexão que exigia um maior aprofundamento para além do usual na época.

A definição conciliar a respeito da consciência diz:

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas a qual deve obedecer; essa voz, que sempre está chamando ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe de arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito de pecar⁸⁴.

Essa definição conciliar se aproxima da definição dada por Bernhard Häring em seu manual de teologia moral. Ao confrontar com a introdução da parte em que ele trabalha sobre a faculdade moral da consciência, nota-se que as bases teológicas provêm do movimento de renovação da teologia moral, que ganhava força no Concílio. Antes de uma análise mais rigorosa da abordagem da GS a respeito da consciência, será apresentado a conceituação de Häring em “A Lei de Cristo”:

Do ponto de vista do sujeito, a consciência constitui, juntamente com a liberdade e o conhecimento dos valores, uma fonte essencial do bem moral.

⁸³Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 109.

⁸⁴GS, 16.

Mandatária íntima deste bem, é seu ofício de salvaguardar os direitos. Pela firmeza e delicadeza de suas exigências, dá ela testemunha do nível moral da pessoa. A acuidade de suas exprobrações após uma falta e seu rigor imperturbável, testemunham, quando menos, o valor perdido e a possibilidade que ainda subsiste de readquiri-lo *hic et nunc*. O apelo de Cristo, conclamando-nos a segui-lo, não pode deixar de ecoar no mais íntimo desta consciência ativada pela graça. Pode-se mesmo dizer que ela é o órgão receptor deste apelo. É ali, na região mais secreta do seu ser, que o homem percebe, em definitivo, que sua existência mais profunda está vinculada a Cristo. É do próprio Cristo que ela recebe forma e conteúdo. Sem a ação equilibrada do Verbo (Criador, encarnado, dirigindo-nos por sua graça), ela seria um círio apagado, uma voz sem palavra. Por ela o Cristo Luz asperge o brilho de sua claridade. Por sua voz o Verbo fala ao homem⁸⁵.

As definições apresentadas, a conciliar e a de Häring, demonstram pontos convergentes, ideias e conceitos próximos nas duas mensagens transmitidas a respeito da consciência. Uma primeira ideia a ser destacada consiste no fato de a consciência ser algo íntimo, que brota do interior da própria pessoa. Nesse argumento, aparece a característica personalista do movimento de renovação da teologia moral. Observa-se também que em ambas as definições, a consciência é um lugar onde só a pessoa e Deus tem acesso, sendo a voz de Deus a que ressoa e ajuda no processo de discernir o bem do mal, o que fazer e o que não fazer. No limiar da relação entre a pessoa e Deus é germinada a verdade a ser seguida. Além da temática da liberdade, presente na GS 16, também aparece de forma específica quando se trata da excelência da liberdade; diz o Concílio:

A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis deixar o homem entregue à sua própria decisão, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a ele. Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre decisão, ou seja, movido e determinado pessoalmente de dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa⁸⁶.

A liberdade é um dos pontos centrais sobre a discussão a respeito da consciência e, principalmente, no que se refere à sua formação. É impensável uma atuação que esteja desvinculada da liberdade, pois através dela, que o ser humano pode tomar suas decisões por convicções e, não, por imposições. Os conceitos de liberdade para o seguimento de Cristo e do Evangelho proposto por Häring, e desenvolvido nas discussões conciliares, sustentam esse argumento que embasa a autonomia da consciência.

O processo de discernimento dos futuros presbíteros, encontra na formação da consciência um lugar que merece destaque. Com base nessa mesma liberdade, os candidatos as

⁸⁵HÄRING, Bernhard. *A lei de Cristo*. Vol.1. São Paulo: Herder, 1960, p. 27.

⁸⁶GS, 17.

ordens sacras, passam muitos anos de sua vida para aprender, ou serem introduzidos, em um processo de aprendizagem para conseguirem de modo autônomo tomar suas decisões, principalmente no que se refere ao seu chamado. Porém, as imposições que lhe são impostas neste período formativo por suas lideranças (tanto no tempo de Häring, como em nossos dias), tornam-se barreiras para um caminho que embora, deveria ajudar no amadurecimento, parece não estar alcançando seu objetivo.

As tomadas de decisões movidas por imposição demonstram uma educação para obediência cega, na irresponsabilidade, do qual a palavra-chave e valor absoluto é a obrigação. Em todos os aspectos, esse modelo de imposição causa efeitos trágicos, já testemunhados na história, como: I e II Guerra Mundial; guerra entre Rússia e Ucrânia; Autoritarismos e abusos sexuais. As tensões entre autoridade e a obediência, apresentam-se como desafios⁸⁷.

Häring combate essa ideia propondo uma educação para a responsabilidade, a fim de se realizar a lei do Espírito, que nos dá a vida em Jesus Cristo⁸⁸. De fato, pode-se captar, no Concílio e sobretudo na GS, esse pressuposto que ilumina o processo de renovação e que é visto com atenção no processo de discernimento na formação presbiteral.

Nesse sentido, o tema da consciência, como centro do primeiro capítulo da GS, é precedido pelos números de 12-15, nos quais são desenvolvidos elementos antropológicos, quais sejam, os temas do homem criado à imagem e semelhança de Deus, o pecado, os elementos constitutivos do homem em sua complexidade e a dignidade da inteligência, a verdade e a sabedoria⁸⁹. A GS 14 apresenta o que pode ser identificado como princípios da consciência, quando diz:

Não se engana o homem, quando se reconhece superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações o espera, onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas⁹⁰.

⁸⁷Cf. CELAM, *Conclusões de Medellín*. 1979, p. 53.

⁸⁸Cf. HÄRING, Bernhard. *Fé-História-Moral*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 37.

⁸⁹Cf. ARAÚJO, José William Corrêa de. *A noção de consciência em Bernhard Häring e sua contribuição a atual crise de valores*. Orientador Nilo Agostini. 2007. 365 f. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação, Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 140. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039415.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

⁹⁰GS, 14.

A fidelidade à voz da consciência nos faz resolver problemas da vida individual e social, descreve o Concílio⁹¹. Häring dizia que uma má formação da consciência leva a uma obediência cega, não sendo pautada sobre a liberdade e a escuta da sua voz interior, mas que coloca à frente interesses e individualismos como ponto de partida⁹². Essa realidade é encontrada com facilidade na sociedade atual, bem como nos ambientes eclesiais formativos.

A abordagem personalista de Häring busca apresentar, dentro da perspectiva cristã, a forma como Jesus Cristo formava a consciência de seus seguidores. Os textos de Mc 2,23-28; Mt 12,10-14; Lc 13,10-17; 14,1-6; Jo 5,8-18 retratam a problemática da lei do sábado, em que Jesus coloca esta lei como meio para o homem chegar ao sentido de sua vida e, não, como fim, apresentando. Assim, a disponibilidade absoluta para ir além dos limites das regras prescritas.

Häring ao fazer esse resgate às fontes evangélicas, tem como intuito, voltar às origens do cristianismo e, mais propriamente, aos conceitos que são fundamentados para um amor livre. O desenvolvimento da consciência e da liberdade, caminham ao lado da renovação moral e busca fundamentação nas raízes bíblicas. Pois, “apesar da atitude extremamente cuidadosa para com verdades acessíveis à inteligência humana, e de todo o esforço de falar uma linguagem compreensível a todos, tudo, entretanto, devia ser posto claramente à luz do Evangelho”⁹³.

Em suma, Bernhard Häring, em sua ativa participação no Concílio Vaticano II, é um importante teólogo para a renovação da moral católica, aparecendo em relevantes diálogos nos temas da teologia moral. Entre as grandes contribuições de Häring, destaca-se a que foi realizada na produção da Constituição GS⁹⁴, sobretudo na reflexão sobre a consciência e a liberdade, com suas fortes características personalista, assim como a sua influência direta no decreto OT. Por fim, destacam-se as contribuições de Häring e dos textos conciliares que ajudam na reflexão da formação da consciência livre à luz do espírito do Evangelho de Jesus Cristo.

Como reflexo da atuação de Häring nos trabalhos conciliares, surgem as novas perspectivas para a teologia moral, que retomam entre suas principais bases a Sagrada Escritura. O tema da consciência será tratado dentro de uma perspectiva de liberdade, pela qual busca o desprendimento do legalismo para uma autonomia da pessoa em relação ao seu agir moral, que

⁹¹Cf. Ibid., n. 16.

⁹²Cf. HÄRING, Bernhard. *Fé-História-Moral*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 37.

⁹³HÄRING, Bernhard. *Vistas e Perspectivas Novas que a Constituição abre para o Futuro*. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no Mundo de Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 629.

⁹⁴Cf. HÄRING, Bernhard. *Fé-História-Moral*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 67.

encontrará destaque no pedido para que se realize um maior aprofundamento no estudo da teologia moral pelos futuros presbíteros.

1.7. Häring e a *Optatam Totius*

O decreto sobre a formação sacerdotal, em um dos seus principais pontos, apresenta a tratativa do ensino da teologia moral, sobretudo no n. 16. Bernhard Häring trabalhou de forma direta e decisiva neste documento, e comentou muitas vezes que o Concílio faz uma apresentação da moral renovada neste decreto⁹⁵.

Durante um longo período entre os séculos XVI e XX, a visão que se tinha de um agir moralmente correto era o do simples fato de fugir do pecado, considerada uma atitude mínima. Com os revisionistas do século XX, a postura de seguir uma vida moralmente correta passou a tornar-se uma vida que mediante a caridade, levasse a ser discípulo de Cristo. Até meados do século XX a transmissão da teologia moral se dava pelos manuais morais provenientes do Concílio de Trento. Uma moral que se preocupava mais com o evitar o mal, do que com o fazer o bem e praticar as virtudes.

Essa visão é abandonada pelo Vaticano II, através da proposta do Decreto sobre a formação sacerdotal, é destacada a centralidade no dever de praticar a caridade, e assim levar os frutos das virtudes para a vida do mundo. A mudança de perspectiva que trouxe esse novo conceito na moral, é evidenciada no percurso de renovação que traz a teologia moral ao longo dos anos, precedentes ao Concílio⁹⁶.

Häring ao trabalhar nas Comissões Preparatórias, e principalmente, na produção de decretos durante o Vaticano II que diretamente aplacam a teologia moral, aparece no Decreto OT com a mudança que influi mais precisamente no redirecionamento da moral no ambiente eclesial. Sobretudo na dimensão formativa do futuro clero, a partir dos temas que foram pontuados neste curto decreto, pode-se colher ainda em nossos tempos as significativas transformações na perspectiva formativa.

⁹⁵Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, 101.

⁹⁶KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 25.

A teologia moral ganha novos destinatários com a proposta de uma moral que pode ser considerada alternativa ao modelo casuístico das “INSTITUIÇÕES”. De modo direto, essa indicação aparecerá na OT 16, quando é acolhida a proposta de Häring de destinar a exposição da teologia moral também e principalmente aos fiéis⁹⁷. Para isso, era necessário que antes, a forma de transmissão da teologia moral abarcasse os novos métodos que o Concílio passará a exigir.

O conceito base de Häring apresenta uma estrutura responsorial da moral cristã, do qual o ser humano, precisa retomar ao núcleo da moral que traz a ideia central da responsabilidade, ramificada no chamamento de Cristo e na resposta do homem. O resgate proposto, direciona os fiéis à compreensão do destino de cada cristão, que é segui-lo de forma perfeita, apresentado mais tarde no Vaticano II na *Lumen Gentium* 39-42, quando se fala da vocação de todos à santidade na Igreja.

Em entrevista, Junges indica Häring como o teólogo moralista que soube sistematizar a renovação da moral, sobretudo através de sua obra “A Lei de Cristo”, e apresenta a OT como um dos documentos conciliares, que de modo direto indica essa nova compreensão. Destaca-se os três elementos que são apontados na definição conciliar da OT 16: uma moral que seja alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura; a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo, e sua obrigação de produzir frutos de caridade para a vida do mundo. Essas afirmações surgem como revolucionárias para a teologia moral daquele tempo⁹⁸.

Deve-se recordar que logo no nascimento da Escola de Tubinga, em 1817, existia uma dupla exigência: a preparação dos candidatos ao sacerdócio ministerial e a necessidade de recolher o desafio iluminista relativo à centralidade da razão para qualquer pensar da natureza científica⁹⁹. Nota-se que já é suscitado como ponto de partida desta escola teológica, uma importante referência à preparação para os candidatos ao sacerdócio, que parece alcançar seu objetivo de modo mais visível, no Decreto sobre a formação sacerdotal no Vaticano II.

A visão conciliar para o mistério do homem, e sua preocupação em dar base teológica para fundar a moral sobre o homem, e o itinerário e estatuto que ela deverá respeitar na sua

⁹⁷VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 43.

⁹⁸JUNGES, Jose Roque. *O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 401. 03 Set 2012. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4614-jose-roque-junges-3>>. Acesso em Acesso: 10 maio 2022.

⁹⁹Cf. ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e moral: história, interpretação e perspectivas*. São Paulo: Ave-Maria, 2007, p. 59.

reflexão, segundo Zuccaro, é encontrada também no desenvolvimento da OT¹⁰⁰. Deste modo, aparece a antropologia teológica do homem em Cristo, que tem como base a sua entrega pela Igreja. Resgata-se, portanto, um importante aspecto do ministério presbiteral, consolidando o dever de um processo formativo atento às disposições dos candidatos a assumirem este compromisso junto a seu chamado.

O texto central do Decreto ajuda a compreensão das bases citadas acima que trazem a pretensão de redirecionar a prática do processo formativo, vejamos na íntegra:

As disciplinas teológicas sejam ensinadas à luz da fé e sob a direção do magistério da Igreja, de tal forma que os alunos possam encontrar com exatidão a doutrina católica na Revelação divina, a penetrem profundamente, façam dela alimento da vida espiritual e se tornem capazes de a anunciar, expor e defender no ministério sacerdotal. Os alunos sejam formados com particular empenho no estudo da Sagrada Escritura, que deve ser como que a alma de toda a teologia. Depois da conveniente introdução, iniciem-se cuidadosamente no método da exegese, estudem os temas de maior importância da Revelação divina e encontrem na leitura e meditação dos Livros sagrados estímulo e alimento. A teologia dogmática ordene-se de tal forma que os temas bíblicos se proponham em primeiro lugar. Exponha-se aos alunos o contributo dos Padres da Igreja oriental e ocidental para a Interpretação e transmissão fiel de cada uma das verdades da Revelação, bem como a história posterior do Dogma tendo em conta a sua relação com a história geral da Igreja. Depois, para aclarar, quanto for possível, os mistérios da salvação de forma perfeita, aprendam a penetrá-los mais profundamente pela especulação, tendo por guia Santo Tomás, e a ver o nexo existente entre eles. Aprendam a vê-los presentes e operantes nas ações litúrgicas e em toda a vida da Igreja. Saibam buscar, à luz da Revelação, a solução dos problemas humanos, aplicar as verdades eternas à condição mutável das coisas humanas e anunciá-las de modo conveniente aos homens seus contemporâneos. De igual modo, renovem-se as restantes disciplinas teológicas por meio dum contacto mais vivo com o mistério de Cristo e a história da salvação. Ponha-se especial cuidado em aperfeiçoar a teologia moral, cuja exposição científica, mais alimentada pela Sagrada Escritura, deve revelar a grandeza da vocação dos fiéis em Cristo e a sua obrigação de dar frutos na caridade para vida do mundo. Na exposição do direito canônico e da história eclesiástica, atenda-se ao mistério da Igreja, segundo a Constituição dogmática *De Ecclesia* promulgada por este sagrado Concílio. A sagrada Liturgia, que deve ser tida como a primeira e necessária fonte do espírito verdadeiramente cristão, ensine-se segundo o espírito dos artigos 15 e 16 da Constituição *De sacra liturgia*. Tendo em consideração as condições locais, sejam os alunos levados a conhecer mais perfeitamente as igrejas e comunidades eclesiais separadas da Sé Apostólica de Roma, para que possam concorrer para a restauração da unidade de todos os cristãos, segundo as normas deste sagrado Concílio. Sejam ainda iniciados no conhecimento das outras religiões mais espalhadas em cada região, para que melhor possam conhecer o que de bom e de verdadeiro têm, segundo a disposição de Deus, aprendam a refutar os seus erros e possam comunicar a plena luz da verdade àqueles que não a têm¹⁰¹.

¹⁰⁰Cf. Ibid., p. 71.

¹⁰¹OT, 16.

Este texto é tido na presente pesquisa, como uma das bases argumentativas de apresentar o lugar central da renovação da teologia moral, e principalmente as mudanças que o decreto propõe para a dimensão formativa. Entende-se, que foi a partir dessa abertura conciliar que o ensino teológico para os futuros presbíteros, teria uma maior atenção para a dimensão moral. Identifica-se a influência significativa que a questão moral ocupa no processo formativo, pois quando se fala de uma das principais pautas da teologia moral, que é a consciência, entramos nos aspectos do discernimento, tão necessários para esse peculiar grupo na Igreja.

Nesse sentido, que Zuccaro afirma “os movimentos de renovação chegam a uma maior consciência na reflexão conciliar, especialmente na constituição OT, n. 16 com as três coordenadas que devem delinear a competência e realização da reflexão moral”¹⁰². A grande questão que fica para a pesquisa é a seguinte: até que ponto esse documento foi colocado em prática na dimensão formativa? Pode-se afirmar a influência de Häring no processo de discernimento realizado nos seminários?

Ao analisar os principais documentos sobre a formação sacerdotal, que surgiram do Concílio Vaticano II até os dias de hoje, evidenciará as hipóteses levantadas para com maior precisão, identificar a real atuação da OT no seio da Igreja. As abordagens que surgirão no decorrer da pesquisa, explanará de modo concreto as possíveis contribuições que chagaram a partir dessa influência direta ou indireta de Häring.

1.8. Considerações finais

O percurso realizado neste capítulo, tem a pretensão de situar o corte histórico e epistemológico deste estudo. Ao apresentar o itinerário da consciência entre os séculos XIX e XX, nota-se quão grande foi o passo que essa virada de século trazia para a teologia moral e as outras áreas teológicas, deixando a casuística, e assumindo o método personalista da moral renovada.

O modo de refletir a teologia moral, no período pré-conciliar, é marcado pela Escola de Tubinga, que pontua, no meio acadêmico, as novas formas de reflexão do método teológico-moral. A partir dessa escola, o modelo casuístico passa a ser contestado, sobretudo por seu aspecto legalista e rigorista. Entre os nomes que se destacam, aparece Bernhard Häring, que

¹⁰²Cf. Ibid., p. 80.

através de seu contato direto com a escola e com seus principais líderes, desenvolve um manual de teologia moral que será decisivo na renovação da moral católica.

Como importante ponte neste processo de mudanças, aparece as consistentes marcas da Escola de Tubinga, como principal motor que conduziu uma remessa de teólogos, que aprofundaram e revisitaram as bases patrísticas e da Escritura para resgatar uma vivência cristã marcada de fato pelo seguimento a Cristo e seu Evangelho. Dos quais destacamos Bernhard Häring como autor capaz de realizar umas das principais sínteses deste período de transição, em seu manual “A Lei de Cristo”.

Além de marcar essa etapa, Häring traz consigo a grande importância de levar ao Concílio Vaticano II suas reflexões que já ocupavam lugar de destaque no ambiente eclesial, embora obtivesse um certo grau de rejeição pelas autoridades religiosas. Assim, no Decreto OT é exposta a necessidade da mudança de direção no processo formativo, e valorizou-se a presença da teologia moral que carrega consigo os importantes temas da consciência e discernimento.

Nossa sociedade passa por questões sociais de tomadas de decisões, no âmbito político, social e sobretudo sanitário (devido a pandemia, guerra entre Rússia e Ucrânia), que estão diretamente ligadas à questão de consciência. Nesse ponto de relação com a atualidade, seguindo o ensinamento do Concílio de observar os sinais dos tempos, deve-se recordar que a consciência é expressão de toda a pessoa.

A reflexão de Häring e as perspectivas que aparecem no período conciliar, desbravam a longa caminhada necessária no processo formativo, para que os candidatos as ordens sacras realizem de modo maduro sua jornada. Porém, esse objetivo parece ter sido desviado ou abandonado de alguma forma, ao observar o itinerário formativo, encontramos lacunas que impediram de ser concretizado na prática, até o tempo presente.

Deste modo, após realizada essa análise histórica da teologia de Häring no Vaticano II, em especial na desenvoltura do tema da consciência, e sua contribuição para o decreto sobre a formação sacerdotal, no capítulo seguinte buscar-se-á tratar a teologia moral em sua fase de renovação pós-conciliar. A partir da renovação do estudo da teologia moral, será apresentado a preocupação objetiva da Igreja com a formação sacerdotal, bem como os reflexos efetivos do Concílio nas casas formativas.

Como parte central, se debruçará no discernimento como lugar efetivo de transformação, para assim investigarmos qual cenário tem se apresentado neste elemento tão

indispensável para uma vocação madura. Neste percurso, tem-se o intuito de identificar o caminho trilhado do Concílio até os dias atuais, para assim identificar as possíveis lacunas que ficaram no decorrer da jornada.

CAPÍTULO II

TEOLOGIA DE HÄRING NA FASE PÓS-CONCILIAR. A CONSCIÊNCIA E O DISCERNIMENTO COMO LUGAR EFETIVO DE TRANSFORMAÇÃO

O presente capítulo abordará o período pós conciliar da teologia moral. Será buscado desenvolver os principais desdobramentos proporcionados pelo Vaticano II, sobretudo no que diz respeito da renovação da moral católica. Como visto no capítulo anterior, o Concílio foi um novo sopro que entrou na Igreja e ratificou um processo de renovação que era construído na história.

Como lugar central dessa renovação moral, a formação da consciência aparece como tema de importante debate, e ganha novos conceitos e referências, impulsionados pela escola de Tubinga e todo movimento de renovação de décadas anteriores. Os reflexos dessas mudanças, aparecem na formação sacerdotal, onde a teologia moral ganha valor e notoriedade, sobretudo no decreto OT, que será analisado minuciosamente neste capítulo.

Além disso, buscar-se-á identificar o discernimento como lugar efetivo de transformação, apontando o percurso de maturação da vocação dentro das indicações sobre a consciência, deixadas no Concílio, e ainda, será pontuado o papel de Häring no que diz respeito a sua atuação nos ensinamentos sobre a formação da consciência. Assim, começará a ser vislumbrado as hipóteses apresentadas na temática da pesquisa, onde o Häring ao perpassar o Vaticano II, deixa indicativos que podem causar consequências no processo formativo.

2.1. Renovação da teologia moral

O Concílio Vaticano II impulsionou a renovação da teologia moral que ganhava forma há algum tempo na história. O período pós-conciliar surge como o caminho a ser desbravado por aqueles que se deixarem *aggiornar* pelos anseios trazidos neste período. Nessa direção a moral católica passa por uma nova fase, a implementação das indicações surgidas nos anos conciliares. O pós-concílio apresenta-se ao mesmo tempo como esperançoso e desafiador.

A partir das renovações que foram geradas no Vaticano II, aos poucos a Igreja foi ganhando forma em ações concretas, com intuito de chegar aos alvos postos pelo movimento conciliar. Como todo processo de renovação, não foram fáceis as primeiras investidas que buscavam tocar a realidade eclesial, e ainda hoje percebemos os desafios para tais feitos. Häring faz apontamentos que indicam clara consciência de que o Vaticano II não se ocupou expressamente com a teologia moral em um documento específico, porém, ele apresenta um percurso pelos grandes documentos do Concílio e descobre a repercussão que esses possam ter em função de renovar a teologia moral¹⁰³.

O caminho de renovação da teologia moral, traz consigo o impulso conciliar, e de modo surpreendente, ao perpassar alguns dos documentos mais importantes que ali foram elaborados, ficam os traços de mudanças substanciais a moral. Vale ressaltar, que esse movimento de renovação não se deve somente ao Vaticano II, mas a todo um movimento iniciado no final do século XIX, com participação decisiva de Häring na metade do século XX.

Häring coloca-se como um esperançoso teólogo ancião que, embora tenha passado por períodos difíceis de rejeição e até mesmo perseguição por conta de suas reflexões em vista de uma teologia moral renovada, consegue projetar um futuro de caminhos prósperos para a moral católica. Esse otimismo de Häring parte, sobretudo, da frutuosa experiência vivida no Vaticano II. A visão que ele expõe acerca da teologia moral constitui como “uma de suas tarefas principais na ajuda aos cristãos para que se tornem versados na verdadeira liberdade, vivam com discernimento e firme propósito a liberdade dos filhos de Deus”¹⁰⁴.

Quando se visita a teologia moral católica, observa-se que no decorrer da história, as visões relativas aos temas do pecado, da liberdade, da consciência e do agir moral passam por transformações, que acarretam muitas consequências que podem perdurar nas gerações seguintes. Não se pode negar que o Concílio Vaticano II traz consigo as marcas da renovação e atualização da Igreja nos tempos atuais. Por meio dele, valorizou-se e introduziu-se um espaço para a reflexão e inserção dos fiéis na vida da Igreja, aprendendo, assim, a ter um olhar apurado e positivo aos sinais dos tempos presentes¹⁰⁵.

A abertura à ação do Espírito Santo que é encontrada no Concílio passou também para a teologia moral, bem como às outras áreas da teologia. Pode-se afirmar que o espírito

¹⁰³Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 99.

¹⁰⁴HÄRING, Bernhard. *Teologia Moral para o terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 56.

¹⁰⁵Cf. GS, 1.

renovador do Concílio impulsionou o processo de renovação do método teológico-moral. Surgiram orientações para os novos fundamentos para o raciocínio da moral, onde os 400 livros e ensaios de Josef Fuchs contribuíram diretamente para moldar a teologia moral católica romana, desde que ele começou a escrever¹⁰⁶.

Nesse processo, nota-se, como centro da renovação do método teológico-moral, a metodologia do diálogo com o mundo, mas não como em outros tempos, quando se ditavam as regras de modo impositivo, sem levar em consideração os aspectos individuais da pessoa e se utilizando de um método autoritário. No Concílio, que tinha o diálogo como palavra-chave, apresentou-se de um modo construtivo, pelo qual a Igreja ensina-aprende e o mundo ensina-aprende¹⁰⁷. Sem o diálogo, não existia o viés do convencimento para uma adesão de fé madura, mas o da obrigação, imposição para a lei ser cumprida.

Na síntese de Häring, encontra-se uma perspectiva moral cristã embasada nos conceitos da liberdade fiel e da criatividade. Esses dois conceitos são colocados como pano de fundo para compreensão dos objetivos da obra “Livres e fiéis em Cristo”, na qual é apresentado seu modo personalista que leva a pessoa a responsabilidade. Assim, a pessoa ocupa o lugar decisivo que em manuais do casuísmo legalista, antes era dado à lei. Segundo Häring, só uma pessoa livre pode ser responsável, porém, é necessário entender essa liberdade sempre vinculada à fidelidade criativa¹⁰⁸.

Até o Concílio Vaticano II, o rigorismo e o moralismo eram assumidos por uma teologia oficial do magistério e conduziam as principais linhas teológicas-morais por parte da Igreja. Após o Concílio, surgiu uma nova maneira de falar do pecado. Agora não se utilizava mais os parâmetros do rigor, do legalismo, do pode ou não pode, mas era tratado com relação ao horizonte da redenção, à luz da graça¹⁰⁹.

O novo método da teologia moral desenvolve a pedagogia do convencimento, por meio de uma comunicação clara dos valores, que transmita, antes da norma ou lei, os valores positivos, com vistas a educar para o discernimento¹¹⁰. O método de ensino pelo autoritarismo, medo e controle, levaram à violação do que é mais sagrado na pessoa, a consciência, pois

¹⁰⁶Cf. KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: da confissão dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 177.

¹⁰⁷Cf. PASSOS, João Décio. Diálogo. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 266.

¹⁰⁸Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 114.

¹⁰⁹Cf. HÄRING, Bernhard. *Teologia Moral para o terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 60.

¹¹⁰Cf. VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: O lar teológico da ética*. São Paulo: Editora Santuário, 2003, p. 456.

quando não se educa para o discernimento, corre-se o risco de gerar a manipulação da consciência.

No desenvolvimento deste novo método da teologia moral, ela foi interpretada de duas formas, com correntes distintas em sua forma de pensar, a saber: ética da fé e moral teônoma. A primeira postura vê e valoriza mais o papel da fé, e entende a moral cristã como ética da fé. A segunda postura, acentua e valoriza mais o aspecto substantivo da moral, compreende a ética cristã como uma moral da autonomia teônoma¹¹¹.

A reflexão teológico-moral continuou a realizar o programa de *aggiornamento* ou atualização proposto no Vaticano II. Alguns fatores contribuíram para o maior desenvolvimento da teologia moral nesse período: abertura de centros de ensino de teologia moral; criação de associações de moralistas franceses, italianos, espanhóis, na América Latina; congressos e semanas de estudos; revistas destinadas somente à teologia moral¹¹². O diálogo fecundo com a modernidade marca também o período pós Vaticano II, sobretudo nos aspectos bíblico-teológico e antropológicos.

A atualidade e o avanço do pensamento de Häring, cujos argumentos eram considerados como um risco, em seu tempo, para a teologia moral, acentua a questão do cuidado para com as consciências, como prevenção para evitar os casos em que ocorriam a manipulação da consciência das pessoas, principalmente por meio da “obediência cega”, como visto no capítulo anterior.

Em nosso período histórico, vê-se a Igreja passar por grandes dificuldades, no que diz respeito a conduta moral/sexual de alguns de seus ministros ordenados. Essa questão é acompanhada com muita atenção e afeto pelo Papa Francisco, tendo ele criado meios de punições mais rígidas para os que cometerem esse tipo de delito, através do *motu proprio* “*vos estis lux mundi*”¹¹³. No entanto, nas estruturas internas da hierarquia, sobretudo na cúria romana, e nos gabinetes episcopais, ainda é considerado um tema “tabu”, no qual poucos ousam posicionar-se e lutar em favor daqueles que têm sido lesados em sua consciência.

Os reflexos de questões tão complexas, relacionados à consciência moral, evidenciam o papel fundamental deste processo de renovação da teologia moral, embora iniciado a meio

¹¹¹Cf. Ibid., p. 477.

¹¹²Cf. Ibid., p. 458.

¹¹³Cf. FRANCISCO. *Carta apostólica sob forma de Motu Proprio vos estis lux mundi*. Vaticano, 9 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190507_vos-estis-lux-mundi.html>. Acesso em 25 de jun. 2021.

século, parece ainda não ter atingido as metas almejadas, de uma consciência mais madura daqueles que estão se preparando ao sacerdócio. Aqui entendemos a necessidade de refletir sobre o lugar efetivo de transformação do ser humano, que é a consciência, pois é dali que brotam os principais anseios e decisões de toda pessoa. O período pós-conciliar vive o anseio de vencer as estruturas pré-existentes que estavam enraizadas no *modus operante* da moralidade cristã, e em contrapartida, convive com linhas conservadoras que não querem se desvincular das falidas estruturas.

Destacamos a função de Häring que é acenado por Vidal como aquele que “devolveu à Moral cristã o tom evangélico que havia ficado bastante oculto sob o excessivo legalismo da moral casuística. Em seu projeto teológico-moral harmonizam-se a Dogmática, a Espiritualidade, a Pastoral e a Moral”¹¹⁴. No centro desse processo de renovação, encontramos o resgate da linguagem evangélica que vincula novamente a moralidade cristã que de fato tenha Jesus Cristo no centro.

A coleção de obras “*Livres e fieis em Cristo*” de Häring, dando continuidade ao seu projeto de manuais de teologia moral¹¹⁵, contribuem significativamente para aplicação dos conceitos que foram enumerados no Vaticano II. Dentre os principais, aparece com destaque a dimensão de liberdade cristã como primordial para tomadas de decisões, e a fidelidade a Cristo como centro de toda normativa.

O processo de recepção imediata do Vaticano II, foi marcado por intensos debates e movimentos sociais, dos quais o apelo a consciência se tornou central. O papel da consciência oscila entre “interpretações em que ela simplesmente aplica princípios gerais e situações particulares, e outras que ela é a instância única de norma do agir”¹¹⁶. Coutinho afirma que:

Há, contudo, um outro paradigma que no Concílio encontra acolhimento e que marcará uma boa parte da renovação da teologia moral pós-conciliar. Assenta numa abordagem mais personalista da moralidade, que realça a unidade da vida moral e valoriza o ato em função da pessoa, enquanto expressão do sujeito¹¹⁷.

¹¹⁴VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 131.

¹¹⁵Aqui nos referimos a obra *A Lei de Cristo*, produzida por Bernhard Häring pouco menos de uma década antes do início do Concílio Vaticano II, ela já foi citada com papel fundamental na carreira acadêmica do teólogo alemão no primeiro capítulo desta dissertação.

¹¹⁶Cf. COUTINHO, Vitor. *Consciência e liberdade: à luz da doutrina do Concílio Vaticano II*. Portugal, Lisboa: Faculdade de Teologia UCP Didaskalia XLII (2012)2, p. 145.

¹¹⁷Cf. *Ibid.*, p. 150.

Acontece nesse processo, uma mudança substancial. O sujeito da afirmação sobre a consciência passa a ser o homem e não a ordem moral em forma de múltiplas leis. Essa conversão no caminho da teologia moral, abre as novas perspectivas de compreensão da necessidade de um olhar para o núcleo da pessoa que é a consciência, e encontrar nela o lugar de um discernimento efetivo.

A encíclica chamada “*Humanae vitae*”, publicada em 1968, aparece como ponto convergente de mudança na moral; ela proporcionou discussões; nesse período da Igreja, foi divisor de águas para união dos teólogos morais, em vista de uma reflexão mais alinhada ao Concílio e a essa nova perspectiva de moralidade centrada na pessoa. A doutrina da consciência passa neste momento por uma divergência de opiniões que faz com que as décadas posteriores ao Concílio, fossem marcadas por debates intensos na teologia moral. O medo de dar continuidade a doutrina da consciência da GS, tem a ver, com o medo de que a afirmação dessa subjetividade moral possa ser encarada como um convite ao subjetivismo¹¹⁸.

Todo esse contexto leva a teologia moral a uma caminhada de preocupação com a formação da consciência do sujeito, a partir da necessidade de uma solidificação de novos conceitos e da urgência de colocar em prática a doutrina conciliar. Encontra-se em Häring aspectos dessa imediata preocupação e em seu desenvolvimento teológico pós-conciliar, análises que ajudam compreender pistas para a efetivação desses novos conceitos que surgiam na moral católica.

2.2. Formação da consciência para Häring

O caminho de renovação da teologia moral, ao transitar nos temas fundamentais da moral cristã encontra a formação da consciência como eixo central desse período de mudança. É essa uma das principais perspectivas que se encontra no escopo de trazer para a prática os frutos conciliares e de reflexões teológicas que eram suscitadas até mesmo anteriormente a ele.

A linha personalista que impacta nas reflexões teológicas da época, corrobora para uma maior autonomia da pessoa, em vista de um enfraquecimento da linha legalista e rigorista. Como todo período de mudança, o maior desafio é levar a consciência a necessidade das

¹¹⁸Cf. COUTINHO, V. Uma sombra que suaviza e uma proximidade que cura: repensar a ética teológica. Entrevista a Antonio Autiero. *Humanística e Teologia*, v. 32, n. 1, p. 14, 1 jan. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/8514>> Acesso em 16 set. 2023.

alterações necessárias, e enxergar os benefícios que essas proporcionariam para a pessoa. Nesse sentido, vale ressaltar que esses processos não ocorrem de modo imediato, principalmente no que se refere a dimensão eclesial, que tende a viver processos lentos de mudanças de paradigmas¹¹⁹.

A renovação da teologia moral encontra nos movimentos de renovação das décadas precedentes, um contexto de novo impulso no Concílio Vaticano II. Häring de modo decisivo, coloca no Vaticano II através de seus trabalhos de redação e revisão, o importante tema da consciência e a dimensão de liberdade que o rodeia. A moral segundo o espírito conciliar, procura corroborar em uma formação de consciência cristã que ajude o indivíduo em seu percurso de seguimento a Cristo de modo autêntico¹²⁰.

Häring traça os fundamentos sobre os quais apoiam-se toda a estrutura fundamental da teologia moral, apresentando uma nova síntese da moral cristã. Nela aparece dois pontos centrais para essa seção da pesquisa, são eles: a dimensão personalista como opção fundamental e a consciência moral que é reformulada¹²¹. Trazemos aqui como pressuposto, a ideia de que essa nova síntese passa de modo decisivo nas dimensões internas da instituição, tendo nas casas de formação um papel fundamental para sua aplicação ou exclusão.

Em sua obra pós-conciliar “Livres e fieis em Cristo”, Häring já abordava a necessidade de uma compreensão sagrada da consciência, que levasse em conta a totalidade e a integralidade da pessoa. O teólogo alemão expressava a urgência de uma compreensão do ser humano como criado para a totalidade na dimensão biológica, psicológica e espiritual¹²². Essa visão integral da pessoa, aparece como chave de leitura para lançarmos um olhar aos reflexos que este apontamento pode ter influenciado na formação sacerdotal.

A preocupação apresentada pela teologia moral pós-conciliar, e consequentemente pela Igreja, com a formação da consciência, não deixa de levar em consideração que ela está passível ao erro. O pensamento do cardeal Newman que diz: “sempre defendi a asserção de que a obediência à consciência, ainda que errônea, era o caminho para chegar a luz¹²³”, é visto como assertivo por Häring, e entra na esteira de uma proposta que mais tarde é levantada no Concílio

¹¹⁹VV. AA. *Práxis Cristã. Introdução Moral Fundamental*. Trad: Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983. Vol. 1. p. 345.

¹²⁰Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 115.

¹²¹Cf. *Ibid.*, p. 116.

¹²²HÄRING, Bernhard: *Livres e fieis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 219.

¹²³NEWMAN, J. H. *Apologia pro vita sua*, Nova York, 1950, VI Parte. p. 212.

como parte de um processo de desenvolvimento da integralidade da pessoa e a valorização de sua dignidade¹²⁴.

Newman apresenta a consciência como a centralidade do que existe no homem, como meio mais próximo de conhecimento que uma pessoa pode ter¹²⁵. Apropriando-se dessa mesma visão, Häring ao utilizar-se desta mesma corrente de pensamento, aborda a consciência e conscientização do cristão, como sendo marcadas pelo encontro com Cristo. Assim, a consciência cristã madura é vista não como um catálogo de coisas e formulações, mas a partir de um encontro que gera uma atitude de fé por meio da responsividade de um conhecimento de Cristo que abrange tudo¹²⁶.

Por meio desses pressupostos, nota-se a exigente missão da Igreja de passar por um processo de resgatar a dimensão mais importante do cristianismo, o seguimento a Cristo e seus valores. O resgate da visão de que “não estais debaixo da lei, mas sob a graça”¹²⁷ torna-se fundamental para romper com o longo período em que a consciência cristã estava mais focada na lei como obrigação moral, prejudicando assim sua autenticidade. O caminho de inversão deste peculiar erro de percurso na história da teologia moral, passa pela formação da consciência.

Era esperado que não seria um processo fácil mudar o caminho que vinha sendo trilhado pela teologia moral, tendo em vista que existia por trás uma estrutura de séculos que caminhava pelos trilhos da casuística e dos manuais. No interior da Igreja, em entrevista, Häring afirma que muitos se escandalizavam com as mudanças, e evocavam a lei, buscando na autoridade e na obediência cega o suporte para a condução da moral cristã, o que era totalmente contrário ao espírito Conciliar¹²⁸.

A necessidade de mudança de paradigma aparece para Häring nesse período (30 anos após o Concílio) como urgência e ao mesmo tempo, como resposta a tragédias já vistas no mundo em períodos anteriores, ao declarar que:

¹²⁴Cf. GS 12-22.

¹²⁵Cf. PAIVA, Fernando Maio de. Consciência moral em Jhon Henry Newman: como via para chegar à fé e ao conhecimento de Deus, a partir de *An essay in aid of a grammar of assente*. Faculdade de ciências humanas da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2013. p. 80. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<https://ciencia.ucp.pt/en/studentTheses/consci%C3%A0ncia-moral-em-john-henry-newman-como-via-para-chegar-%C3%A0-f%C3%A9>>. Acesso em 20 ago. 2023.

¹²⁶Cf. HÄRING, Bernhard: *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 233.

¹²⁷Rm 6,14.

¹²⁸Cf. SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 111.

Se a Igreja tivesse formado cristãos maduros, responsáveis, fiéis ao evento pentecostal, o Führer (Verführer-sedutor), Hitler, não teria podido encontrar um rebanho de cristãos cegamente obedientes. Isso vale (embora em dimensão mais restritas) para a obediência que Mussolini encontrou. Por que os bispos alemães não ergueram a voz quando Hitler atacou a Polônia ou quando Mussolini atacou a Abissínia? Bispos, padres e a grande maioria dos cristãos estavam paralisados pelo paradigma de uma obediência acrítica, cômoda. Também a atual crise na Igreja católica eu a vejo causada em primeiro lugar por uma recaída num sistema de obediência controlável e controlado. A crise pode ser uma crise de crescimento se vencer em toda a Igreja aquela responsabilidade criativa que se expressa, entre outras coisas, também em uma obediência responsável e num senso de crítica construtiva. Não pode haver no mundo cristãos dotados de senso profético se houver a demasiada preocupação de se ter católicos sempre obedientes a autoridade eclesiástica¹²⁹.

É, portanto, esse um ponto nefrágico para essa fase na teologia moral, ressignificar a formação da consciência direcionada, não mais para uma obediência cega, mas para uma agir moral responsivo a partir de uma responsabilidade e um senso crítico construtivo. Essa lição apresentada por Häring, à luz do Concílio, não foi bem compreendida por todos nessa fase da Igreja, embora alguns teólogos importantes a compreenderam bem, como Antônio Moser quando diz como deve ser entendida a Teologia Moral: “parte da teologia que, à luz da Revelação e da fé vivida na comunidade eclesial, pretende apontar o caminho da humanização plena das pessoas e da sociedade, na trilha de Jesus Cristo e do seu reino”¹³⁰.

Com esse ponto de partida, Jesus Cristo e seu reino, pode-se entender a crítica de Häring sobre como a Igreja seguia em seu processo de formação da consciência. Nota-se que passados alguns séculos à frente, o Papa Francisco retoma esta indicação deixada pelo Concílio. Não tendo chegado ainda a plenitude de sua realização, Francisco conduz a Igreja a um exercício do discernimento, que não cabe somente ao papa, mas a toda Igreja, o que evidencia um processo de descentralização¹³¹ por meio da formação da consciência.

No discurso a alunos e professores de teologia moral, Francisco pede “uma teologia moral que não hesita em sujar as mãos, com a concretude dos problemas, principalmente com a fragilidade e o sofrimento daqueles que mais veem ameaçados o seu futuro, dando testemunho franco de Cristo Caminho, Verdade e vida (Jo 14,6)”¹³². Percebe-se uma ligação muito aproximada com a teologia de Häring, que indicava o resgate cristológico como caminho

¹²⁹Cf. Ibid., p 112.

¹³⁰MOSER, Antônio; LEERS, Bernardino. Teologia Moral: impasses e alternativas. São Paulo: Vozes, 1988, p. 75. (Tomo V, série III: A Libertação na História).

¹³¹Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 2013, n. 1.

¹³²Cf. FRANCISCO, Discurso para os professores e estudantes da Academia Alfonsiana (online), 09 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em 20 ago. de 2023.

renovador da moral. Como resgatar um paradigma de mudança que parece ter sido pulado na história, e que hoje enfrenta os mesmos embates que 60 anos atrás enfrentava? Mediante uma postura de abertura, respeito, diálogo e discernimento frente à atual cultura de possibilidades e desafios¹³³.

Uma das maiores dificuldades da Igreja atual, é enfrentar a estrutura conservadora que parece buscar consolidar uma moral rigorista, esquecendo os malefícios que ela já causou. A moral rigorista distancia-se da linguagem do amor libertador de Cristo, e faz esquecer a perspectiva da misericórdia divina na vida da pessoa¹³⁴. A preocupação pós conciliar com a formação da consciência persiste, e encontra uma resistência em âmbito parecido com a do passado, a dificuldade de introduzir essa nova perspectiva da teologia moral na formação dos sacerdotes, ainda aparece como barreira para uma efetiva prática dos ensinamentos conciliares.

Afinal, até que ponto o Concílio Vaticano II deixou marcar na formação sacerdotal? O que se pode efetivamente dizer que foi tocado, ou transformado a partir deste evento renovador da Igreja? Buscar-se-á refletir em seguida sobre essa dimensão. Encontrar os reflexos do concílio na formação, e principalmente possíveis influências de Häring, será a chave de leitura para acessarmos os próximos objetivos desta pesquisa, até chegarmos na formação sacerdotal de nossos tempos.

2.3. Reflexos do Concílio Vaticano II na formação sacerdotal

O Concílio Vaticano II abordou direta ou indiretamente temas eclesiais como: eclesiologia, liturgia, missão, moral. sacramental, inclusive a dimensão da formação sacerdotal. Identifica-se essa ação de modo mais direto, ao reportar-se aos documentos específicos que desenvolveram essa temática, o principal chama-se *Optatam Totius*. Antes, porém, de analisar o que foi proposto por este documento, será refletido sobre o contexto geral de reflexos do Concílio que ficaram na formação sacerdotal.

A primeira dimensão a ser considerada é a substancial mudança na eclesiologia que surgia no Vaticano II. A Igreja passa de uma imagem hierárquica para o conceito de Igreja

¹³³Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Papa Francisco e o específico da teologia moral*. Análise do discurso à academia Afonsiana pelos seus 70 anos de fundação. Revista de cultura teológica. São Paulo, n. 98 Jan/Abr 2021, p. 168. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/52404>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

¹³⁴Cf. ULLOA, Boris Agustin Nef. *Amar como pastores: o desafio de educar para atitudes que manifestem misericórdia*. In: *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 71.

como povo de Deus. Teólogos como Hans Küng afirmam que “nenhuma outra Igreja realizou desde o tempo da Reforma Protestante uma reforma tão grande, tão organizada e sem grandes divisões, assumindo posturas relevantes em relação a aspectos candentes no mundo atual”¹³⁵.

Ao se perguntar o que foi o Concílio Vaticano II, muitas respostas surgiram: graça, fumaça, tormenta, a consagração da continuidade, a primavera, o ar fresco, a ocasião perdida, a traição, a apostasia, o dom, a repetição, o desastre, o renascimento, a atualização (*aggiornamento*), a vocação, a embriaguez, o *Kairós*. Segundo Melloni, a compreensão que mais interessa é a condensação desses juízos que criam oportunidades de respostas, oportunidades iniciadas antes que o Vaticano II terminasse e que talvez ainda não estejam concluídas¹³⁶.

As Constituições Conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* aparecem como as mais importantes do Concílio, pois elas que redefinem a Igreja e sua missão e a relação da Igreja com o Mundo. A *Lumen Gentium* transmite a ideia de uma Igreja que não é mais entendida como apenas a hierarquia (Papa, Bispos e Padres), mas define-a como povo de Deus em marcha, onde todas as pessoas são membros e tem a mesma dignidade, diferindo as responsabilidades. A *Gaudium et Spes*, define a Igreja não mais como apenas uma realidade compartimentada, fora do mundo, mas que está inserida nele. O mundo é assumido em sua totalidade pela Igreja, superando a antiga divisão Igreja-mundo¹³⁷.

Esta superação Igreja-mundo carrega consigo outro aspecto fundamental nesse processo de mudanças de perspectiva na Igreja; o olhar para uma Igreja que tem uma maior abertura para a participação dos leigos, como parte fundamental do povo de Deus, na sua ação missionária e apostólica. Consequência deste desdobramento, é a mudança de paradigma de uma Igreja vista como corpo sacerdotal que cria comunidade, mas como comunidade daqueles que respondem com fé a convocação de Deus em Jesus por seu Espírito¹³⁸.

Nota-se através desses poucos aspectos levantados que as mudanças conciliares ao redirecionarem a trajetória da Igreja, consequentemente atingirão também de modo muito direto, a dimensão hierárquica da Igreja. A formação sacerdotal ganhará uma nova perspectiva

¹³⁵Cf. KÜNG, Hans, “*O Concílio esquecido?*”. In: *Concilium* (Revista Internacional de Teologia), n. 312, Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, Edição Portuguesa, 2005, pp. 139 -140.

¹³⁶Cf. MELLONI, Alberto. “*O que foi o Vaticano II? Breve guia para os juízos sobre o concílio*”. In: *Concilium* (Revista Internacional de Teologia), n. 312, Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, Edição Portuguesa, 2005, p. 34.

¹³⁷Cf. MESCHIATTI, José Eduardo. *Trabalhadores da vinha: Estudo sobre a formação do clero – o seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II*. 2007, p. 97. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/431606>> Acesso em: 05 Jul. 2023.

¹³⁸Cf. BOFF, Leonardo. *Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*. Campinas-SP: Verus Editora, 2004, p. 21.

para assim buscar corresponder aos anseios e desafios suscitados pelo Concílio. Os ministérios na Igreja ao receberem essa acentuada ênfase na colegialidade, sintonizada com a comunidade, onde cada um exerce sua função específica de sua consagração batismal, alcançam a importante valorização do povo de Deus, como um todo. Nesse sentido, a Igreja é chamada, a luz do Concílio, a ser toda ela ministerial¹³⁹, e não ficar restrita aos ministros ordenados.

Deve-se resgatar, ainda dos ensinamentos conciliares, a reforma proposta pela constituição *Sacrosanctum Concilium*¹⁴⁰, da qual trabalha especificamente a reforma litúrgica da Igreja. Nela, encontramos mais evidências da mudança eclesiológica que era esperada, ao dizer que “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é sacramento da unidade, povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos. Por isso, essas celebrações pertencem a todo o corpo da Igreja, manifestam-no e implicam-no”¹⁴¹.

Aparece mais uma vez a dimensão da colegialidade na Igreja, que impulsiona não só uma reforma litúrgica, mas a partir desta, uma reforma em todas as dimensões eclesiais. No aspecto litúrgico, no que tange à formação sacerdotal, ocorre uma indicação para mudança no seu ensino. O que antes do Concílio era lecionado aos candidatos ao sacerdócio por professores do Direito Canônico, enquadrado no parâmetro legal e de normativas, passa a ser transmitido por professores formados em liturgia, com o objetivo de transmiti-los não só uma ação celebrativa da liturgia, mas sua teologia e sentido na caminhada do povo de Deus¹⁴².

Na visão de um quadro geral da formação teológica, a liturgia aparece no centro, como uma das principais a serem consideradas, sobretudo nas casas de formação religiosa e nos seminários¹⁴³. Percebe-se, assim, que a nova compreensão eclesiológica (de Igreja comunhão do povo de Deus), suscitava como efeito para essa causa, a necessidade de um novo presbitério, ou seja, uma nova dinâmica formativa na Igreja.

O ministério sacerdotal de Trento até o Concílio Vaticano II carregava consigo uma maior ênfase na dimensão sacral e cultural. O Vaticano II coloca ênfase na dimensão missionária e ministerial do sacerdócio, e assim, ocorre a inclusão mais explícita do povo de Deus como

¹³⁹Cf. MESCHIATTI, José Eduardo. Trabalhadores da vinha: Estudo sobre a formação do clero – o seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. 2007, p. 103. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/431606>> Acesso em: 05 de Jul. 2023.

¹⁴⁰A partir daqui será utilizado a abreviação SC nas citações deste documento conciliar.

¹⁴¹SC, 26.

¹⁴²LIMA, Danilo César dos Santos. *O Concílio Vaticano II e a recepção litúrgica nas casas de formação: A urgência da reiniciação cristã dos candidatos*. In: TREANSFERETTI, J. A. MILLEN, M. I. C. ZACHARIAS, R. (orgs.). *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 365.

¹⁴³Cf. SC, 15.

parte dos membros do corpo de Cristo, colocando a Igreja dentro de outra perspectiva.¹⁴⁴ Nem todos compreenderam e aceitaram esse novo modelo de Igreja, o que gerou insatisfações e resistências vista até nossos dias¹⁴⁵.

A compreensão abordada por Häring logo após o Concílio, fala a respeito dizendo:

Os sacerdotes foram escolhidos e separados dos leigos não para formar uma classe social mais elevada, mas unicamente para ficar completamente livres para o serviço dos irmãos. Foram escolhidos, postos a parte, para se unirem totalmente ao Senhor e permanecerem afastados do mundo. Não poderiam, porém, dar aos seus irmãos o testemunho da vida futura e servir aos homens, se permanecessem alheios à sua vida e as suas condições¹⁴⁶.

O dizer de Häring aponta para a forma conciliar de enxergar o sacerdócio, não mais como uma casta mais elevada, mas resgata a imagem do sacerdote como um irmão entre os irmãos.

Pode-se fazer um ‘recorte’ para a dimensão formativa no Brasil, pouco antes do Concílio (1950). O modelo formativo era tridentino sendo que a realidade local era ignorada. Nesse período a Igreja católica no Brasil estabilizou o sistema tridentino, buscava-se a clericalização da Igreja no país. O clero, portanto, era formado aos moldes europeus, com um certo aburguesamento que os seminários proporcionavam aos jovens¹⁴⁷.

Com o Vaticano II a formação passou a ter novos rumos e novos desafios. Substitui-se o termo sacerdote para presbítero¹⁴⁸, além de introduzir-se a caridade pastoral como sua espiritualidade. A formação passa a considerar o formando como seu principal agente. Nota-se que as mudanças que ocorreram na formação, como reflexo conciliar, foram extremamente significativas, proporcionando uma grande crise de identidade nos sacerdotes e naqueles que estavam diante do processo formativo. Boa parte dessa crise, foi causada pela própria rigidez de formação adotada até então¹⁴⁹.

¹⁴⁴Cf. MESCHIATTI, José Eduardo. *Trabalhadores da vinha*: Estudo sobre a formação do clero – o seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. 2007, p. 108. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/431606>> Acesso em 05 Jul. 2023.

¹⁴⁵A cúria romana se apresentava resistente à reflexão de temas considerados avançados para a época. Enquanto Häring procurava introduzir o amor redimido e redentor de Cristo, encontrava pessoas no interior do Concílio que tentavam-no bloquear, entre as quais se destacam D. Ottaviani, D. Piolanti e entre outros, que abertamente discordavam das propostas inovadoras que surgiam de sua reflexão. Cf. SALVOLDI, Valentino. *Häring: uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 90.

¹⁴⁶HÄRING, Bernhard. *O concílio começa agora*. São Paulo: Edições Paulistas, 1966, p. 179.

¹⁴⁷Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. *Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 43.

¹⁴⁸Cf. PO, n. 2.

¹⁴⁹Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. *Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 46.

No Brasil, surge em 1978 a OSIB¹⁵⁰ com o objetivo de promover o intercâmbio entre os seminários, ajudando nesse processo de adequação a nova estrutura formativa proposta no Concílio. Nesse período que se identifica o nascimento do termo “casa de formação” ou “comunidade formativa” para referir-se aos seminários, e a conferência de Puebla menciona quando afirma que “o processo de amadurecimento e formação da vocação presbiteral encontra o seu ambiente mais propício no Seminário maior ou casa de formação, declarado pelo Concílio necessário para a formação presbiteral”¹⁵¹.

Enquanto uma parte da Igreja se esforça para aproximar-se cada vez mais do espírito conciliar, segmentos conservadores acabam levantando questões que buscam uma depreciação do Concílio, como vemos:

Um determinado segmento da Igreja, com a anuência de segmentos da cúria romana, levantou a acusação do Concílio ter rompido com a Tradição da Igreja, fruto de uma falsa hermenêutica ou correta interpretação dos seus documentos. Minimizando a profundidade e a abrangência da renovação conciliar, alegaram a existência de duas hermenêuticas do Vaticano II: uma equivocada, segundo eles – a hermenêutica da “descontinuidade e da ruptura” –, e, outra, supostamente correta – a hermenêutica da renovação na continuidade¹⁵².

Essa interpretação proporciona uma certa involução eclesial, da qual alimenta um movimento de retorno daquilo que era vivido anteriormente ao Concílio. Quando se fala de uma renovação na continuidade, na verdade está se querendo dizer “mais continuidade do que renovação”¹⁵³. Em tempos de mudanças, as oposições apresentam-se como barreiras naturais. Porém, ao passar 60 anos do período conciliar, vale buscar nesta reflexão os motivos dos quais ainda essas barreiras não forma rompidas.

A reflexão que se decorre, evidencia que a dimensão formativa é uma das primeiras atingidas pelo Concílio. São muitos os reflexos que chegam à formação dos futuros presbíteros, (dimensão litúrgica, eclesiológica, sacramental, pastoral, missionária) e nota-se, que poderiam ser ainda maiores se bem assumidas e levadas a prática da ação eclesial, a partir de uma formação da consciência sólida.

¹⁵⁰A Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (OSIB) tem como missão estimular, acompanhar e orientar as várias iniciativas em prol das vocações e dos ministérios.

¹⁵¹CELAM. Puebla, 1979, p. 301.

¹⁵²HUENERMANN, Peter. *Silêncio frente ao Concílio Vaticano II?* In: *Concilium* (Revista internacional de teologia), n. 346, Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 285.

¹⁵³BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 137.

Para buscar uma resposta mais sólida dessas questões, será aprofundado no decreto conciliar sobre a formação sacerdotal, e ali investigar as questões que foram propostas pelos padres conciliares. A partir desta investigação, identificar-se-á as principais necessidades de renovação na formação, bem como, os caminhos indicados como essenciais para uma boa efetivação desta renovação. Sem dúvidas, assim como em todas as frentes da Igreja esse processo era, e continua sendo, desafiador, também aqui se encontrará barreiras para tais mudanças.

2.4. A renovação da formação sacerdotal na *Optatam Totius*

No capítulo anterior desta dissertação, foi apresentado um aspecto específico da OT, com enfoque no n.16 que traz o anseio do Concílio em rever principalmente a dimensão do ensino da teologia moral no processo formativo. Indicou-se com maior enfoque a atuação de Häring e sua forte influência nesse texto conciliar. Nesse momento da pesquisa, se trata novamente do decreto sobre a formação sacerdotal, agora direcionado para analisar os principais traços de renovação que são apresentados ao longo dos seus 22 parágrafos.

A primeira indicação de renovação apresentada pelo decreto, refere-se à criação do plano de formação sacerdotal em cada nação ou rito¹⁵⁴. De modo que seja contemplado a realidade de cada região do mundo para uma maior aplicação eficaz das ideias do ar renovador que soprava sobre a Igreja. Esses planos precisam ser aprovados e revistos periodicamente pela Santa Sé.

A promoção vocacional é indicada como uma ação conjunta da Igreja, do qual todos os membros carregam a sua responsabilidade. De modo mais direto, mas não solitário, os sacerdotes carregam a missão que através de sua vida e testemunho, sejam os principais propagadores da vocação. Diz o decreto: “os sacerdotes manifestem o máximo zelo em favorecer as vocações, e pela sua própria vida humilde, laboriosa, levada com ânimo alegre, assim como pela mútua caridade sacerdotal, atraiam a alma dos adolescentes para o sacerdócio”.¹⁵⁵

Uma acentuada preparação para o tríplice múnus é exigida pelo decreto, que pede uma atenção ao formar o jovem a ser um bom comunicador da Palavra de Deus, uma boa preparação para o ministério do culto e da santificação através dos sacramentos e ações litúrgicas e a

¹⁵⁴Cf. OT, 1.

¹⁵⁵Cf. *Ibid.*, 2.

preparação necessária ao ministério de pastor. Nessa esteira, aparece a necessidade de conduzir os jovens candidatos a uma configuração ao Cristo que “não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45).

A atenção àqueles que serão os professores e educadores nos seminários, surge no decreto como ponto de partida para uma boa formação dos alunos. Considerando que, é a partir de uma compreensão de que na forma de pensar, sobretudo em comunhão de pensamento e metas que se dará uma formação eficaz. Aparece uma referência que destaca o seminário e seu valor em cada Igreja particular, ao ser dito que “os sacerdotes devem considerar o seminário como coração da diocese, e de boa vontade presta-lhe própria ajuda”¹⁵⁶, é valorizado o processo formativo como essencial na vida da Igreja particular.

Dentro das perspectivas de seleção de candidatos, o decreto resgata a importância de tomar o cuidado para que, a urgência e a necessidade de vocações, não afete o criterioso e refinado exame. Afirma-se ainda a solicitude pastoral de cada região, para que em caso de necessidade, serem erigidos seminários nacionais ou regionais. Levando em consideração, em todos os casos, as mesmas orientações e procedimentos de aprovações da Santa Sé¹⁵⁷.

Ao falar sobre um cuidado minucioso na formação espiritual, aparecem duas dimensões essenciais para a caminhada formativa rumo ao sacerdócio; a primeira em relação a uma orientação cristocêntrica, que ensina uma vida a ser vivida segundo o Evangelho, buscando crescer nas virtudes de Jesus. A outra dimensão, já mencionada anteriormente, que é o sentido eclesial do chamado, como diz o próprio decreto:

Sejam os alunos imbuídos do mistério da Igreja, declarado de modo especial por este sagrado Concílio, de tal maneira que, unidos ao Vigário de Cristo por um amor humilde e filial e, uma vez elevados ao sacerdócio, ligados ao seu Bispo como fiéis cooperadores, colaborando em fraterna caridade com seus irmãos no sacerdócio, deem testemunho daquela unidade que atrai os homens para Cristo. Entendam os alunos bem claramente que não se destinam ao mando, nem às honras, mas que se devem ocupar totalmente no serviço de Deus e no ministério pastoral¹⁵⁸.

Essa declaração reforça o quanto esse momento de renovação da Igreja desejava alcançar a formação, para consequentemente espalhar-se por todos os outros membros do povo de Deus. O cuidado com desenvolvimento para a maturidade dos candidatos, manifesta no decreto o quanto o seminário é essencial para uma sólida vocação, encarando a disciplina não como obrigação, mas como caminho de maturação. É pensando nesse processo de

¹⁵⁶Cf. *Ibid.*, 5.

¹⁵⁷Cf. *Ibid.*, 6-7

¹⁵⁸Cf. *Ibid.*, 9.

amadurecimento que o Concílio delega aos Bispos locais, a faculdade, conforme as necessidades, de acrescentar um tempo maior de tirocínios entre as etapas formativas, bem como um tempo hábil para o exercício do diaconato transitório¹⁵⁹.

Na perspectiva acadêmica, o decreto apresenta algumas prioridades e exigências para uma boa preparação ao sacerdócio. A primeira delas, trata-se do cuidado de proporcionar uma aproximação e aprofundamento da língua latina, como língua oficial da Igreja, bem como o cuidado com as línguas das Sagradas Escrituras e da Tradição. A filosofia e teologia caminhem com o teor cristocêntrico em seu ensino e reflexão. Para que isso ocorra bem, é orientado que sejam dados cursos introdutórios nos períodos oportunos, para que os alunos compreendam a ordem e o fim pastoral dos estudos eclesiais¹⁶⁰.

Como principais objetivos dos estudos filosóficos, o decreto aponta para o desenvolvimento do aluno em sua capacidade de investigação e refutação de argumentos em busca da verdade. A relação entre filosofia e os verdadeiros problemas da vida, devem ser despertados e acompanhados, para que o candidato procure sempre uma integração entre a filosofia e os mistérios da salvação¹⁶¹.

Tendo já analisado minuciosamente o n.16 do decreto OT, passamos a identificar nos dois parágrafos seguintes dele, uma oportuna indicação conciliar, tocando na dimensão didática do ensino teológico para os futuros sacerdotes. Vale ressaltar, a orientação dada aos bispos, para que tenham um olhar aos jovens que demonstrem “caráter, virtude e talento”¹⁶² para serem enviados a especializações, sejam elas filosóficas ou teológicas.

A penúltima parte do decreto, destaca a importância de o caminho formativo apresentar uma proposta de ensino pastoral capaz de transmitir aquilo que se tem maior valor na prática ministerial. A dimensão do cuidado das almas, da busca dos incrédulos, as obras de caridade, administração dos sacramentos e do culto litúrgico, são vistas como essenciais em uma necessária formação pastoral. Bem como, é introduzido a pertinência do uso das novas ciências, que começavam a ganhar cada vez mais força, como os conhecimentos pedagógicos, psicológicos e sociológicos¹⁶³.

¹⁵⁹Cf. *Ibid.*, 12.

¹⁶⁰Cf. *Ibid.*, 13.

¹⁶¹Cf. *Ibid.*, 15.

¹⁶²Cf. *Ibid.*, 18.

¹⁶³Cf. *Ibid.*, 20.

A prática pastoral aliada aos estudos, é colocada como parte integrante do caminho formativo, com o objetivo de unificar a teoria e sua aplicação. O decreto enxerga na aplicação pastoral, enquanto ação na vida da comunidade, um impulso essencial na vida do aluno que está a caminho do sacerdócio. Caminho este, que não se encerra com a conclusão dos estudos, mas é visto como um percurso de formação continuada, após os estudos eclesiais e devidas ordenações. O sagrado Concílio indica de modo distinto o valor de ter esse trabalho contínuo de introduzir e renovar cada vez mais o clero jovem no exercício de seu ministério¹⁶⁴.

O decreto é concluído com os seguintes dizeres:

Os padres deste sagrado Concílio, continuando a obra começada pelo Concílio de Trento, ao mesmo tempo que, esperançados, confiam aos superiores e professores dos seminários o encargo de formarem os futuros sacerdotes de Cristo no espírito de renovação promovida por este mesmo Concílio, exortam ardentemente aqueles que se preparam para o ministério sacerdotal a que sintam vivamente que a esperança da Igreja e a salvação das almas lhes está confiada e que, aceitando de ânimo generoso as normas deste decreto, deem frutos abundantíssimos que permaneçam para sempre¹⁶⁵.

Esse movimento que retoma a centralidade de Jesus Cristo, como principal preocupação do Concílio, busca nele indicar e transmitir o amor revelado por Deus para com todos, o que indica a importância que a teologia de Häring teve com sua compreensão moral, seu fundamento e método¹⁶⁶. Portanto, todo esse percurso de renovação proposto pelo decreto OT surge como indicativo do retorno formativo ao seguimento a Cristo de forma mais intensa.

Através desta análise minuciosa do decreto sobre a formação sacerdotal, encontramos a perspectiva renovadora dentro do aspecto formativo que o Concílio Vaticano II suscitou. Todo esse processo de mudanças propostas, estão em vista de um objetivo evidente de ajudar o jovem que se dispõe a este caminho, trilhar passos em direção a um amadurecimento do chamado recebido em sua vida. Ao contemplar todos os pontos acima mencionados, o processo formativo espera uma vocação mais madura e com maior configuração ao Cristo.

Agora, ao concluir este capítulo, será apontado o discernimento como elemento fundamental da vocação madura. Para tal feito, buscar-se-á na raiz do termo seus principais significados, bem como fontes atuais que decorrem sobre a temática que engloba tanto os

¹⁶⁴Cf. *Ibid.*, 22.

¹⁶⁵Cf. *Ibid.*, 22.

¹⁶⁶Cf. MORAES, Karolayne M.V.C. *A formação da consciência no contexto pós-moderno*. Uma análise da cristologia de José M^a. Castilho como proposta para uma ética cristã renovada. Orientador: André Luiz Boccato de Almeida, 2023, p. 78. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Teologia PUC-SP. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18271/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Almeida%2C+Andr%C3%A9+Luiz+Boccato+de>. Acesso em 20 nov. 2023.

anseios de renovação postas pelo decreto a mais de meio século, como os anseios atuais da realidade formativa.

2.5. O discernimento como elemento fundamental da vocação madura

A vocação eclesial é a matéria prima do tema abordado ao longo deste capítulo, de modo mais específico a vocação ao ministério ordenado. Em todo chamado, existe o sujeito que faz o chamado e o indivíduo que o escuta, entre os dois surge uma terceira instância (podendo ser uma pessoa, um grupo de pessoas, ou as diversas ferramentas utilizadas pela instituição) que ajuda a pessoa, que recebe o chamado, a fazer um discernimento.

A herança pré-conciliar, concebia o cristianismo como camadas, segundo o qual o Povo de Deus correspondia ficar do lado de fora, no átrio, devendo conformar-se apenas em cumprir os mandamentos. De modo concreto, o seguimento a Jesus era considerado como privilégio de uma pequena elite, formada por sacerdotes e religiosos, única a ter uma espiritualidade e, portanto, capacidade de discernimento¹⁶⁷. O Concílio ajuda a ressignificar essa visão, e, a teologia moral, assume o papel desde então, de mostrar a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo (dar frutos na caridade OT 16).

A teologia moral, a partir de então, carrega consigo essa busca em não se restringir ao esquema lei-cumprimento, mas se abrir ao esquema liberdade-resposta. Por conseguinte, nos alerta o Papa Francisco, na mesma direção do decreto sobre a formação sacerdotal, “devemos trabalhar para superar o divórcio entre fé e vida, entre moral e espiritualidade, entre teologia e pastoral”¹⁶⁸. O discernimento aparece como meio mais eficaz de realizar tal missão na vida da Igreja.

O tema do discernimento alude a um processo antropológico, não só utilizado no meio religioso, mas em todos os ambientes sociais¹⁶⁹. Para que o seja realizado de modo eficaz, é necessário um acompanhamento personalizado que ajude a pessoa ter mais clareza sobre o

¹⁶⁷Cf. TRANSFERETTI, J. A.; ZACHARIAS, R. *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 7.

¹⁶⁸ FRANCISCO, Papa. *Veritatis Gaudium*. Constituição apostólica sobre as universidades e as Faculdades eclesiais, n. 2. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_2017/2018_veritatis-gaudium.html>. Acesso em: 5 ago. 2023.

¹⁶⁹DOMÍNGUEZ, Luis Maria Garcia. *Discernir o chamado: A avaliação vocacional*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 29.

chamado que escuta e as consequências que emergem dele. O discernimento deve ser situado na vida concreta da pessoa, e aprofundando a raiz dessa palavra “discernimento” será contextualizado de modo mais objetivo o valor fundamental desse processo na caminhada vocacional. Deste modo,

A palavra discernimento vem do latim *discernere*, o verbo discernir significa separar, dividir, distribuir, distinguir, perceber. Composto por “dis”, que tem sentido de separação, dispersão, dissipação, negação e oposição, e de “cernere”, que deriva da raiz *Krei*, cujo significado é “peneirar” e da qual também derivou a palavra critério. Assim discernir equivale a ter critérios para separar o bem do mal, para distinguir os sinais da vida dos rastros da morte¹⁷⁰.

O discernimento vocacional é realizado para ajudar a pessoa fazer um caminho de amadurecimento do seu chamado, possibilitando uma resposta madura e autêntica. Esse procedimento de análise ou de discernimento, segundo Dominguez (2010), deveria garantir os seguintes aspectos:

Um primeiro aspecto que o examinador deve observar é a existência (ou ausência) dos possíveis impedimentos para a vocação concreta. O segundo aspecto que o examinador terá de avaliar é a presença, o atrativo e a coerência dos valores cristãos e vocacionais, o chamado vocacional, de tal forma que se constatem a fé íntegra, a reta intenção consciente e a idoneidade espiritual e moral. O terceiro aspecto será detectar a motivação vocacional consciente, ao lado de possíveis motivações menos evidentes à consciência do candidato. Considerar todo tipo de motivações humanas do candidato permite relacionar estas últimas com sua motivação vocacional. Um quarto aspecto de análise é constituído pela avaliação da presença ou da ausência de psicopatologia no candidato, que, quando existe, pode implicar algum grau de limitação em sua liberdade e, inclusive, uma falta de idoneidade. Por fim, o examinador abordará o complexo exame da idoneidade, entre os mínimos necessários e os máximos desejáveis. A maturidade cristã e religiosa mínima do candidato constitui um requisito óbvio que o examinador constatou já. A maturidade humana global e a maturidade afetiva e sexual requerem um exame matizado, pois não existe um conjunto estabelecido de objetivos universais¹⁷¹.

Os aspectos citados indicam que existe um papel essencial desempenhado pelos responsáveis de ajudar nesse caminho de discernimento. Quando se fala em maturidade na vocação, conseqüentemente entrar-se-á na necessidade de pessoas capacitadas para oferecer esse suporte aos candidatos, e a formação da consciência tanto falada no Vaticano II, aparece com seu papel insubstituível.

A maturidade da vocação não é um fundamento necessário somente daqueles que chegam para iniciar seu processo de discernimento; é também, e principalmente, naqueles que

¹⁷⁰CARMO, Solange Maria do. *Discernimento e Sagrada Escritura*. In: TRASFERETTI, J. A. ZACHARIAS, R. (orgs). *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*. São Paulo: Paulus, 2023. p. 20.

¹⁷¹DOMÍNGUEZ, Luis Maria Garcia. *Discernir o chamado: A avaliação vocacional*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 46.

já estão na fase de formação permanente (ministros ordenados) que ela precisa ser alimentada. As diretrizes para formação de presbíteros no Brasil falam dessa necessidade, que é apontada na *Ratio Fundamentalis Institutionis sacerdotalis*¹⁷². É antes nos responsáveis da formação que se espera esse caráter da maturidade para que um bom percurso de discernimento seja concretizado.

O grande desafio é fazer com que os candidatos ao sacerdócio, conduzidos e motivados por seus formadores, atendam aos apelos do Concílio Vaticano II de uma formação aberta, crítica e engajada. Passa, porém pelo modo de realizar esse acompanhamento de discernimento, que muitas vezes, na relação de poder (bispo, equipe de formadores), o seminarista quase sempre está em situação de inferioridade¹⁷³.

A arte do discernimento é um instrumento essencial para o processo de amadurecimento da vocação, principalmente a sacerdotal, por isso, deve-se levar em consideração o que o Papa Francisco afirma: “O discernimento deve ajudar a encontrar os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio dos limites”¹⁷⁴. Não se pode deixar de considerar as circunstâncias e realidades do tempo presente, nem vivenciar uma formação imatura. É necessário sinceridade e transparência para enxergar que existem os limites humanos, e em meio a estes limites Deus chama, e a pessoa faz o processo de discernimento para responder o chamado.

A vocação madura não diz respeito à pessoa perfeita ou pronta para corresponder ao chamado de Deus, mas diz respeito o quanto o indivíduo está disposto a entrar no caminho do discernimento. Neste caminho percebe-se “o bem que o Espírito derrama em meio as fragilidades”¹⁷⁵, para assim ajudar o amadurecimento de cada vocação. Nota-se que nesse processo, é o Espírito quem ocupa o ponto nevrálgico dentro do elemento essencial para uma vocação madura.

Evidentemente, existe um desafio a ser enfrentado para a prática do discernimento. Os principais desafios de nossos tempos, propostos na obra *Ética Teológica e Discernimento*, são:

Levar a sério o Espírito, analisando e interpretando os sinais dos tempos; levar a sério a realidade encarando-a como *Kairós*; Levar a sério a busca da unidade

¹⁷²Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 139. A partir daqui será citada com a sigla RFIS.

¹⁷³Cf. TRASFERETTI, José Antonio. *O papel dos formadores na formação*: Para além da mera formalidade e aparência. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 134.

¹⁷⁴AL, 305.

¹⁷⁵AL, 308.

no respeito à diversidade; levar a sério o bem possível, sobretudo quando o ideal não pode ser alcançado; levar a sério o primado da caridade em relação às normas morais; e levar a sério a misericórdia, assumindo-a como distintivo da própria identidade¹⁷⁶.

Os seis desafios citados coincidem com os anseios do Papa Francisco que nos colocam na dinâmica do sínodo que ocorre na Igreja¹⁷⁷. Somente trilhando um caminho de proximidade é possível colaborar para o amadurecimento de uma vocação. Nesse sentido, é a teologia da proximidade e do cuidado difundida por Francisco em seus diversos diálogos e documentos, capaz de preencher essa visível lacuna na área formativa eclesial¹⁷⁸. Formar consciências imbuídas de fazer um maduro discernimento, eis o desafio.

Aqui chega-se em uma dimensão paradigmática de nossa reflexão. Ao mesmo tempo que são apontados os caminhos de possíveis soluções no caminho formativo, nota-se que ainda faltam elos que liguem de maneira substancial esses caminhos. O discernimento é claramente o elemento fundamental de uma vocação madura, porém, a Igreja ainda carece de pessoa capacitadas para conduzir a esse caminho.

Resgata-se, portanto, a necessidade de entender o objetivo do discernimento moral, sendo que ele “visa distinguir a ação que se aproxima o melhor possível do amor de Cristo, o objetivo é distinguir o que melhor pode ser feito para corresponder ao ensinamento de Jesus”¹⁷⁹. Assim, compreende-se o ensinamento de Jesus quando diz “dei-vos o exemplo para que façais assim como eu fiz para vós” (Jo 13, 15).

¹⁷⁶Cf. ZACHARIAS, Ronaldo. *Discernimento e hermenêutica*. In: *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*. São Paulo: Paulus, 2023, pp. 107-111.

¹⁷⁷ O Sínodo convocado pelo Papa Francisco é histórico porque o Pontífice resolveu que a conversa com os Bispos será o último passo de todo processo sinodal. Com o intuito de seguir fielmente a proposta do termo “sínodo”, que é sobre “caminhar juntos”, Francisco resolveu abrir o espaço de voz para toda a Igreja, desde a sua base nas comunidades paroquiais. Desta forma, a Assembleia Sinodal que irá acontecer em 2023 será o resultado de todas as etapas vividas desde as dioceses e arquidiocese de todo o mundo. O Sínodo foi dividido em 3 etapas: etapa diocesana, etapa continental e a universal, com a Assembleia Sinodal. A abertura dos trabalhos foi feita no dia 10 de outubro, no Vaticano, com Santa Missa presidida por Francisco. Nas dioceses do mundo todo, a celebração aconteceu na semana seguinte, no dia 17 de outubro. As primeiras duas fases, diocesana e continental, ocorrerão entre outubro de 2021 e março de 2023. A fase continental, a Assembleia Sinodal, será em outubro de 2023. O Papa Francisco pediu, durante a Missa de abertura, que todos estejam prontos para “encontrar, escutar e discernir”. Cf. CIPOLLINI, Dom Pedro Carlos. *Por uma Igreja Sinodal: Sinodalidade, tarefa de todos*. São Paulo: Paulus, 2022, p.

¹⁷⁸ Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. *Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 61.

¹⁷⁹FUMAGALLI, Aristide. *Discernimento e Consciência*. In: TRASFERETTI, J. A.; ZACHARIAS, R. *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 78.

2.6. Atuação de Häring no itinerário da formação da consciência

O enfoque curativo e libertador proposto por Häring, que é encontrado na moral católica renovada, tira a centralidade do enorme número de leis e obrigações, sob pena de pecado mortal, para uma visão que coloca a manifestação da graça de Deus no centro. Carrega consigo a supremacia da graça sobre o medo, em que, conduzida pelo Espírito, a pessoa guia sua vida segundo o Evangelho e, não, segundo as regras de um modo legalista.

Assim, transforma-se radicalmente a forma do discurso, altera seu alcance e abre um novo horizonte de possibilidades para se retornar à vivência da lei de Cristo, encontrada nas narrativas da Sagrada Escritura, sobretudo nos Evangelhos. A teologia moral pós conciliar passa por uma mudança metodológica, que implica: uso criterioso da Sagrada Escritura; fidelidade a história da salvação e a tradição constante da Igreja; conscienciosa valoração do progresso moral através dos tempos; atenção à mensagem moral dos sinais dos tempos¹⁸⁰. O centro do novo método da teologia moral está na redescoberta da vocação do homem em Cristo.

Observa-se que a consciência é lugar essencial de tomada de decisão, o método pelas quais ela é formada são determinantes para melhor corresponder a vocação do homem. A falta de liberdade para escutar a voz que fala à consciência é um risco de que pelo autoritarismo e uma obediência cega, seja um seguimento de protocolos ou de normas, que não passam de atos externos. As decisões tomadas a partir de uma consciência que reflete e valoriza a liberdade de escolher por convencimento, amor livre e fiel, estão pautadas na graça, na resposta livre, que tomamos por convencimento interior e, não, por obrigação¹⁸¹. “O Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3,17).

Para a realização concreta da formação da consciência, o Espírito Santo tem a função de agir na inteligência, suscitando a conscientização. A lei revelada pelo Espírito é amor que não se impõe contra nossa vontade, mas solicita docemente, transforma e atrai para escolhas de acordo com a verdade¹⁸². Assim, a lei a ser seguida é a do Espírito, do mesmo modo como Jesus Cristo, que deixava ser guiado, com a única preocupação de ser obediente ao projeto dado pelo Pai, o projeto do reino de Deus. O método teológico-moral renovado propõe essa abertura à lei

¹⁸⁰Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 134.

¹⁸¹Cf. *Ibid.*, p. 135.

¹⁸²Cf. HÄRING, Bernhard. *Teologia Moral para o terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 80.

do Espírito que nos dá vida em Jesus Cristo. Pode-se ainda identificar, com muita clareza, essa teologia nos escritos paulinos, que apresentam a moral como o “produzir frutos no Espírito” (Gl 5,1).

Há uma diferença que se torna considerável no anúncio da mensagem deixada por Cristo, qual seja, a distância existente entre a moral do proibido e uma moral que crê na ação guiada pelo Espírito que gera frutos¹⁸³. As motivações para as tomadas de decisões da pessoa, com base em sua consciência conduzida pelo Espírito, são totalmente diferentes. Quando conduzido e convencido pelo Espírito, a recepção das diretrizes de ação moral ou orientações do que deve ser feito ocorrerá com uma certa naturalidade, incomparável com aquilo que restringe ou que proíbe.

Dessa constatação, compreende-se a preocupação, apresentada por Häring, sobre um enfoque terapêutico na teologia moral, ao falar sobre os diversos traumas e neuroses que afligiram muitas pessoas no período em que a moral era imposta por aqueles que tinham contato direto com os manuais legalísticos¹⁸⁴. Essa linha de moralistas, pautada no rigorismo, certamente, em algum momento deixaram de seguir a lei do Espírito.

O fato de deixar de lado e até mesmo abandonar a lei do Espírito, gerou uma evangelização que levava uma mensagem impregnada por imposições de normas e proibições, apresentando um salvador violento e, não, um salvador não-violento e atrativo¹⁸⁵. Essa era uma evangelização que se preocupou muito em falar, mostrar as normas, que afastou da lei do Espírito. A moral pré-conciliar se caracterizava por uma rigidez jurídica, distante de uma centralidade pneumatológica. O sentido primeiro do seguimento do cristianismo foi sendo, aos poucos, deixado de lado por conta do rigorismo e do legalismo adotados nas linhas do probabilismo e laxismo da teologia moral casuística.

A saída dos métodos teológicos-morais da casuística, proporcionaram um olhar libertador da consciência. A busca de sentido do agir moral, fez com que a pessoa em sua tomada de decisão, não ficasse preso somente as normas jurídicas, passou-se de uma moral que transmitia imagens externas que não condizem com o interior da pessoa, para uma ação moral que tem no centro, uma responsabilidade integral com a verdade, em seu aspecto interno e externo, ou seja, o agir e o falar que ocorrem dentro de um convencimento interior.

¹⁸³Cf. *Ibid.*, p. 115.

¹⁸⁴Cf. *Ibid.*, p. 72.

¹⁸⁵Cf. *Ibid.*, p. 93.

Dessa forma, para a pessoa corresponder a sua vocação, chamado a viver em Cristo e segundo seus ensinamentos, seguir a lei do Espírito torna-se uma condição para que a consciência seja atingida pela graça, e formada dentro de um contexto dialogal, que une a vontade de Deus e a ação do homem. Assim, apresenta-se a luta contra todas as formas de legalismo e manipulação da consciência.

Ao analisar esse momento histórico, o resgate das preocupações de Häring com a formação da consciência, impactam também e sobretudo, na perspectiva do caminho de discernimento feito com os candidatos aos ministérios ordenados. De modo concreto enxergamos sua contribuição principalmente nas reflexões feitas na OT vistas anteriormente.

2.7. Considerações Finais

O percurso desenvolvido por este capítulo, teve como proposta central situar a teologia moral no período pós conciliar, para assim identificar os processos de renovações ocorridos e que de algum modo, atingiram a perspectiva da formação sacerdotal. Para alcançar tal fim, utilizou-se como ponto central as definições dadas para a consciência tanto no Concílio Vaticano II, como por Häring no período subsequente a ele.

Entre as principais mudanças encontra nesse processo de renovação, destaca-se a nova proposta para a teologia moral saindo de uma perspectiva rigorista e moralista, para a personalista, onde foi valorizado o horizonte da redenção e da graça. Um dos fatores contribuintes para esse processo, foi o amplo diálogo com a modernidade, e os aprofundamentos na dimensão bíblico-teológico e antropológico permitiram esses passos na moral católica.

Na dimensão da formação sacerdotal, o Concílio deixou marcas que resignificaram a perspectiva da vivência do ministério, de uma dimensão sacral e cultual que vinha desde Trento, passou-se a dar ênfase na dimensão missionária e ministerial. Destaca-se a efetiva fala de Häring no que diz respeito ao sacerdócio, visto agora dentro do âmbito do serviço e da proximidade com o povo de Deus, diluindo, portanto, a imagem do sacerdócio enquanto casta mais elevada.

De modo mais aprofundado, ao trabalhar o decreto sobre a formação sacerdotal OT, pode-se vislumbrar os principais aspectos de transformação para essa área eclesial, dos quais destacam-se o pedido para um olhar mais aprofundado dentro do estudo da teologia moral. O que trará por consequência, um olhar mais incisivo para o processo de discernimento, e

principalmente, para o amadurecimento da vocação em meio ao caminho de formação da consciência.

A teologia de Häring traz em sua centralidade essa preocupação da formação da consciência cristã, em seu desenvolvimento apresenta a suavidade do Espírito que substitui o peso da norma. Fazendo, portanto, um percurso onde o indivíduo redescobre a vocação do homem em Cristo, e assume de modo responsável e maduro o caminho de discernimento a ser trilhado.

Deste modo, após realizar essa análise que identifica as mudanças propostas no período pós conciliar, buscar-se-á refletir sobre as perspectivas atuais e futuras que elas ocasionam no processo formativo. Além disso, buscar-se-á propostas, a luz da teologia de Häring, que podem contribuir com o processo de formação da consciência para o discernimento no caminho vocacional.

CAPÍTULO III

PERSPECTIVAS ATUAIS E FUTURAS: FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PARA O DISCERNIMENTO NO SEMINÁRIO

Tendo percorrido o caminho que procurou apresentar, em um primeiro momento, o impacto causado pela teologia de Häring que despontou como linha tênue no Vaticano II, e no segundo momento analisado as marcas que foram deixadas na teologia conciliar, buscar-se-á neste capítulo indicar as perspectivas que envolvem o processo de formação da consciência para um efetivo discernimento vocacional.

Para tal feito, em um primeiro momento, apresentar-se-á alguns aspectos da possível aplicação da teologia de Häring no processo formativo, identificando se ocorreram de modo direto ou indireto. Será destacado a proposta de Häring para a formação da consciência, que contribui de modo efetivo para o acompanhamento do discernimento vocacional.

Num segundo momento, serão indicadas as principais perspectivas dos documentos mais recentes da Igreja sobre a formação, para pontuar onde aparece, e se aparece, traços da teologia de Häring. Assim, serão refletidos os passos que ainda são necessários para um caminho formativo cada vez mais integral, e os desafios que na dimensão interna da Igreja, caminham como proposta real ou ideal.

Por fim, será concluído com algumas pistas de conceitos que a pesquisa ajudou a identificar, e apresentou como complemento para o futuro formativo da Igreja. Conclusões essas, que não buscam fechar as questões e apresentar todas as respostas, mas abre um leque de possibilidades para caminhos possíveis a serem percorridos.

3.1. Implementação da teologia de Häring no processo formativo

Ao desenvolver o percurso que parte da teologia do período da casuística, passa pela escola de Tubinga e seu renovador processo de pensar a teologia moral, encontra Häring como nome essencial dentro desse movimento de renovação, e impulsiona o Vaticano II que é reafirmado pelo mesmo, notou-se os impactos causados na história da Igreja, que refletindo em

nossos tempos. Nota-se ainda na segunda parte dessa dissertação, o lugar central da consciência para o discernimento de uma vocação madura, utilizando os ensinamentos de Häring como base de toda a reflexão.

Agora, de maneira analítica, buscar-se-á identificar no processo formativo, traços da teologia de Häring que se mostram, direta ou indiretamente, importantes dentro da formação, ou ainda, que poderiam contribuir neste processo. Serão indicadas ideias que aparecem na formação presbiteral e que facilmente são encontradas em Häring, bem como, pontos apresentados pelo teólogo alemão que despontam como necessários na atualidade da casa de formação.

Ao retomar a teologia de Häring, nota-se que o desenvolvimento de seus escritos traz uma dimensão cristológica muito bem definida. Com a elaboração da obra já citada nessa pesquisa, *A Lei de Cristo* e mais tarde com a continuidade dela nos três volumes da obra *Livres e fiéis em Cristo*¹⁸⁶, são apresentadas a fidelidade que o teólogo alemão mantinha numa proposta cristocêntrica que sintetiza o teocentrismo com o antropocentrismo cristão¹⁸⁷.

O processo formativo no percurso de sua história, busca através do acompanhamento vocacional pessoal, dar prioridade ao discernimento vocacional e formar a consciência do discípulo missionário¹⁸⁸. Deve-se, porém, ter o cuidado com a formação acrítica, insensata e irracional, que é extremamente danosa para uma sociedade e Igreja que pretendem contar com pessoas maduras, livres, fiéis, discernentes, responsáveis e criativas¹⁸⁹.

Häring indica nesse sentido, o valor excepcional e único da liberdade de consciência, do justo significado da responsabilidade e da obediência-desobediência plenamente responsáveis¹⁹⁰. Por meio da formação da consciência para o discernimento, principalmente dentro do processo de acompanhamento vocacional, seja antes ou depois do ingresso no

¹⁸⁶Essa obra de Bernhard Häring foi publicada em 1979, 25 anos depois da publicação do manual “A Lei de Cristo” e 14 anos após o fim do Concílio Vaticano II. “Livres e fiéis em Cristo” oferece uma exposição completa da teologia moral católica, considera as mudanças ocorridas em vista do Concílio, bem como o contato que Häring teve com o terceiro mundo, e apresenta uma visão de responsabilidade em Jesus Cristo, com enfoque na liberdade e fidelidade criativas. A obra está localizada no período em que a teologia moral passava pelo centro de sua renovação.

¹⁸⁷Cf. HÄRING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo: Teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 15.

¹⁸⁸Cf. RFIS, 44.

¹⁸⁹Cf. MILLEN, Maria Inês de Castro. *Os acordes de uma sinfonia: a moral do diálogo na teologia de Bernhard Häring*. Juiz de Fora: Editar, 2005, p. 85.

¹⁹⁰Cf. HÄRING, Bernhard: *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 341.

seminário, que se poderá criar um ambiente formativo maduro, com a coragem de dialogar com os desafios atuais da sociedade.

Häring deixa essa ideia explícita ao responder sobre o porquê tantos homens, inclusive cristãos, se deixam manipular com tanta facilidade, até por regimes totalitários e cruéis, tão contrários à essência do Evangelho, quando diz: “porque, na Igreja católica de então, não foi possível criar uma opinião adulta e a coragem necessária para a oposição”¹⁹¹.

Nesta constatação, aparece uma das lacunas encontrada nos processos formativos atuais, em sua maior parte, os seminários parecem demonstrar pouca preocupação em ajudar seus formandos a criarem uma opinião adulta. A estrutura que infantiliza o jovem que inicia o caminho de acompanhamento vocacional, não o permite ter uma opinião madura e por vezes, conhecer o processo de discernimento tão praticado por Jesus com seus discípulos. É necessário um itinerário a ser seguido, que passe pelo despertar, acompanhar, discernir e desenvolver¹⁹².

O caminho de discipulado com Jesus, tem como ponto de partida a liberdade de acolher ou não o chamado que Ele faz. A história da teologia moral, apresentada na primeira parte desta dissertação, mostra que em um longo período histórico a liberdade foi praticamente excluída, e substituída pela autoridade, principalmente dentro do processo formativo. Assim, o discernimento apresenta-se como cada vez mais necessário para combater o autoritarismo do poder¹⁹³.

A formação para a liberdade responsável, passa por uma advertência muito sensível indicada por Häring; ao dizer sobre a pseudoinocência ele afirma:

A pseudoinocência é uma ideologia religiosa perversa, é o estado patológico do modo de pensar e de julgar. Trata-se de uma expressão venenosíssima do ‘pecado do mundo’, experienciado por quem se considera raça eleita¹⁹⁴.

Para Häring a pseudoinocência é a característica do fariseu orgulhoso, que julga tudo achando que sempre tem razão. A relação com o poder que os formadores exercem sobre os formandos, por vezes são resquícios de uma estrutura que permite e facilita a clericalização, donde advém o clericalismo e outros males que assombra o mundo eclesial, com poderes e

¹⁹¹Cf. HÄRING, Bernhard. *Minhas esperanças para a Igreja*. São Paulo: Santuário, 1999, p. 100.

¹⁹²Cf. STEINER, Dom Leonardo Ulrich. *Desafios da pastoral vocacional: despertar, acompanhar, discernir e desenvolver*. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 306.

¹⁹³Cf. MARTINS, Alexandre A. *Relação com o poder: o risco da falta de empatia e discernimento*. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 222.

¹⁹⁴Cf. HÄRING, Bernhard. SALVODI, Valentino. *O Evangelho que nos cura: Diálogo sobre a não violência*. São Paulo: Paulinas, p. 135.

abusos por onde passa. Encontra-se relação significativa neste apontamento, com o estudo recente de Benelli¹⁹⁵, indicando o seminário como lugar que direta ou indiretamente produz os padres clericalizados.

Essa advertência, ainda nos tempos atuais, apresenta-se como fundamental para o percurso formativo. Em meio às suas lacunas, os responsáveis em acompanhar os vocacionados, por diversos momentos são tentados a essa pseudoinocência. Por isso, formar pessoas adultas, capazes de pensar, de duvidar e discernir, de obedecer e desobedecer responsavelmente, deve ser o objetivo de todos que estão à frente das instituições, trabalhando os processos pedagógicos que servem à educação integral das pessoas e à sua humanização¹⁹⁶.

Ainda nessa perspectiva das contribuições de Häring, em um olhar mais apurado para as peculiaridades da formação presbiteral no tempo presente, encontra-se como um dos pontos de resgate para possíveis melhorias no mesmo, a dimensão personalista do teólogo alemão. Assim como Häring buscava trabalhar a teologia moral nessa perspectiva, para contribuir a uma formação cristã de consciência autônoma, os seminários parecem carecer de tal perspectiva.

O retorno as raízes evangélicas urgem como essencial na formação presbiteral. A contribuição de Häring torna-se uma das principais mudanças na teologia moral, que sai de uma ética da obediência para uma corajosa ética da responsabilidade¹⁹⁷, e apresenta-se como urgente nas estruturas de formação da Igreja. Os seminários demonstram uma ausência de integralidade nesse sentido. Ainda presos a uma ética da obediência, do clericalismo e autoritarismo, os candidatos ao sacerdócio parecem não receber um suficiente incentivo para abraçar a ética da responsabilidade.

Enquanto o seminarista não se sentir responsável pelo seu processo de formação, parece distante à ideia de uma vocação que é motivada pelo amor e fidelidade aos valores de Cristo, ou seja, do Evangelho. As raízes bíblicas parecem não ocupar mais a centralidade da casa formativa, e muito menos ter valor na formação da consciência¹⁹⁸, sendo elas substituídas pelos “gurus” da internet, das quais são ouvidos e até seguidos de modo legalista e fundamentalista.

¹⁹⁵Cf. BENELLI, Silvio José. *Investigação sobre a formação do clero católico num seminário teológico*. In: Psicologia em estudo, Maringá 14/1, 2009, p. 167-176.

¹⁹⁶Cf. MILLEN, Maria Inês de Castro. *Obediência e liberdade: a urgência de superar o medo e a mentira*. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 204.

¹⁹⁷Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 103.

¹⁹⁸Cf. CIC, 1785.

Häring ao trilhar um caminho de abertura da teologia moral às novas ciências humanas, indica a necessidade de uma profunda antropologia que possa compreender as angústias humanas e assim ter sensibilidade aos sinais dos tempos. Esses aspectos surgem também, como essenciais nas bases da formação presbiteral, fator este, que era enxergado por alguns bispos já no período conciliar. Para tratar dessas temáticas, eles se utilizavam dos manuais de Häring em seus seminários¹⁹⁹.

Nota-se já nesse tempo, que a formação integral se apresenta cada vez mais urgente na sociedade, e consequentemente no caminho de discernimento vocacional. Em um mundo cada dia mais conectado, o futuro presbítero precisa estar pronto para lidar com as necessidades que são frutos do tempo presente.

As publicações mais recentes sobre a formação presbiteral apresentam a importância de uma nova cultura formativa, tendo como base a teologia do cuidado e a formação integral. A obra de Brighenti, “o novo rosto do clero”, traz uma abrangente pesquisa de campus abordando as principais diferenças entre os padres de 1970/1980 para os padres novos no Brasil. Nesta pesquisa, são tocadas diversas questões que influenciam diretamente a vivência da Igreja no mundo atual. A disparidade entre as perspectivas dos padres novos para os padres das décadas de 1970/1980 reafirmam a necessidade de um olhar integral para a formação dos presbíteros²⁰⁰.

O magistério da igreja, parece enxergar esses desafios que são cada vez mais nítidos na vida da instituição, e ao menos na teoria, apresenta indícios de caminhos possíveis para minimizar as lacunas da formação presbiteral. Documentos específicos para a formação²⁰¹, abordam temáticas que trazem em si alusões, ainda que indiretamente, a esta teologia de Häring que é colocada como base desta dissertação.

Ao tratar sobre o acompanhamento dos adolescentes, a interioridade e a comunhão, formação inicial e permanente, organização dos estudos²⁰², a *Ratio Fundamental* desenvolve abordagens que, resgatam a importância do caminho de discernimento a partir de uma consciência bem formada por uma teologia personalista e cristocêntrica.

¹⁹⁹Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999, p. 94.

²⁰⁰Cf. BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 215.

²⁰¹Aqui refere-se aos documentos mais recentes sobre a formação Presbiteral, sendo eles: CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017; e CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. Documento 110. Brasília, CNBB, 2019.

²⁰²Cf. RFIS, 21; 43; 49; 58; 65; 94; 106; 174; 200.

Portanto, se desenvolverá os principais traços deste documento, apontando elementos que se relacionam diretamente com a teologia de Häring, bem como os desafios com as mudanças de épocas, que de algum modo, eram indicados por Häring ao se preocupar e reestruturar a teologia moral. Ao analisar o discernimento em cada parte do processo formativo, será indicado, a formação da consciência como caminho possível de crescimento no processo de formação presbiteral.

3.2. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* – O dom da vocação presbiteral

O magistério da Igreja em sua missão de cuidar daqueles que estarão à frente da evangelização, no ano de 2014 iniciou a reformulação do documento sobre a formação sacerdotal que recebe o nome: o dom da vocação presbiteral: *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*²⁰³. O presente documento não passava por esse processo de reformulação desde 1985, ou seja, praticamente 30 anos.

A nova RFIS traz como principal propósito, preparar o presbítero para dialogar com o contexto atual, social e eclesial, reiterando a imagem do padre como homem de Deus, homem do diálogo, homem da humanidade e o homem da caridade pastoral. Evidente, que se exige a necessidade de padres bem formados para colaborar com os vocacionados na busca de deixar-se plasmar por Deus para alcançar tais feitos²⁰⁴.

Com o objetivo de ajudar o vocacionado a se preparar bem para as exigências e desgastes do ministério sacerdotal, a formação deve proporcionar um amadurecimento humano, a fim de que o seminarista saiba enfrentar as tensões da vida sacerdotal com serenidade e discernimento. Pode-se dizer que, pelo discernimento se desenvolverá uma personalidade própria e sólida, do qual, pela dimensão humano-afetiva facilitará a maturação de valores essenciais na vida sacerdotal, como: humildade, coragem, ousadia, sentido para a vida, retidão, descrição, honestidade²⁰⁵.

²⁰³A partir daqui será citado com a sigla RFIS.

²⁰⁴Cf. FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional promovido pela Congregação para o Clero, Roma, 2017. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papafrancesco_20171007_convegnocongregazioneclero.html>. Acesso em 10 out. 2023.

²⁰⁵ Cf. BANDIL, Regis Soczek; FERNANDES, Marcio Luiz. *Elementos fundamentais da nova ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*. In: I Congresso Humanitas: I Congresso Internacional do PPGT e XIII Congresso de Teologia PUCPR. Anais... Curitiba(PR) PUCPR, 2019. Disponível em:

A palavra discernimento aparece na RFIS por 37 vezes, e os primeiros que são indicados a fazerem exercício dessa faculdade da alma são os formadores. A Igreja reconhece que será por meio dos responsáveis da formação que o cultivo do discernimento tornar-se-á uma prática fecunda. A formação da consciência aparece como fundamental para que esse percurso alcance seu fim.

O amadurecimento e o discernimento aparecem como fundamento da formação²⁰⁶, tanto da parte do candidato como da parte da instituição. Olhando a teologia de Häring, identifica-se esse movimento com sua proposta de uma formação de consciência para a responsabilidade. Ao ensinar o indivíduo ter autonomia sobre suas ações, o processo de amadurecimento é encarado como parte integral da jornada de preparação em vista de uma consciência bem formada.

O desafio com as mudanças de épocas aparece nas principais questões a serem debatidas quando se fala em formação presbiteral, e “o secularismo destaca-se como uma das coisas que leva a perda do sentido sobrenatural da missão presbiteral”²⁰⁷. Essa perda de sentido, surge como principal empecilho para a vivência ministerial, pelo fato de existir hoje uma sociedade que parece não querer pensar a responsabilidade como valor. Em um mundo digital, onde com um click tudo se eterniza, e ao mesmo tempo, tudo se apaga, a formação encara a dificuldade de encontrar terras sólidas para assim enraizar a identidade presbiteral. O presbítero é chamado a ser um homem de discernimento, para assim agir conforme a vontade divina²⁰⁸.

A primeira instância do discernimento, refere-se à vida pessoal; consiste na capacidade de integrar a própria história e a própria realidade na vida pessoal, de modo que a vocação ao sacerdócio não fique aprisionada numa abstração ideal²⁰⁹. O resgate da GS 16 parece oportuno, pois é no lugar sacratíssimo, que é a consciência, que o discernimento será gerado e contribuirá para uma maturidade de juízo e de caráter, valorizada por Häring para o ministério sacerdotal²¹⁰.

A maturidade que se fala, é esperada para cada período da formação sacerdotal, sendo “o reitor, em comunhão com o formador colocado em cada etapa e com o diretor espiritual, os responsáveis a oferecer os meios necessários para o discernimento e o amadurecimento

<https://www.even3.com.br/anaais/humanitaspucprteo/122844-elementos-fundamentais-da-nova-ratio-fundamentalis-institutionis-sacerdotalis>. Acesso em: 28 nov. 2023

²⁰⁶RFIS, 28.

²⁰⁷DOC 110, 8.

²⁰⁸Cf. RFIS 43.

²⁰⁹Cf. *Ibid.*, 44.

²¹⁰HÄRING, Bernhard. *O Concílio começa agora*. São Paulo: Paulistas, 1966, p. 180.

vocacional”²¹¹. Os formadores assumem papel fundamental no processo vocacional, pois tornam-se, ou deveriam tornar-se, facilitadores daqueles que percorrem esse caminho.

Para que esta maturidade seja alcançada, passa-se por um processo de erros e acertos, dos quais a estrutura formativa ainda tem dificuldade de compreender. Cencini afirma que:

Tanto na formação inicial quanto na permanente não é fácil assumir os fracassos internos e as impotências que carregamos internamente. Lidar com nossos limites é uma grande luta, e durará a vida toda; se soubermos driblar e enfrentar inúmeras inclinações maléficas, seremos homens e mulheres mais integrados. Reconhecer que a nossa condição humana é frágil significa iniciar uma desconstrução do modelo de perfeição incrustado em nosso imaginário, desde que colocamos os pés no processo formativo²¹².

Essa dificuldade em lidar com os erros e insucessos no caminho formativo é uma lacuna que parece ter uma possível forma de ser preenchida a partir do personalismo encontrado na teologia de Häring. Uma proposta personalista seria capaz de ajudar o indivíduo a conviver de modo mais natural e até mesmo humano com os seus erros. Antes disso, porém, a comunidade formativa necessita enxergar o valor da autonomia dos indivíduos nesse processo.

Enquanto comunidade formativa, a RFIS indica com clareza sua função, bem como as necessidades de cada área no processo formativo, sendo elas: dimensão humano-afetiva, dimensão espiritual, dimensão intelectual e dimensão pastoral²¹³. O diretor espiritual, aparece como um dos responsáveis no caminho de formação da consciência do seminarista, aqui nota-se a urgência desta ser realizada segundo os critérios de Häring. Formar consciências livres e fiéis em Cristo, capazes de fincados nas raízes do Evangelho ter um caminho de discernimento no qual Cristo é o centro.

O conhecimento da própria história do jovem vocacionado e sua abertura com os formadores, apresentam-se como fundamentais no documento, pois por meio dessas informações, que se pode escolher instrumentos pedagógicos oportunos para o candidato ao sacerdócio²¹⁴. Identifica-se aqui, o quanto o processo formativo deve estar atento aos níveis que o jovem vocacionado tem ainda raízes fincadas em suas origens, ou não. Pois, o desprendimento de suas raízes, por muitas vezes tem causado problemas na formação de identidade do presbítero.

²¹¹RFIS 134.

²¹²CECINI, A. *A árvore da vida*: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 32.

²¹³Cf. RFIS 1.

²¹⁴Cf. *Ibid.*, 94.

O “aburguesamento” que bate à porta das casas de formação, tem se apresentado como ponto de partida para uma estrutura autoritária, sem disposição para um caminho formativo na perspectiva do diálogo, que acaba deixando de lado uma formação à interioridade e à comunhão. A RFIS apresenta os laços familiares e seu acompanhamento durante o período de formação, e de toda a vida sacerdotal, como essenciais para ajudar a revigorá-los de forma realista²¹⁵.

Este tema torna-se essencial nessa discussão, pois influencia diretamente no modo de agir do futuro presbítero. A finalidade dos seminários é formar homens para o pastoreio e o cuidado com o povo de Deus, peritos na arte do discernimento pastoral²¹⁶. Com o aburguesamento na estrutura formativa, corre-se o risco de resgatar uma eclesiologia ultrapassada e excludente, onde o presbítero era o centro da Igreja.

É possível notar com certa nitidez, uma proposição que aparece nas entrelinhas dessa questão, e que o próprio Häring abordava diretamente em sua síntese de teologia moral, que proporcionou a renovação que perpassa toda a Igreja. Ao escrever seus manuais de teologia, com os subtítulos “teologia moral para sacerdotes e leigos”, explicitava a necessidade de romper com a perspectiva do clericalismo. Embora, timidamente mencionado, pois o termo aparece somente uma vez no documento, toda a proposta formativa indicada neste guia formativo, direcionam para busca de uma formação integral, que rompe com a estrutura do clericalismo²¹⁷.

Em busca dessa formação integral, a Igreja no Brasil atualizou em 2018 as “Diretrizes para a formação dos Presbíteros no Brasil”²¹⁸, trazendo para a realidade brasileira os desafios e caminhos apontados pela RFIS. De modo mais concreto, encontramos nessas diretrizes indicativos do que o magistério da Igreja apresenta como ideal para formação. O que se pode questionar é: entre o real e o ideal, o que é encontrado nos seminários nos tempos atuais?

A partir desta questão, será abordado os principais apontamentos do magistério na Igreja no Brasil para a formação presbiteral, trazendo aspectos de propostas que parecem não chegar de modo concreto nos seminários. Buscar-se-á ainda, possíveis apontamentos deixados por Häring que contribuem para caminhos de melhoramentos no processo formativo.

²¹⁵Cf. *Ibid.*, 148.

²¹⁶Cf. EG, 33.

²¹⁷Cf. RFIS, 3.

²¹⁸Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Documento 110. Brasília, CNBB, 2019. A partir daqui, será citado como DOC 110.

3.3. O magistério entre o real e o ideal

O magistério da Igreja, em sua busca de corresponder aos sinais dos tempos, e ajudar nos desafios que cada período histórico suscita, procura indicar caminhos seguros que possam levar os fiéis a uma vivência eficaz do Evangelho. O mesmo ocorre na dimensão formativa, de tempos em tempos, torna-se necessário corresponder as necessidades que surgem constantemente. Nessa perspectiva, a Igreja traz um certo paradigma entre o real e o ideal na formação presbiteral.

Cada conferência Episcopal, iluminada por aquilo que a Igreja universal orienta, é motivada a trazer para sua realidade e tornar possível a prática dos ensinamentos eclesiais. Com esse propósito, as diretrizes para formação da Igreja no Brasil, ao serem atualizadas, surgem como acolhimento e concretização da RFIS, como indicado no próprio documento²¹⁹.

As diretrizes estão divididas em um conjunto de VII capítulos, dos quais detalham cada fase do processo formativo, e apontam os principais pontos a serem trabalhados na formação presbiteral. Logo em sua primeira parte, é apresentado o grande desafio dos seminários nos tempos presentes, quando diz: “O seminário hoje tem a missão de formar presbíteros capazes de dialogar com a realidade plural e atuar pastoralmente no meio do povo, valorizando os leigos e leigas em seus diversos carismas, serviços e ministérios”²²⁰.

São incontáveis os desafios para a vida presbiteral, e consequentemente para os responsáveis pelo caminho formativo dos futuros presbíteros. O secularismo que leva a perda de sentido sobrenatural da missão presbiteral²²¹, apresenta-se como uma das principais realidades que marcam a atual mudança de época. Enquanto a Igreja orienta um caminho que leve ao diálogo com a realidade plural, os jovens que chegam aos seminários, apresentam-se cada vez mais imbuídos do autorreferencialismo e do exibicionismo narcisista²²².

Refletir sobre a formação, implica-nos tocar nesses dois temas do autorreferencialismo e do exibicionismo narcisista, que impactam diretamente a sociedade contemporânea, e

²¹⁹Cf. DOC 110, 3.

²²⁰DOC 110, 7.

²²¹Cf. *Ibid.*, 8.

²²²Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Exibicionismo narcisista e autorreferencialidade: o risco pecaminoso da idolatria de si mesmo*. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 263.

consequentemente, chegam as portas dos seminários. As consequências dessa realidade, proporcionam que:

As subjetividades no processo formativo, centradas em um *modus vivendi* egocêntrico e autorreferencial, podem não propiciar um verdadeiro amadurecimento existencial, já que discernir seriamente exige uma constante saída de si para o encontro com o outro”²²³.

Neste caminho, a Igreja indica uma urgência, um processo de ajuda que é necessária para amadurecer a consciência crítica em meio a complexidade do mundo²²⁴. Formar a consciência do candidato ao ministério ordenado, aponta com uma das preocupações desde o início do processo formativo. Na primeira fase, que é denominado propedêutico, na dimensão humana essa questão aparece como prioridade²²⁵.

A Igreja apresenta além desta primeira etapa, mais três etapas, sendo elas: etapa do discipulado ou fase dos estudos filosóficos, etapa da configuração ou fase dos estudos teológicos, e a etapa pastoral ou de síntese vocacional²²⁶. O documento 110, porém, de modo muito direto diz a respeito das etapas formativas:

A sucessão cronológica dessas etapas não é suficiente para a admissão ao ministério ordenado, pois se deve atentar para a maturidade integral do candidato, que não deve avançar nas etapas se não alcançou os objetivos próprios daquele particular período formativo. A configuração plena a Jesus Cristo é a meta de todo o itinerário formativo²²⁷.

Nota-se neste apontamento que o percurso ideal que é proposto, nem sempre consegue alcançar o objetivo real da casa de formação. No caminho de avaliação vocacional, é comum ocorrer casos dos quais, mesmo os candidatos não tendo alcançado a maturidade integral esperada para aquela etapa, acabam avançando de etapas, proporcionando assim, um potencial problema para a própria instituição²²⁸.

Na tentativa de minimizar os eventuais casos mais problemáticos dentro do clero, as diretrizes para a formação acentuam um aspecto muito caro a teologia de Häring. Ao pedir “iniciativas voltadas para o desenvolvimento do acompanhamento pessoal e comunitário, equilibrado e respeitador da liberdade e da consciência dos formandos, ajudando-os em seu crescimento humano e espiritual²²⁹”.

²²³Cf. Ibid., 264.

²²⁴Cf. DOC 110, 25.

²²⁵Cf. Ibid., 130.

²²⁶Cf. Ibid., 62.

²²⁷Cf. Ibid., 63.

²²⁸Cf. DOMÍNGUEZ, Luis Maria Garcia. *Discernir o chamado: A avaliação vocacional*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 191.

²²⁹DOC 110, 153.

A liberdade e a consciência são colocadas com um lugar de destaque no processo formativo; um aprofundamento da teologia de Häring, por parte dos formadores, ajudaria a olhar esses aspectos como fundamentais para pensar a formação nos tempos presente. O desafio para essa prática, encontra-se na missão dos formadores, que devem ter suas qualificações e capacidades para este serviço a Igreja, mas além de ser competentes devem ser humanos²³⁰.

Na formação humana dos candidatos ao sacerdócio, no que diz respeito ao âmbito da moral, o que se espera é que o indivíduo chegue progressivamente a ter uma consciência bem formada, que se torne responsável, capaz de discernir, tomar decisões dotada de reto juízo²³¹, além de uma percepção objetiva das pessoas e dos acontecimentos. Assim como Häring, o Doc 110 coloca a formação da consciência como ponto fundamental para a maturação humana, e aqui de modo específico, para a maturação do presbítero.

Ao dizer da formação humana, as diretrizes não deixam de falar sobre a consciência da própria corporeidade e identidade sexual²³². Embora apontada como fundamental para o caminho do formando, esse tema da afetividade e sexualidade é visto ainda nos seminários e casa de formação como tabu, e corriqueiramente ficam apenas nas indicações do magistério.

O magistério delega aos formadores a missão de ajudar o seminarista a discernir o chamado de Deus, mas não só, como também deve ajudar o indivíduo avaliar se tem condições para assumir o que o presbiterado pressupõe²³³. Por isso as etapas no caminho formativo (propedêutico, discipulado, configuração e síntese pastoral) apresentam-se como uma construção, da qual uma etapa implica o bom desenvolvimento da anterior.

Os desafios formativos relacionados à tecnologia e à crise de sentido do mundo, mostram-se em uma crescente, da qual refletem diretamente nas casas de formação. Vale ressaltar que o magistério olha para essa realidade, e lembra que “antes de ser presbítero, é preciso ser discípulo²³⁴”. Acompanhar o formando no caminho de discernimento vocacional, é parte da missão dos formadores, que também estão inseridos nessa enorme crise de sentido.

Toda vocação, à luz da fé cristã, tem no próprio Jesus Cristo o sentido de percorrer esse caminho. Quanto maior consciência existir nos jovens vocacionados dessa centralidade, maiores serão as possibilidades de constituir uma vocação madura, com os princípios de Häring

²³⁰Cf. CABRAL, Rubens Pedro. *Amar como cuidadores feridos: Desafios formativos*. In: *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 231.

²³¹ Cf. DOC 110, 185.

²³² Cf. Ibid., 193.

²³³ Cf. Ibid., 201.

²³⁴ Cf. Ibid., 210.

que conduz para uma formação de consciência livre e responsável. Nesse sentido, a orientação é para que “ninguém seja ordenado se não foi feita uma experiência pastoral positiva²³⁵”.

Alguns passos precisam ser dados na formação dos novos presbíteros, em decorrência dos desafios sempre emergentes do tempo presente. A formação integral é cada vez mais importante para vivenciar de modo eficaz todas as dimensões formativas na vida do candidato. Nesse sentido, destaca-se o cuidado que a Igreja pede para a admissão a ordem do diaconato, quando diz que: “para admitir um candidato à ordem do diaconato a Igreja deve verificar entre outras coisas, que tenha sido atingido a maturidade afetiva do candidato ao sacerdócio²³⁶”.

Todo esse processo de discernimento vocacional, bem como o acompanhamento necessário em cada etapa formativa, é uma missão não só dos formadores, mas de toda a Igreja. Rezar e trabalhar pelas vocações é um dever de todos os fiéis que necessitam de presbíteros fraternos, orantes e servidores²³⁷. Para alcançar tal feita, buscar-se-á identificar os caminhos a serem percorridos para essa efetiva ação na formação presbiteral.

3.4. Passos necessários para uma formação integral

A formação carrega consigo diversos aspectos que precisam ser levados em consideração, cada área da formação traz seus desafios e exigências. Em cada parte do processo de discernimento vocacional (espiritual, humano/afetiva, comunitária, intelectual), as necessidades surgem em cada indivíduo de diferentes formas, e nessa pluralidade de demandas, a formação integral aparece como uma urgência.

O ambiente formativo torna-se o lar dos candidatos ao presbiterato por pelo menos nove anos de sua vida, tempo que, sem dúvidas, tem a capacidade de causar determinante influência no que diz respeito aos comportamentos e experiências que ali foram vivenciadas. Na cultura judaico-cristã, o cuidado de Deus para com o seu povo é um dos alicerces no relacionamento entre Deus e o povo, de diversas formas as Sagradas Escrituras apresenta ações que comprovam essa afirmação²³⁸.

²³⁵ Cf. Ibid., 240.

²³⁶ Cf. Ibid., 348.

²³⁷ Cf. Ibid., 391.

²³⁸ Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. *Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 15.

Para que ocorra de modo mais concreto uma formação integral, alguns passos são necessários, como: desenvolver dentro das estruturas dos seminários uma teologia do cuidado, tendo em vista que o cuidado é inerente ao ser humano. O descuidar é promover a morte da pessoa, não se pode pensar um caminho formativo fora dessa dinâmica, porém exige-se confiança para que esse cuidado seja efetivo²³⁹. Jesus é o grande modelo de cuidador, por excelência, Ele cuidava para assim cumprir a vontade do Pai, de que “não se perdesse nenhum de seus filhos”²⁴⁰.

Considerando a casa de formação como o lugar central onde os seminaristas aprenderão a ser pastores, conforme o coração de Deus, nota-se a responsabilidade dos que carregam a missão de ser formadores. São eles os primeiros que devem ajudar os candidatos a conhecerem Jesus o bom pastor, que cuida de suas ovelhas, e consequentemente, demonstrar no dia a dia, práticas que transmitam o mesmo cuidado em seu caminho de discernimento. Quem ama a Jesus deve ter atitudes do bom pastor²⁴¹, e os formadores carregam a missão de levar essa atitude aos formandos.

Como trazer a teologia do cuidado de modo efetivo aos seminários? Essa é sem dúvidas, uma das grandes questões que a Igreja procura respostas, e o ano vocacional parece ajudar a encontrar pistas para essa questão. O tema do ano vocacional “corações ardentes pés a caminho”²⁴² indica o quanto a interioridade é essencial nesse processo. Pois, no caminho formativo, não é somente o coração do jovem vocacionado que deve sentir esse ardor, mas os formadores precisam passar e reviver essa experiência. O amor a Cristo é e sempre será o grande motivo para essa experiência.

A teologia de Häring apresenta esse aspecto do amor a Cristo na centralidade da renovação que é proposta em seus escritos, e o resgate as raízes do evangelho como fonte para uma renovação da teologia moral. Identifica-se, nesse itinerário, a necessidade desse mesmo resgate para uma efetiva formação integral nos seminários. A retomada da dimensão cristocêntrica aparece em Häring, em relação a teologia moral, na OT, na RFIS em sua reconfiguração, e também no Doc 110 da CNBB, e é o cristocentrismo a fonte para uma cultura do cuidado na formação.

²³⁹Cf. Ibid., p. 21.

²⁴⁰Jo 6,38-39.

²⁴¹Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. *Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 22.

²⁴²Cf. CNBB. *Vocação: graça e missão*. Corações ardentes, pés a caminho (Lc 24,32-33). Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2022.

O primeiro passo, portanto, para uma formação integral, é proporcionar um percurso formativo cristocêntrico, capaz de transformar a lógica do descarte que é reafirmada no tempo presente, em uma lógica de comunhão, de comunidade²⁴³. O individualismo precisa ser superado dentro das casas de formação, e a Igreja indica que os responsáveis pelo processo formativo, precisam estar atentos a maturidade integral do candidato em cada etapa do processo²⁴⁴, para que assim ocorra essa superação.

A partir desse passo, abre-se um processo que foi chamado pelo Papa Francisco de “lapidação de um diamante bruto”²⁴⁵, que deve ser realizado com habilidade, respeito pela consciência da pessoa e paciência, para que resplandeçam no meio do povo de Deus²⁴⁶. Essa lapidação como parte essencial do processo formativo, indica na teologia de Francisco traços daquilo que aparece no centro da teologia de Häring, o respeito pela consciência para uma ressignificação da formação da consciência do indivíduo.

A dimensão humano-afetiva torna-se uma das bases para que o processo de lapidação ocorra com maior eficácia. Levanta-se aqui, o que seria o segundo passo necessário para uma formação integral, uma maior atenção a essa dimensão, pois os elementos humanos no âmbito da afetividade são de vital importância em todo o processo formativo²⁴⁷. Pode-se reportar mais uma vez ao Papa Francisco, que na *Evangelii Gaudium* afirma não querer uma Igreja autorreferencial e autocontemplativa²⁴⁸.

Uma formação que não coloca devida atenção na humanidade e afetividade do candidato, está dando passos para uma possibilidade quase que inevitável de problemas futuros. O conhecimento e aprofundamento dessa dimensão formativa para os formandos, visa um caminhar para um discernimento que possibilita escolhas mais livre e responsável²⁴⁹. Nota-se

²⁴³Cf. PERREIRA, William Cesar Castilho. *Saúde mental e dimensões humano-afetiva, intelectual, espiritual e pastoral da formação*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 67.

²⁴⁴ DOC 110, 36.

²⁴⁵Cf. FRANCISCO, Papa. *Discurso à plenária da congregação para o clero* (03/10/2014). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141003_plenaria-congregazione-clero.html>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

²⁴⁶Cf. FRANCISCO, Papa. *Discurso à plenária da congregação para o clero* (03/10/2014). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141003_plenaria-congregazione-clero.html>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

²⁴⁷Cf. PERREIRA, William Cesar Castilho. *Saúde mental e dimensões humano-afetiva, intelectual, espiritual e pastoral da formação*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 69.

²⁴⁸Cf. EG, 49.

²⁴⁹Cf. PERREIRA, William Cesar Castilho. *Saúde mental e dimensões humano-afetiva, intelectual, espiritual e pastoral da formação*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 69.

mais uma vez, a teologia de Häring perpassando nas entrelinhas do caminho formativo, tendo em vista que ele tinha essa via da responsabilidade como parte constituinte da formação da consciência.

A história recente da Igreja, deixa um evidente alerta relacionado a questão humano afetiva do clero, suscitando assim, a necessidade de uma maior atenção nessa dimensão formativa. O processo formativo deve tocar as raízes mais profundas da humanidade da pessoa, e transformá-la radicalmente. Deve caracterizar-se pela busca constante de Deus, assumida como fonte da própria identidade²⁵⁰.

De modo efetivo, portanto, esse segundo passo para a formação integral, será reconhecido até mesmo como um passo preventivo, ao lidar com a humanidade dos candidatos, buscar-se-á sua maturação e crescimento. Na compreensão de que uma vocação é dada constantemente²⁵¹, e mais do que saber se uma pessoa tem ou não vocação, nessa dimensão, a equipe de formadores precisa captar se a pessoa vive ou não como vocacionado.

Estudos recentes publicados nas obras “Formação: Desafios morais 1 e 2”, elencam equívocos relacionados ao processo formativo, reafirmando a necessidade de a Igreja buscar novas alternativas. Os principais equívocos apresentados dizem respeito ao desprezo com a formação humana, sendo ela vista com uma dimensão estática, quando na verdade, está em processo permanente de mudança e amadurecimento. A mediocridade que aos poucos se impõe em um estilo de vida, apresenta-se como grande armadilha nesse processo. Aparece como pano de fundo, todo um desprezo pelo cuidado com o relacionamento interpessoal e a saúde psicológica, que ocasiona falta de integração e equilíbrio²⁵².

Ao pensar esse cuidado com a humanidade do candidato, enxerga-se um terceiro passo necessário na formação, no que diz respeito a autoridade e poder dentro das estruturas eclesiais, especialmente nas casas de formação. No lugar onde deve ser exercido o cuidado, tendo em vista a proposta que Boff apresenta, sendo “o cuidado o que confere ao ser humano sua humanidade, e, portanto, um existencial básico”²⁵³, muitas vezes é usurpado pelo abuso de poder.

²⁵⁰Cf. ZACHARIAS, Ronaldo. *Equívocos no processo formativo*. In: VEIGA, A. C; ZACHARIAS, R. (orgs). *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 213.

²⁵¹Cf. MERKLE, Judith A. *O compromisso da escolha*. A vida religiosa nos dias atuais. São Paulo: Loyola, 2007, p. 48.

²⁵²Cf. ZACHARIAS, Ronaldo. *Equívocos no processo formativo*. In: VEIGA, A. C; ZACHARIAS, R. (orgs). *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*. São Paulo: Paulus, 2019, 227.

²⁵³Cf. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do homem – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 34.

De modo muito discreto e perspicaz, a cultura católica estimula o abuso de poder em algumas dimensões, como ao usar as seguintes frases: quem obedece não erra; a voz do bispo é a voz de Deus; *Roma locuta causa finita*; essas e outras frases corriqueiramente usadas no ambiente eclesial, acabam oferecendo uma sacralidade exacerbada aos seus líderes, que se não for bem administrado, pode ocasionar abuso de poder²⁵⁴. O caminho formativo torna-se minado quando deixa lacunas para esses comportamentos, e prejudicam diretamente o caminho de discernimento vocacional daqueles que estão vivendo sob essa forma de abuso.

O comportamento abusivo surge na tentação de querer ser como Deus, e pertence sempre a um processo de corrupção e transformação da autoridade legítima em uma dinâmica perversa de poder, supremacia e dominação²⁵⁵. Vale ressaltar, que não existem somente indivíduos abusivos, mas também estruturas, práticas, instituições e ensinamentos abusivos²⁵⁶. A estrutura formativa, por si só, carrega traços de um abuso de poder, pelo qual, de modo geral, os candidatos sempre aparecem em um cenário de total submissão.

A teologia de Häring apresenta uma visão que foge desse contexto do abuso de poder, sobretudo quando se coloca em risco a liberdade da consciência nas decisões do indivíduo. Decorrencia desse tipo de comportamento ou estrutura abusiva, é uma condição de obediência cega, indo contra todos os princípios do teólogo alemão, que em suas reflexões, buscava resgatar um seguimento a Cristo por meio de uma consciência livre e fiel.

Esses fatos apresentam a urgência de uma conversão desse poder abusivo em cuidado e bondade, porém supõe discernimento para que esta ocorra. É preciso discernimento para compreender que é cuidando e integrando as pessoas que se levará para o núcleo essencial de todo caminho formativo, sendo necessário trabalhar as inteligências da mente, do coração e das mãos. Papa Francisco deixa claro essa ideia quando, no discurso para reitores afirmou:

A mente não será capaz de compreender nada se as mãos forem fechadas pela avareza, ou se forem mãos furadas, que perdem tempo, saúde e talentos, ou então se recusarem a dar a paz, a saudar e a apertar as mãos. Não poderá aprender nada se as mãos tiverem dedos impiedosamente apontados contra os irmãos e as irmãs que cometem erros. E não conseguirá surpreender-se em nada se as mesmas mãos não souberem unir-se e elevar-se ao céu em oração²⁵⁷.

²⁵⁴Cf. MILLEN, Maria Inês de Castro. *A urgência do cuidado: reflexão sobre o abuso do poder e autoridade*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 204.

²⁵⁵Cf. *Ibid.*, 204.

²⁵⁶Cf. MARRONE, Domenico. *O sistema abusivo na Igreja: consciência, poder e sexo*. Instituto Humanitas Unisinos (15/09/2022). Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621970-o-sistema-abusivo-na-igreja-consciencia-poder-e-sexo-artigo-de-domenico-marrone>>. Acesso em: 05 de nov. de 2023.

²⁵⁷FRANCISCO, Papa. Discurso aos reitores, professores, estudantes e funcionários das universidades e instituições pontifícias romanas (25/02/2023). Disponível em:

O caminho formativo carrega consigo uma meta, um ideal que busca ser alcançado pelos responsáveis por este processo, a Igreja deve acolher o candidato proporcionando-lhe acompanhamento e formação sólida em vista do discernimento, da confirmação e do amadurecimento, para se tornarem pastores do povo de Deus²⁵⁸. Porém, esse processo precisa ser conduzido com amor e ternura, de tal modo que ajude de fato os candidatos passarem por um processo de configuração a Jesus Cristo.

Resgatar a visão de que “na sua verdade plena, o presbitério é um *mysterium*: de fato, é uma realidade sobrenatural porque se radica no sacramento da ordem. Esta é a sua fonte, a sua origem. É lugar do seu nascimento e crescimento. Do ser configurado a Cristo decorre um agir conforme ao de Cristo”²⁵⁹. Os passos citados são caminhos que se levantam como possíveis ajudas para uma maior eficácia do processo de formação.

Portanto, torna-se urgente uma cultura do cuidado no ambiente formativo. Olhar o candidato ao sacerdócio a partir de um todo das áreas de sua vida, principalmente trazendo Cristo para a referência de todos os passos. Além de um cuidado com a humanidade/afetividade de cada candidato, para assim ajudá-los em seu processo de autoconhecimento, bem como o processo de discernimento vocacional, e conseqüentemente, combater os possíveis abusos de poder existentes na formação.

3.5. Perspectivas atuais e futuras

A Igreja em sua caminhada milenar, carrega consigo a experiência de uma longa jornada e os anseios de manter-se fiel ao anúncio da boa nova de Jesus, sem deixar de enxergar as necessidades que os sinais dos tempos suscitam. Também na dimensão formativa, abordou-se até aqui, diversas perspectivas da história da Igreja, principalmente do papel da teologia moral, em especial da formação da consciência. Essa árdua missão eclesial, impacta diretamente o processo de discernimento vocacional.

Toda vocação precisa passar por este processo de discernimento, para assim ter a garantia do que é a vontade de Deus e o que é a vontade do indivíduo. Esse processo torna-se

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/february/documents/20230225-univ-pontificieromane.html>>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

²⁵⁸Cf. DOC 110, 27.

²⁵⁹Cf. Ibid., 34.

cada vez mais importante e delicado, pois com as rápidas mudanças de épocas, nota-se também a mudança de gerações que chegam as casas de formação. O acompanhamento adequado para discernir o chamado, deve proporcionar uma integração de diferentes dimensões, e assim, oferecer um método mais completo para examinar uma pessoa com vocação²⁶⁰.

A sociedade atual, aumenta cada vez mais suas exigências e cobranças em todas as áreas profissionais, isso vale também para o sacerdócio, que a cada momento histórico precisa ser “mais completo”, e corresponder as exigências que o mundo impõe. Ao mesmo tempo, a fragilidade do ser humano parece estar cada vez mais explicita, e a capacidade de suportar certos estilos de vida, são despreziados pela sociedade²⁶¹.

A força das redes sociais impacta diretamente a sociedade atual, e o mundo virtual nos coloca em grave condição de vulnerabilidade, pois a busca incessante por ser visto, instaura uma necessidade de visibilidade e sucesso pessoal²⁶². Além disso, os emergentes escândalos deixam a Igreja com sua credibilidade em situação delicada, no que diz respeito a seus líderes.

A temática central dessa pesquisa, encontra aqui seu sentido e sua urgência no que diz respeito ao tempo presente. Os conceitos que nasceram no Vaticano II sobre a consciência na GS²⁶³, bem como a exigência de um maior cuidado na formação da teologia moral apresentado na OT²⁶⁴, são ainda essenciais para a realidade formativa atual. Os desafios morais que perpassam a formação, acendem um alerta para ser refletido sobre quais ações estão sendo tomadas para reverter essa situação.

As diretrizes para a formação dos presbíteros no Brasil, apresentam algumas definições para o presbítero, mas uma delas chama atenção, quando diz que “o presbítero deve ser perito em humanidade, é homem de relações dentro e fora da Igreja. Deixando-se atingir pelas grandes questões que envolvem a humanidade, ele manifesta amizade, companheirismo e solidariedade com todos”²⁶⁵. Esta afirmação, leva-nos a identificar a importância do cuidado que os responsáveis pela formação devem ter, principalmente com a humanidade do candidato ao presbiterato.

²⁶⁰Cf. DOMÍNGUEZ, Luis Maria Garcia. *Discernir o chamado: A avaliação vocacional*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 221.

²⁶¹Cf. MANZINI, Rosana. *Formar para uma vida eminentemente ministerial*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 137.

²⁶²Cf. MANZINI, Rosana. *Fama, sucesso, Brilho: A síndrome do palco e dos holofortes*. In: *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 286.

²⁶³Cf. GS, 16.

²⁶⁴Cf. OT, 16.

²⁶⁵DOC 110, 42.

A teologia do cuidado tem sido abordada de modo veemente nas publicações mais recentes sobre a formação, suas implicações na formação humana dos futuros presbíteros trazem consigo os sinais de uma geração que passa por sérias dificuldades na construção de sua maturidade humana²⁶⁶. Essas perspectivas apresentam uma visão atual do processo formativo, e acende-se um alerta para a capacidade de desenvolvimento humano que atualmente a Igreja proporciona a seus futuros líderes.

Uma realidade apresenta-se como sério obstáculo nas casas de formação, as influências externas que os seminaristas sofrem de modo efusivo. A sociedade de modo geral, sofre com a influência digital, da qual prefere-se ficar em bolhas, ao abrir-se a novas experiências de conhecimento. De modo consciente ou inconsciente, cada pessoa legitima versões mentirosas da realidade, permitindo ser enganadas ao renunciar à vivência da realidade²⁶⁷.

O ambiente formativo atual, bem como toda a sociedade, faz a experiência de viver em um mundo conectado, do qual as informações alcançam espaços em velocidades jamais vistas. Tanto as informações verdadeiras como as falsas, invadem rapidamente o cotidiano do ser humano na atualidade, o que gera duas possibilidades: a de acessar rapidamente conteúdos que contribuem para seu crescimento pessoal e comunitário, ou a de ser invadido por *fake news* que logo assumem papel de importância na rotina do indivíduo²⁶⁸.

No horizonte das transformações culturais que estamos vivendo, percebemos o quão urgente é aprofundar a integração da corporeidade, dentro de um âmbito formativo e educacional²⁶⁹. A ausência dessa integração tem sido notada nos candidatos ao presbiterato, de modo que a realidade que o jovem está imerso, muitas vezes torna-se bolhas, das quais normalmente demandam muito sacrifício para saírem.

Dentro desse percurso, aparecem com muita força, os que são “eleitos” formadores dos seminaristas. Padres e leigos, que por sua relevância no meio digital, ditam as regras do que é o certo ou o errado, fazendo com que os formadores que vivem na realidade dos jovens,

²⁶⁶Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero. São Paulo: Paulus, 2022, p. 91.

²⁶⁷Cf. ALMEIDA, André L. B. FERREIRA, Lúcia E. MELO, Aloisio. *A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos*. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 36, n.1, Jan-Abr 2021, p. 156.

²⁶⁸Cf. FERRARI, Pollyana. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC, 2018, p. 124.

²⁶⁹Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Corpo, prazer e sexualidade: um diálogo possível*. In: CANOSA, A. C.; ZACHARIAS, R.; KOEHLER, S. M. F. (orgs). *Sexualidades e violências: um olhar sobre a banalização da violência no campo da sexualidade*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 73.

encontrem cada vez menos abertura para seguir seus conselhos ou indicações para o caminho formativo²⁷⁰.

A dificuldade dos formandos abrirem-se ao processo proposto por seus formadores, diz respeito a uma dificuldade dos formandos lidarem com a verdade. A facilidade em mentir e dizer o que se quer ouvir é grande, estimulando a formação de novos líderes desonestos diante da verdade²⁷¹. Grande parte dos jovens que estão em processo de discernimento vocacional, apresentam dificuldades de estabelecer uma relação madura com o processo formativo.

Não se pode isentar o papel dos formadores nessa desafiadora realidade, pois são muitas as situações a serem evitadas por parte deles, e que não favorecem o amadurecimento humano do candidato, com atitudes como a infantilização do processo formativo²⁷². É necessário para o percurso formativo, que o indivíduo se sinta parte do processo, e seja tratado de tal modo, que saiba assumir suas responsabilidades, diante dos percalços da formação.

Embora seja desafiador estar na condição de formar, enxerga-se o tempo presente como momento de desconstrução e construção. Entendendo a fase de nossa cultura atual com a visão de Zygmunt Bauman, que desenvolve o conceito de modernidade líquida²⁷³, identifica-se a raiz da dificuldade em entrar com maior empenho em um processo que exija esforço, fidelidade, sacrifício e compromisso. Nota-se ainda, que esses fatores, são de fundamental contribuição nos processos de formação da consciência, tornam-se determinantes para o discernimento que se espera dos candidatos ao sacerdócio.

O resgate que o percurso da teologia conciliar realiza, de trazer a consciência para uma posição de centralidade na vida do cristão, apresenta uma urgência no andamento da vivência cristã, de voltar as raízes do seguimento a Cristo. Esse retorno, segundo Häring, estava pautado sobre uma proposta de seguimento que colocasse o evangelho no lugar da lei, ou seja, na vivência do amor a Cristo e não ao rigor²⁷⁴. Nota-se nos tempos atuais, que essa posição da consciência tem sido ocupada por outras coisas, principalmente dentro da cultura da modernidade líquida expressa por Bauman.

²⁷⁰Cf. MANZINI, Rosana. *Formar para uma vida eminentemente ministerial*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 141.

²⁷¹Cf. COELHO, Mário Marcelo. *Confidencialidade e transparência: A responsabilidade e o compromisso com a verdade*. In: TRASFERETTI, J. A; MILLEN, M. I. C; ZACHARIAS, R *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 50.

²⁷²Cf. *Ibid.*, p. 51.

²⁷³Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 78.

²⁷⁴Cf. HÄRING, Bernhard. *Livres e fieis em Cristo: Teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 342.

Os valores do Evangelho, parecem não ocupar um lugar de importância a ponto de desenvolver a mudança ontológica indicada para o processo formativo²⁷⁵. Essa mudança consiste em um processo que transcorra como um caminho de transformação que renova o coração e a mente da pessoa. Para que se alcance tal objetivo, formar a consciência para um caminho de discernimento, parece ser o grande desafio dos tempos atuais e futuros.

Alguns fatores indicam as possíveis causas desse desafio em formar a pessoa para o discernimento, sendo eles: A grande crise das instituições, dos valores e das relações sociais; a perda de perspectiva em relação ao futuro; o medo em relação ao presente; o pessimismo cada vez mais arraigado no coração da juventude; todos esses fatores contribuem para consolidação de uma cultura do caos²⁷⁶. É nessa cultura que o jovem vocacionado é chamado.

O desafio da formação sacerdotal passa a ser ajudar com que esse jovem, do tempo presente citado, saia de uma bolha da sociedade que ensina uma cultura que não exige esforço daqueles que se colocam no processo de aprendizagem. Surge uma cultura de vida desorientada, que acaba prejudicando o discernimento como verdadeira essência da consciência²⁷⁷. A perspectiva de um discernimento vocacional maduro, passa, portanto, por uma formação de consciência consistente.

A cultura do imediatismo, da virtualidade e da subjetividade apresenta-se ainda como desafio que coloca o futuro da formação presbiteral em uma grande incerteza. A ausência de uma correta compreensão da cultura na formação da consciência, geram possibilidades de uma existência vazia e fechada em horizontes muito estreitos²⁷⁸. Deve-se então, considerar a cultura como determinante para a formação da consciência, de modo que esteja imbuída de sentido para a vida.

As recentes publicações sobre o clero, de modo especial sobre os novos padres, apontam como resultado de uma ampla pesquisa, uma visão positiva, porém evidenciam características que parecem explicitar as marcas do tempo presente. Ao constatar que os padres novos são mais autoritários e tendem a se considerar mais importantes do que os leigos, nota-se o distanciamento do verdadeiro sentido do ministério, que é o serviço²⁷⁹.

²⁷⁵Cf. RFIS, 43.

²⁷⁶TRASFERETTI, José Antonio. *Discernimento e sentido da vida*. In: TRASFERETTI, J. A; ZACHARIAS, R. *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 221.

²⁷⁷Cf. Ibid., p. 223.

²⁷⁸Cf. Ibid., p. 225.

²⁷⁹Cf. BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petropolis: Vozes, 2021, p. 277.

O novo rosto do clero parece não compreender os aspectos essenciais da vida presbiteral, que estão intimamente ligados ao amor e ao servir. Ao notar essa ausência, indica-se, portanto, a urgência de uma nova cultura formativa, que tenha ações em vista de: “um discernimento vocacional autêntico, uma formação autenticamente humana, acompanhamento adequado, sólida formação acadêmica, superação do clericalismo e um cuidado com a afetividade”²⁸⁰.

Portanto, analisar os desafios que o processo formativo enfrenta, faz com que se enxergue na teologia de Häring um caminho possível para superá-lo. Dentro da nova cultura formativa esperada, a formação da consciência deve ocupar lugar central para um discernimento que seja maduro, e siga as indicações do magistério que vem do Vaticano II e desembocam nos mais recentes documentos publicados.

3.6. Considerações Finais

O presente capítulo, conclui esse itinerário reflexivo sobre a teologia de Häring e suas contribuições no Vaticano II e no processo formativo. Com a pretensão de trazer para o tempo presente as indicações feitas naquele período, em paralelo com o que se apresenta como urgentes para a reflexão eclesial atual, buscou-se refletir sobre a prática da formação da consciência no ambiente formativo.

Ao analisar as possibilidades de implementação da teologia de Häring no processo formativo, nota-se características peculiares de sua teologia, que estão dentro de uma série de perspectivas que devem perpassar todo o caminho formativo. A primeira delas é o cristocentrismo que traz sua teologia, e que se apresenta como necessária às casas de formação.

A liberdade de consciência proposta por Häring, é fundamental no caminho de discernimento vocacional, e o acompanhamento vocacional aparece como insubstituível colaborador para a maturação do candidato. O desafio de superar a infantilização no relacionamento entre formadores e formandos, passa pelo modo da formação da consciência tanto dos candidatos como dos formadores.

²⁸⁰Cf. MANZINI, Rosana. *Formar para uma vida eminentemente ministerial*. In: ZACHARIAS, Ronaldo (orgs). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 145.

O retorno as raízes do Evangelho, garantem um caminho sólido para a formação presbiteral, que precisam de uma integralidade mais efetiva. O desenvolvimento da teologia moral de Häring, de modo direto, impactou no passado a perspectiva formativa, principalmente por ter seus manuais de teologia moral utilizados, já naquele tempo, por bispos que tinham o manual como base para o ensino da moral em seus seminários.

Ao desbravar aspectos relevantes da RFIS, foram apresentadas as principais pontuações do magistério, sobretudo, os desafios que a formação enfrenta no atual momento. O conhecimento das quatro dimensões para a formação presbiteral (humana, intelectual, espiritual e pastoral-missionária), faz compreender ainda mais claro, a urgência de um olhar para a dimensão humano-afetiva. Häring aponta a formação da consciência de fiéis livres e fiéis em Cristo como o caminho mais seguro ao discipulado.

A formação integral aparece como a parte constituinte do que representa o ideal do magistério, porém, a realidade prática da formação, ainda caminha a passos lentos para sua efetivação. É reforçada nas indicações do DOC 110 e assim assumidas, ao menos de forma oficial.

Neste caminho, portanto, notou-se a urgência de uma formação integral, bem como, a força que a teologia do cuidado deve retomar no caminho formativo. O processo de lapidação do candidato torna-se parte essencial dos vocacionados, porém, exige-se ainda uma mudança que seja capaz de proporcionar um acompanhamento que os ajude discernir em meio a um contexto social, que encontra desafios para tal feito.

CONCLUSÃO

Depois de ter dissertado sobre a teologia da consciência de Häring e sua influência na renovação do método teológico-moral; analisado sua atuação e influência no Concílio Vaticano II; identificado o papel da formação da consciência para um caminho de discernimento vocacional maduro, e apontado as perspectivas que essas definições deixam como legado, chegamos à conclusão de que é a formação da consciência o maior desafio no ambiente formativo eclesial.

Utilizamos nessa pesquisa o método hermenêutico fenomenológico, em torno das principais obras de Bernhard Häring, sendo as pré e pós conciliares (*A Lei de Cristo e Livres e fiéis em Cristo*) as bases para compreender o papel da consciência na teologia moral cristã. Ao adentrar no contexto da eclesiologia do Vaticano II, compreendemos o processo renovador que o tema da consciência adquire, sobretudo na GS, bem como a proposta de renovação da formação sacerdotal indicado no decreto OT. Além de, com suporte das recentes obras que tratam o tema da formação sacerdotal (*Formação: desafios morais 1 e 2; Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*), relacionamos às últimas orientações da Igreja acerca do tema, indicadas na RFIS e no DOC 110 da CNBB.

Deste modo, compreendemos o papel fundamental da teologia de Häring que traz a base para a reflexão conciliar da consciência, e impulsiona a renovação teológico-moral que despontava desde a Escola de Tubinga. Ao trabalhar no desenvolvimento da GS e deixar seu legado, principalmente na teologia da consciência nela exposta, Häring ajudava a marcar o papel do personalismo neste processo de renovação.

Através da OT, notamos que o pedido que nela é explicitada, para um olhar mais atento ao estudo da teologia moral nas casas formativas, deixa evidente a preocupação da Igreja com essa área teológico-moral que no decorrer dos tempos, ganhou relevância. Voltar as fontes da Sagrada Escritura, aparece como uma ação que revoluciona a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo, principalmente daqueles que aspiram o ministério ordenado.

O caminho de renovação que foi apresentado nessa dissertação, demonstrou o quanto a Igreja enfrenta desafios em um processo de mudanças. Por trazer consigo estruturas que estavam enraizadas em outras perspectivas teológicas, vimos a dificuldade para de modo

concreto sair de uma moral que era pautada pelo rigorismo e autoritarismo, para uma moral que busca através da liberdade e responsabilidade, formar uma consciência livre e fiel em Cristo.

Por sua vez, notamos ainda que a efetivação desta renovação parece estar longe de ser colocada em prática, pois embora o magistério apresente um ideal muito consistente para essa formação da consciência, a realidade ainda não consegue comprová-la. A recepção do Vaticano II, encontrou muitas barreiras nas estruturas que estavam consolidadas na Igreja, de modo que mesmo passados quase 60 anos, existem ainda grandes resistências que impedem o andamento da transmissão de seus ensinamentos.

Ao analisarmos o período pós-conciliar, e chegarmos nas publicações mais recentes relacionados a formação sacerdotal, percebemos a estrutura conservadora que se levanta com forte voz e parece buscar o resgate de uma moral rigorista, sem considerar os malefícios que ela causou no passado. Existe uma grande resistência na implementação das novas perspectivas da teologia moral, realidade está, que ocasiona atritos internos desafiadores no percurso formativo.

A proposta de renovação da OT, bem como a proposta conciliar de enxergar o sacerdócio não mais como uma casta, mas com um verdadeiro ministério do serviço, ganhou nova força no Brasil com a criação da OSIB. Em seu objetivo de realizar um trabalho de organização e orientação da dimensão formativa, trouxe nova esperança para a formação em nosso país, porém, parece não ter conseguido ainda concretizar de modo efetivo sua missão.

Acreditamos que o caminho da formação da consciência, em vista de um discernimento pautado na essência do seguimento a Cristo, é o ensejo para adentrar em uma nova cultura formativa, capaz de aplicar de modo prático as indicações conciliares. Além disso, uma aproximação da formação com a teologia de Häring, contribuirá significativamente para a prática da arte do discernimento.

Para uma consciência bem formada, esta dissertação demonstra que só uma pessoa que aprende a realizar o processo de discernimento com maturidade consegue atingir esse fim. A consciência é capaz de assumir o valor ético presente na normatividade e compreender o seu sentido teológico e espiritual, o que se traduz em um agir moral. A tomada de decisão da pessoa se torna, assim, algo construído e, não, imposto. Aqui identificamos um dos maiores desafios na formação, que consiste em romper com essa estrutura autoritária presente em parte dos formadores.

A estrutura formativa atual, ainda muito marcada por uma estrutura tridentina ultrapassada, não corresponde aos anseios do cenário da Igreja de hoje. O tema da sinodalidade proposto pelo Papa Francisco, ao retomar a natureza da Igreja e indicar a necessidade de caminhar juntos em comunhão, participação e missão, toca nas lacunas deixadas também na dimensão formativa. O formando precisa ser visto como membro ativo nesse percurso, em não somente como indivíduo passivo e ordens que chegam de seus superiores sem possibilidades de diálogo.

Encontramos ainda, no Papa Francisco, traços do pensamento de Häring, que ao trazer um olhar de esperança para a humanidade, coloca o Espírito Santo como aquela que convencerá o fiel a uma mudança paradigmática da lei para o Evangelho. O caminho de diálogo proposto por Francisco, deve ser levado também a dimensão formativa na casa de formação, a fim de vencer a infantilização no processo formativo.

O maior desafio na perspectiva da formação presbiteral, é encontrar um meio eficaz de perpassar os longos anos nos seminários como um verdadeiro caminho sinodal. Para isso, porém, exige-se de igual modo, formadores maduros o suficiente para cultivar o discernimento como estilo de vida, a ponto de conseguir ajudar o formando a romper com a dependência formativa, e colocar-se como aquele que está disposto a assumir com destreza e responsabilidade seu papel.

Concluimos, portanto, que a consciência enquanto santuário secretíssimo do homem é o lugar do discernimento, da formação e do diálogo consigo mesmo e com Deus, onde as decisões podem adquirir novo formato. Assim, confirmamos a hipótese da necessidade de um olhar mais apurado a respeito da formação da consciência no processo de discernimento na formação presbiteral, como meio de transformação de sistemas eclesiais, que se tornam cada vez mais urgentes nesse ambiente. A pesquisa aponta para uma urgência na reformulação da estrutura tridentina de formação, a começar pelos formadores, rompendo a dimensão de dependência para assumir uma proposta de vivência responsável da vocação, proporcionando a maturação necessária nesse percurso.

REFERÊNCIAS

Sagrada Escritura

BIBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012

Documentos do magistério

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CELAM, *Conclusões de Medellin*, 4ª edição, São Paulo, 1979.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (col. Documentos da Igreja).

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (col. Documentos da Igreja).

CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (col. Documentos da Igreja).

CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (col. Documentos da Igreja).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Vocação: graça e missão*. Corações ardentes, pés a caminho (Lc 24,32-33). Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. Documento 110. Brasília, CNBB, 2019.

FRANCISCO. *Carta apostólica sob forma de Motu Proprio vos estis lux mundi*. Vaticano, 9 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190507_vos-estis-lux-mundi.html>. Acesso em 25 de jun. 2021.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*. (online) 19 de março de 2016, disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

FRANCISCO, *Discurso para os professores e estudantes da Academia Alfonsiana* (online), 09 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>. Acesso em 20 de ago. de 2023.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional promovido pela Congregação para o Clero*, Roma, 2017. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papafrancesco_20171007_convegnocongregazioneclero.html>. Acesso em 10 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Veritatis Gaudium*. Constituição apostólica sobre as universidades e as Faculdades eclesíásticas, n. 2. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_2017/2018_veritatis-gaudium.html>. Acesso em 5 ago. 2023.

Obras de Bernhard Häring

HÄRING, Bernhard. *A Lei de Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Herder, 1960.

_____. *É tudo ou nada: mudança de rumo na teologia moral e restauração*. Aparecida: Santuário, 1995.

_____. *Fé-História-Moral*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. *Livres e fiéis em Cristo: Teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas. v. 1, 1979.

_____. *O Concílio começa agora*. São Paulo: Paulistas, 1966.

_____. *Shalom: Paz! Novas perspectivas do sacramento da reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Teologia Moral para o terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Minhas esperanças para a Igreja*. São Paulo: Santuário, 1999.

Bibliografia em geral

ANDREOLI, Vittorino. *Padres: Viagem entre os homens do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2011.

AMADO, J. P. *Cuidar de si para cuidar dos outros! O presbítero dez anos depois da Conferência de Aparecida*. In: FONTES, D. A; MORAIS, J. G. de; FERREIRA, N. S. (Org.). *A formação sacerdotal hoje*. Rio Bonito: Benedictus, 2018.

BACH, J. M. *Consciência e identidade moral*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENELLI, Sílvio José. *Pescadores de homens: estudo psicossocial de um seminário católico*. São Paulo: UNESP, 2006.

BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.

BOFF, Leonardo. *Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*. Campinas-SP: Verus Editora, 2004.

CASTILLO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

CECINI, Amedeo; MANENTI, Alessandro. *Psicologia e formação: estruturas e dinamismos*. São Paulo: Paulinas, 2019.

_____. *Vida consagrada: Itinerário formativo no caminho de Emaús*. São Paulo: Paulus, 1994.

CENCINI, Amedeo. *A árvore da vida: proposta de modelo de formação inicial e permanente*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Vida Fraterna: comunhão de santos e pecadores*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____; MANENTI, Alessandro. *Psicologia e formação: estruturas e dinamismos*. São Paulo: Paulinas, 2019.

CAAMAÑO, José Manuel. *Conversa com Marciano Vidal: as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de um teólogo de fronteira*. Aparecida: Santuário, 2019.

DOMÍNGUEZ, Luis Maria Garcia. *Discernir o chamado: A avaliação vocacional*. São Paulo: Paulus, 2010.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HUENERMANN, Peter. *Silêncio frente ao Concílio Vaticano II?* Concilium 346 (2012/3)

KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013.

LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2012.

LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MAJORANO, Sabatino. *A consciência. Uma visão cristã*. Aparecida: Santuário, 2000.

MERKLE, Judith A. *O compromisso da escolha. A vida religiosa nos dias atuais*. São Paulo: Loyola, 2007.

MENDONÇA, C. B. A.; OLIVEIRA, J. L. M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*. São Paulo: Loyola, 2011.

MILLEN, Maria Inês de Castro. *Os acordes de uma sinfonia: a moral do diálogo na teologia de Bernhard Häring*. Juiz de Fora: Editar, 2005.

MOSER, Antônio; LEERS, Bernardino. *Teologia Moral: impasses e alternativas*. São Paulo: Vozes, 1988. (Tomo V, série III: A Libertação na História).

NEWMAN, J. H. *Apologia pro vita sua*, Nova York, 1950, VI Parte.

OLIVEIRA, José Antônio Netto de. *Reflexões sobre a formação*. São Paulo: Loyola, 2003.

O'MALLEY, John W. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014.

PIGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã: manual de ética teológica*. São Paulo: Ave-Maria, 2005.

QUIRINO, Ademilson Tadeu.; OLIVEIRA, Bismarque Maciel. *Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero*. São Paulo: Paulus, 2022.

RULLA, M. *Psicologia do profundo e vocação*. Vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1977.

SANCHEZ, Wagner Lopez. FIGUEIRA, Eulálio A. P. *Uma Igreja de Portas Abertas: nos caminhos do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2016.

SALVODI, Valentino. *Häring: Uma autobiografia à maneira de entrevista*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SESBOÜÉ, Bernard. *O magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOBRINO, Jon CONGAR, Yves. *A consciência crítica na Igreja: o discernimento Cristão*. Petrópolis: Vozes, 1979.

TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2018.

TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020.

TRASFERETTI, J. A.; ZACHARIAS, R. *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*. São Paulo: Paulus, 2023.

VV. AA. *Práxis Cristã. Introdução Moral Fundamental*. Trad: Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983. Vol. 1.

VALENTINI, Dom Demétrio. *Revisitar o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Bernhard Häring: um renovador da moral católica*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2003.

VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*. São Paulo: Paulus, 2019.

ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Formação integral: por uma cultura do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2023.

ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e moral: história, interpretação e perspectivas*. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

Teses e dissertações

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Consciência moral e pós-modernidade: discernir, decidir e agir à luz de uma ética das virtudes*. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18391/1/Andre%20Luiz%20Boccato%20de%20Almeida.pdf>>. Acesso em 13 maio 2021.

ARAÚJO, José William Corrêa de. *A noção de consciência em Bernhard Häring e sua contribuição a atual crise de valores*. 2007. 365 f. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação, Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039415.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2021.

BAUNGART, Thais de Assis Antunes. *Grupo de crescimento psicológico na formação sacerdotal: pertinência e possibilidades*. 2010, 240 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/424/1/Thais%20de%20Assis%20Antunes%20Baungart.pdf>>. Acesso em 17 out. 2021.

MORAES, Karolayne M.V.C. *A formação da consciência no contexto pós-moderno. Uma análise da cristologia de José M^a. Castilho como proposta para uma ética cristã renovada*. Orientador: André Luiz Boccato de Almeida, 2023, p. 78. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Teologia PUC-SP. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18271/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Almeida%2C+Andr%C3%A9+Luiz+Boccato+de>>. Acesso em 20 nov. 2023.

PAIVA, Fernando Maio de. *Consciência moral em Jhon Henry Newman: como via para chegar à fé e ao conhecimento de Deus, a partir de An essay in aid of a frammar of assente*. Faculdade de ciências humanas da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2013. p. 80. Dissertação de mestrado. Disponível em: < <https://ciencia.ucp.pt/en/studentTheses/consci%C3%AAncia->

moral-em-john-henry-newman-como-via-para-chegar-%C3%A0-f%C3%A9->. Acesso em 20 ago. 2023.

PAULA, José Rogério Machado de. *Valores e pós-modernidade na formação do clero católico*. 2001, 219 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-29052002-155615/publico/tde.pdf>>. Acesso em 05 out. 2021.

MESCHIATTI, Jose Eduardo. *Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero : o Seminário Católico antes e depois do Concílio Vaticano II*. 2008. 283p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251823>>. Acesso em 13 out. 2021.

Verbetes de Dicionários

VEREECKE, L. *História da Teologia Moral*. In: COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore (orgs.). *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 562-583.

AZPITARTE, E. L. “*Discernimento moral*”. In: COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. (orgs.). *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 229-239.

PRIVITERA, S. “*Consciência*”. In: COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. (orgs.). *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 137-153.

MASSERONI, E. *Vocação e vocações*. In: COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. (orgs.). *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 1316-1327.

PASSOS, João Décio. *Diálogo*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, pp. 266-274.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et Spes*. PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, pp. 395-400.

ANJOS, Márcio Fabri dos. *Bernhard Häring*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, pp. 425-426.

WEBSTER, J. *Consciência*. In: LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 426-430.

Artigos

ALMEIDA, André L. B. FERREIRA, Lúcia E. MELO, Aloisio. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 36, n.1, Jan-Abr 2021, pp. 153-172. Disponível em <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1647>> Acesso em 20 set. 2022.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Papa Francisco e o específico da teologia moral. *Análise do discurso à academia Afonsiana pelos seus 70 anos de fundação*. *Revista de cultura teológica*. São Paulo, n. 98 Jan/Abr 2021, p. 168. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/52404>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

ALMEIDA, J. M. P. DE. Percursos da teologia moral. *Didaskalia*, Lisboa. v. 42, n. 2, p. 123-143, 1 jun. 2012. Disponível em <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2326>> Acesso em 01 out. 2022.

BANDIL, Regis Soczek; FERNANDES, Marcio Luiz. *Elementos fundamentais da nova ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*. In: I Congresso Humanitas: I Congresso Internacional do PPGT e XIII Congresso de Teologia PUCPR. Anais... Curitiba(PR) PUCPR, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/humanitaspucprteo/122844-elementos-fundamentais-da-nova-ratio-fundamentalis-institutionis-sacerdotalis>. Acesso em 28 nov. 2023.

COUTINHO, Vitor. Consciência e liberdade: à luz da doutrina do Concílio Vaticano II. Portugal, Lisboa: Faculdade de Teologia UCP Didaskalia XLII (2012)2, p. 145. Jul. Disponível em: < <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2327>> Acesso em 25 jun. 2023.

COUTINHO, V. *Uma sombra que suaviza e uma proximidade que cura: repensar a ética teológica*. Entrevista a Antonio Autiero. *Humanística e Teologia*, v. 32, n. 1, p. 9-35, 1 jan. 2011. Disponível em: < <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/8514>> Acesso em 16 set. 2023

DEGISLANO, de Lima Nóbrega; SILVA, Pedro. A eclesiologia do Vaticano II: antecedentes e deslocamentos histórico-teológicos. *Revista Fronteiras*, Recife, v. 4, n. 1, p. 231-349, JAN/JUN 2021. Disponível em <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1915>> Acesso em 28 ago. 2022.

KÜNG, Hans, “*O Concílio esquecido?*”. In: *Concilium- Revista Internacional de Teologia*, no. 312 – 2005/4, (Nijmegen – Holanda). Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, Edição Portuguesa, pp. 139 [563]-140 [564].

MELLONI, Alberto. “*O que foi o Vaticano II? Breve guia para os juízos sobre o concílio*”. In: *Concilium Revista Internacional de Teologia* no. 312 – 2005/4, (Nijmegen – Holanda) Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, Edição Portuguesa, pp. 34 [458].

MARRONE, Domenico. *O sistema abusivo na Igreja: consciência, poder e sexo*. Instituto Humanitas Unisinos (15/09/2022). Disponível em:

<<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621970-o-sistema-abusivo-na-igreja-consciencia-poder-e-sexo-artigo-de-domenico-marrone>>. Acesso em 05 nov. 2023.

ROSA, Luis Carlos Dalla; WOLFART, Graziela. O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 401. 03 Set 2012. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4614-jose-roque-junges-3>>. Acesso em 10 maio. 2022.

RUBIO, Miguel. *Actualidad del espíritu alfonsiano em la presentación de la moral em nuestros días*. Moralia, v. 34, n. 129, pp.7-36. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/277954>> Acesso em 25 set. 2022.